



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
TECNOLÓGICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**

IGOR OLIVEIRA DA SILVA

**SUJEITO *QUEER* E BIOGRAFIA ERRANTE NO CENÁRIO MUSICAL
SANTARENO NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI: gênero e indivíduo no
interior da Amazônia**

**SANTARÉM - PARÁ
2023**

IGOR OLIVEIRA DA SILVA

**SUJEITO *QUEER* E BIOGRAFIA ERRANTE NO CENÁRIO MUSICAL
SANTARENO NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI: gênero e indivíduo no
interior da Amazônia**

Dissertação apresentada para a banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Sociedade pela Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA.
Orientador: Prof. Dr. Rubens Elias Duarte Nogueira.

**SANTARÉM - PARÁ
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

- S586s Silva, Igor Oliveira da
 Sujeito queer e biografia errante no cenário musical santareno na segunda década do século XXI gênero e indivíduo no interior da Amazônia./ Igor Oliveira da Silva. – Santarém, 2023.
 165 p. : il.
 Inclui bibliografias.
- Orientador: Rubens Elias Duarte Nogueira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade.
1. Gênero. 2. Identidades. 3. QUEER. 4. Amazônida. 5. Artivismo. I. Nogueira, Rubens Elias Duarte, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 306

Bibliotecária - Documentalista: Giselle Oliveira – CRB/2 596

IGOR OLIVEIRA DA SILVA

**SUJEITO *QUEER* E BIOGRAFIA ERRANTE NO CENÁRIO MUSICAL
SANTARENO NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI: gênero e indivíduo no
interior da Amazônia**

Dissertação apresentada para a banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Sociedade pela Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA.
Orientador: Prof. Dr. Rubens Elias Duarte Nogueira.

Data da Aprovação **13/11/2023**

Prof. Dr. Rubens Elias Duarte Nogueira - Orientador
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade - UFOPA

Prof. Dr^a. Luciana Gonçalves de Carvalho
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade - UFOPA

Prof. Dr^a. Gloria de Lourdes Freire Rabay
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - PPJ/UFPB
Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas - PPGDH/UFPB

Prof. Dr^a. Ana da Conceição Veloso
Programa de Pós-graduação em Comunicação - PPGCOM/UFPE

Prof. Dr^a. Valéria Pereira Bastos
Programa de Pós-Graduação em Serviço Social - PUC-RJ

Dr. José Mariano Neto
Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas - PPGDH/UFPB

Fauzi Elesbão Felipe
Servidor do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba - Seção Direitos Humanos e Direitos LGBTQIAPN+ (Convidado Especial)



Universidade Federal do Oeste do Pará
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica
Instituto de Ciências da Sociedade
Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade
Mestrado Acadêmico em Ciências da Sociedade



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ao décimo terceiro dia do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e três, às 14h10min, no campus Tapajós, sala REMOTA, instalou-se a banca examinadora de DEFESA de dissertação de mestrado do aluno **IGOR OLIVEIRA DA SILVA**. A banca examinadora foi composta pelos professores Dr^a LUCIANA GONÇALVES DE CARVALHO, UFOPA, examinador interno, Dr^a GLORIA DE LOURDES FREIRES RABAY (PPGDH/UFPB), JOSÉ MARIANO NETO (NCDH/UFPB), Dr^a ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO (PPGCOM/UFPE) e Dr^a VALÉRIA PEREIRA BASTOS (PPGSS/PUC-RIO) examinadores externos, e Dr RUBENS ELIAS DUARTE NOGUEIRA(PPGCS/UFOPA), **orientador**. Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte do Orientador, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, passou de imediato ao mestrando para que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada **“SUJEITO *QUEER* E BIOGRAFIA ERRANTE NOCENÁRIO MUSICAL SANTARENO NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI: gênero e indivíduo no interior da Amazônia”**, marcando um tempo de duas horas e 10 minutos para a apresentação. Concluída a exposição, o Prof. Dr. RUBENS ELIAS DUARTE NOGUEIRA, presidente, passou a palavra aos examinadores, para arguirem o candidato. Após as considerações sobre o trabalho em julgamento, foi **APROVADO** o candidato, conforme as normas vigentes na Universidade Federal do Oeste do Pará. A versão final da dissertação deverá ser concluída no prazo de trinta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção anexa, sob pena de o candidato não obter o título se não cumprir as exigências acima. Para efeito legal segue a presente ata assinada pelo professor orientador, pelos professores avaliadores e pelo mestrando.

Orientador:

Documento assinado digitalmente
 RUBENS ELIAS DUARTE NOGUEIRA
Data: 15/11/2023 16:09:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. RUBENS ELIAS DUARTE NOGUEIRA
Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade (PPGCS)
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Avaliadora Interna:

Documento assinado digitalmente
 LUCIANA GONÇALVES DE CARVALHO
Data: 15/11/2023 18:41:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. LUCIANA GONÇALVES DE CARVALHO
Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade (PPGCS)
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)



Universidade Federal do Oeste do Pará
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica
Instituto de Ciências da Sociedade
Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade
Mestrado Acadêmico em Ciências da Sociedade



Avaliadores Externos:

Documento assinado digitalmente
gov.br GLORIA DE LOURDES FREIRE RABAY
Data: 15/11/2023 20:04:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr^a. GLORIA DE LOURDES FREIRE RABAY
Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas
(PPGDH)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA MARIA DA CONCEICAO VELOSO
Data: 22/11/2023 11:59:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr^a ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO
Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Documento assinado digitalmente
gov.br VALERIA PEREIRA BASTOS
Data: 15/11/2023 21:14:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr^a VALÉRIA PEREIRA BASTOS
Programa de Pós-graduação em Serviço Social (PPGSS)
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO)

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE MARIANO NETO
Data: 23/11/2023 08:58:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. JOSÉ MARIANO NETO
Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos (NCDH)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
gov.br IGOR OLIVEIRA DA SILVA
Data: 15/11/2023 18:22:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

IGOR OLIVEIRA DA SILVA
Mestrando(a)

Aos meus amores pela compreensão,
carinho e paciência.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Rawi por ter aceitado fazer parte desta pesquisa e ter aberto sua intimidade e história para mim, todo sucesso do mundo para você amigo. Ao meu orientador e amigo Rubens Elias, por ter me acolhido nos momentos de dificuldade e ansiedade, contigo aprendi o que é ser um orientador de verdade. Aos meus maridos, Paulo Ricardo e Antônio João por terem encarado essa jornada comigo, aguentando todos os estresses e raivas que eu causei a vocês. Ao meu namorado Anderson Alencar por ter junto com Paulo e Antônio aguentado os perrengues nos momentos de raiva. A Raiana Ferrugem, que antes de ser minha professora durante a graduação sempre foi minha amiga e contribuiu de formas inimagináveis para meu desenvolvimento como sujeito e pesquisador. A Loren Fernandes, Daniela Americo, Dyedre Pedrosa e todos os meus amigos que não escrevi aqui, mas que acreditaram no meu potencial mesmo nos momentos em que eu não conseguia ver nada além dos traumas. Aos meus avós, Manoel Moraes e Leonita Oliveira, que sempre acreditaram nos meus estudos. A minha mãe e melhor amiga, Claudia Cilene, por ter sonhado junto comigo e apoiado meus projetos. Agradeço a minha banca avaliadora tanto de qualificação quanto de defesa, e a todos os presentes durante ambas as bancas, estar diante de vocês foi uma forma de colocar à prova meus conhecimentos e teorias, e vocês me mostraram que estou no caminho certo. Também agradeço a Fundação de Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) pela bolsa de estudos, que possibilitou o desenvolvimento pleno da pesquisa ao longo do curso.

“É assim que a gente se acha, só assim na verdade para dar conta dessa correnteza né, que puxa a gente para longe disso. Porque se não fosse pelos agrupamentos, por essas correntes que a gente vai unindo, nada disso ia acontecer, porque a gente não tem oportunidade”.
(Rawi, 2022)

RESUMO

Este trabalho debruça-se sobre o sujeito *queer* e o conceito de biografia errante de Rawi, artista LGBTQIAPN+ santareno autoidentificado como sujeito *queer*, a construção de sua identidade enquanto sujeito e artista em Santarém, interior da Amazônia Paraense, e suas performances em espaços direcionados ao público LGBTQIAPN+. O objetivo geral da pesquisa é compreender a construção da identidade *queer* amazônica do artista Rawi, analisando as experiências subjetivas e performáticas no cenário *queer* da cidade. Como as identidades periféricas se constroem em contextos sociais onde a hegemonia masculina domina, cria sentidos e distribui poderes; Compor elementos estéticos do *queer* amazônica e suas estratégias de autonomia e resistência em contextos interioranos. e as possibilidades abertas a partir das performances destes sujeitos tem impacto positivo na construção de novas identidades daqueles que acompanham o trabalho destes artistas. A perspectiva abordada neste processo é fundamentada nas escritas da teoria *queer*, sexualidade e identidade. As metodologias utilizadas foram os questionários abertos, conversas, observação participante e a escrita etnográfica. A organização procedimental para realização da pesquisa foram os registros visuais produzidos pelo autor e do acervo pessoal do artista. A autoidentidade de Rawi dialoga com o próprio fluxo das águas e sua dimensão simbólica. A sua identidade fluida “brinca” com os elementos da masculinidade, colocando-a de cabeça para baixo. A subjetividade aí se enuncia e coloca Rawi no meio do palco da condição da identidade *queer* na modernidade.

Palavras-Chave: gênero. identidades. *queer*. amazônica. ativismo.

ABSTRACT

This work focuses on the queer subject and the concept of the wandering biography of Rawi, an LGBTQIAPN+ artist from Santarém self-identified as a queer subject the construction of his identity as a subject and artist in Santarém, in the interior of the Amazon region of Pará and his performances in spaces aimed at public LGBTQIAPN+. The general aim of the research is to understand the construction of the Amazonian queer identity of the artist Rawi, analyzing the subjective and performative experiences in the city's queer scene. How peripheral identities are constructed in social contexts where male hegemony dominates creating meanings and distributing powers; Compose aesthetic elements of queer Amazonians and their strategies of autonomy and resistance in interior contexts; and the possibilities opened up by these subjects' performances have a positive impact on the construction of new identities for those who follow these artists' work. The perspective addressed in this process is based on the writings of queer theory, sexuality and identity. The methodologies used were open questionnaires, conversations, participant observation and ethnographic writing. The procedural organization for carrying out the research was the visual records produced by the author and from the artist's personal collection. Rawi's self-identity dialogues with the flow of waters and their symbolic dimension. His fluid identity "plays" with the elements of masculinity, turning it upside down. Subjectivity is expressed there and places Rawi on the floor of the condition of queer identity in modernity.

Keywords: gender; identities; queer; amazonian; activism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Rawi em palco.....	24
Figura 2 - Orla de Santarém, bancos e caminhantes.....	28
Figura 3 - Cantos escuros e desejos proibidos.....	32
Figura 4 - O antropólogo maldito.....	39
Figura 5 - <i>Card</i> de divulgação do evento.....	45
Figura 6 - A frente do Sonora.....	48
Figura 7 - A pulseira do evento.....	49
Figura 8 - A apresentadora do evento.....	52
Figura 9 - Rawi sobe ao palco.....	54
Figura 10 - Rawi retira o manto.....	56
Figura 11 - Facão que manifesta desejos.....	61
Figura 12 - Rawi, o arte de bicha.....	62
Figura 13 - Divulgação do festival Tapajós Vivo no <i>Instagram</i>	118
Figura 14 - A praia, o show e público.....	119
Figura 15 - Adrew Só.....	121
Figura 16 - O palco sendo desmontado.....	123
Figura 17 - O encanto se inicia, a cobra grande veio te buscar.....	147

LISTA DE SIGLAS

FAPESPA	Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Poliafetivos, Não Binários e todos os demais grupos e variações de sexualidade e gênero que fogem da heteronormatividade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UEPA	Universidade Estadual do Pará
IESPES	Instituto Esperança de Ensino Superior
UNAMA	Universidade da Amazônia
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná
UNIP	Universidade Paulista
IFPA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros
PPGCS	Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade
NUPEAM	Grupo de Pesquisa em Gestão Socioambiental de Recursos Hídricos e Pesqueiros na Amazônia
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 - Construção do objeto de pesquisa e performances metodológicas.....	26
Espaços de sociabilidade Queer em Santarém, Pará.....	26
A ambiguidade potente de estar homossexual e pesquisar “seu campo”: quais metodologias aquendar?.....	32
A construção do pesquisador num campo nem tão distante assim.....	38
Primeiro Relato - Experiência Subjetiva no cenário Queer em Santarém.....	44
Notas Sobre este ensaio etnográfico.....	57
CAPÍTULO 2 - Rawi, Biografia Errática, possibilidades de existência e resistência.....	59
Rawi, o arte de bicha.....	59
Narrativas de si - o objeto por ele mesmo.....	63
Possibilidades de existência política, representatividade e dissidências.....	106
Biografia Errática, sujeitos performáticos e os papéis sociais.....	112
CAPÍTULO 3 - A "experiência" queer em espaço urbano no interior da Amazônia.....	116
Segundo Relato - Um Reencontro na Orla.....	117
“Toda colocada”: identidade queer amazônida.....	125
Ser um sujeito politicamente engajado no interior da Amazônia.....	131
Principais dificuldades encontradas: nem tudo é purpurina.....	134
Uma nota de atualização - sobre dificuldades contínuas.....	143
Considerações finais ou o texto que nunca finda.....	145
REFERÊNCIAS.....	150
ANEXOS.....	158
ANEXO 1 - TCLE Assinado.....	159
ANEXO 2 - Modelo de Conversas Semiestruturadas.....	162
ANEXO 3 - E-mail de Denúncia a Ouvidoria.....	163

INTRODUÇÃO

Antes mesmo de iniciar a apresentação do trabalho propriamente dito, faz-se necessário contextualizar que este tem seu desenvolvimento em meio a uma crescente onda de conservadorismo. O Brasil passou por uma instabilidade política e ascensão do neoliberalismo ao poder desde o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff em 2016. Primeiramente com o mandato de Michel Temer e o corte dos direitos trabalhistas e posteriormente com a ascensão de Bolsonaro ao poder se utilizando dos mecanismos estatais e das brechas nas regulamentações das mídias sociais. Esta instabilidade política, institucional e social exigiu a mobilização política das minorias sociais como, mulheres, LGBTQIAPN+, negros, indígenas, posto que constantes ataques direcionados para estes grupos minoritários, o que fomentou o aumento nas articulações políticas necessárias para que se pudesse sobreviver a este momento histórico do país.

Lembro-me perfeitamente da sensação que senti ao saber da vitória de Bolsonaro nas eleições de 2018. Estava em frente ao Museu João Fona sentado na beira da praia com uns amigos discutindo sobre o livro “O Senhor da Chuva” de André Vianco, a comemoração dos apoiadores dele em frente a cidade me causou um aperto no peito, uma sensação de desespero e tristeza. Lembro ainda de virar para os meus amigos e parafrasear a personagem de *Star Wars*, Padmé Amidala, “É assim que a liberdade morre. Com um estrondoso aplauso”. Daquele momento em diante, a tristeza e a incredulidade se instalou no grupo, todos decidimos voltar às nossas casas e tentar digerir o momento que estávamos vivendo e que passaríamos a viver a partir de então.

A saída das sombras do neofacismo brasileiro (BOITO JR, [2020](#)) teve um impacto direto sobre a existência das pessoas mais pobres e pertencentes a grupos minoritários historicamente perseguidos. Os discursos de ódio se acentuaram consideravelmente, saíram dos confins da internet onde habitavam os *fóruns* mais obscuros e tomaram a grande mídia hegemônica, além de abrirem espaço nos grupos de *Whatsapp* principalmente das pessoas mais velhas, que alimentadas pelo pânico moral, passaram a ver todo desvio da norma como um potencial ataque e o fim de tudo.

Essa onda conservadora tem como uma de suas teorias conspiratórias a tão temida “ideologia de gênero” (FRANCHI e NASCIMENTO, 2020). Essa teoria

conspiratória tem sua origem no seio da Igreja Católica (MISKOLCI e CAMPANA, [2017](#)), aliada a um fundamentalismo neopentecostal (SILVA, [2020](#)) e a ideologia neoliberal, como forma de combater as políticas progressistas do campo reprodutivo e feminista que estavam em ascensão naquele momento, sendo mais intensificadas no Brasil após a conquista de famílias LGBTQIAPN+ dos direitos da união estável e casamento civil, ferramentas do Estado e não de uma instituição religiosa.

A ideologia de gênero, impulsionada nas e pelas “*fake news*”¹ propagadas pelo então governo de Jair Bolsonaro no Brasil (2018 - 2022), tomaram proporções inimagináveis, desde repetidas ao vivo em período eleitoral na tv aberta como o dito “kit gay”(MARANHÃO F.; COELHO; DIAS, [2018](#)), até às propagadas através de disparos em massa nas redes sociais e principalmente nos grupos de *Whatsapp* e *Telegram*. Essas questões, alinhadas com a fanatização da população, um lema abertamente fascista (SINGER, [2020](#)), e o crescente medo do “fantasma do comunismo”, empurraram todos os estudos de gênero para um local marginalizado no imaginário popular, onde todos que “militam” e propõem novas formas de pensar essas questões estão tentando “induzir” outros sujeitos a serem homossexuais, transgêneros ou mesmo sexualizando as crianças precocemente, enquanto buscam destruir a “família tradicional” brasileira.

Considero o bolsonarismo como neofacismo brasileiro devido ao forte teor religioso, seu saudosismo por um passado dito glorioso, apego a uma imagem deturpada de nacionalismo que saudava a bandeira norte americana, a centralização da propaganda na imagem de um grande líder predito como salvador e representante máximo dos ideais do grupo e o forte discurso do “nós contra eles”, sendo o nós o ideal normatividade de família e bons costumes e o eles como todos os outros sujeitos incapazes de serem vistos como parte do grupo dominante, comumente brancos, classe média, heterossexuais e cisgêneros².

Estando bem localizados nesse contexto brasileiro, cabe dizer que a presente dissertação de mestrado debruça-se sobre a construção social do Rawi, artista LGBTQIAPN+ santareno autoidentificado como *sujeito queer*, e seu processo de construção de sua identidade enquanto sujeito e artista politicamente engajado

¹ O termo americano se popularizou no Brasil após a utilização massiva pelas mídias hegemônicas e alternativas (Maranhão F. ; COELHO; DIAS, [2018](#)). Pode ser traduzido diretamente como “notícias falsas”, ou simplesmente mentiras. Sua utilização visa enviesar o senso comum acerca de algum tema em específico.

² Cisgênero é a pessoa que sua identidade de gênero autodeclarada e seu sexo anatomico estão em concordância. (ALVES, [2017](#)).

em Santarém, um dos principais centros regionais no interior da Amazônia (PEREIRA, 2009). O artista fabrica a estética de suas performances, misturando elementos do *pop* nacional e internacional com outros elementos visuais, a exemplo das vestimentas de carimbó, como o chapéu de palha e as saias de chita, até mesmo o facão que nomeia seu primeiro álbum, “Facão que Abre os Caminhos³”, fazem parte agora de uma construção identitária que subverte os papéis de gênero, tanto aos que se aplicam a si, quanto para as suas vestes e ferramentas.

Tal pesquisa engloba em si os estudos da teoria queer, gêneros e sexualidades, com enfoque na construção da identidade LGBTQIAPN+ enquanto ferramenta de resistência (BRANCO, 2001) ao poder, pensando ainda suas produções estéticas, culturais e identitárias como resultantes de luta e subversão do padrão hegemônico imposto sobre os sujeitos. Hegemonia aqui se define como a liderança cultural-ideológica de uma determinada classe ou sociedade sobre as outras (DE MORAES, 1997). Suas formas de dominação sobre os sujeitos subalternizados se transformam ao longo da história e podem mesmo ter formas distintas em um mesmo tempo, mas em territórios diferenciados.

O presente tema ainda é pouco debatido no contexto interiorano, tendo suas principais produções direcionadas às capitais (PINHEIRO, 2014). Santarém é uma cidade do oeste paraense, tem pouco mais do que 331 mil habitantes, mas se mostra um espaço interessante para o debate acerca das identidades LGBTQIAPN+, uma vez que mesmo com sua densidade demográfica considerável, mantém forte influência de pensamentos conservadores e preconceituosos (GODINHO, 2019). A sociabilidade homoerótica⁴ (MISKOLCI, 2009) é condicionada a espaços específicos dentro da cidade, tanto públicos quanto privados, com destaque especial para os bares, boates e empreendimentos abertamente “*gay-friendly*” que se instalaram nos últimos anos em Santarém.

Somando-se a este fato, temos a popularização das redes sociais, principalmente o *instagram*, como meio de divulgação e promoção da arte “transgressora” de artistas LGBTQIAPN+. Tal movimento midiático promove essa

³ O álbum de Rawi, está disponível em todas as plataformas de *Streaming* de música, sendo possível também ver sua produção visual no Youtube em formato de filme no seguinte link:

▶ Álbum Visual Facão Que Abre os Caminhos - O Filme

⁴ A noção de sociabilidade homoerótica que emprego aqui não se resume unicamente a relações de cunho sexual entre pessoas do mesmo sexo, mas também, troca de afetos, buscas por companhias, amizades, relações matrimoniais e etc. Mas tendo em vista ainda, o desejo pelo corpo do mesmo sexo, o mesmo a busca pelo prazeres proibidos nos espaços hegemônicos.

visibilidade como ferramenta de enfrentamento às forças hegemônicas. Intitulando-se então como "ativismo" (COLLING, 2018), estes artistas abrem espaço para novas possibilidades identitárias que vão além do binarismo cisgênero, rompendo muitas vezes até com a padronização de afetos e sexualidades aos quais estavam submetidos anteriormente.

As principais hipóteses que trago para este trabalho são: (1) A identidade transgressora / *queer* se constrói intersubjetivamente através das negociações sujeito e sociedade e com o circuito de amizades que trabalham durante as produções e, a partir desta produção, protagonizam lutas políticas de enfrentamento e transformação das identidades masculinas hegemônicas. (2) As possibilidades abertas a partir das performances LGBTQIAPN+ têm impacto positivo na construção de novas identidades dos sujeitos que assistem / acompanham o trabalho destes ativistas.

Os estudos de gênero, sexualidade e identidades sempre me foram de grande interesse, ainda mais com a sua aproximação com as artes através do que vem sendo conhecido como ativismo, produções artísticas engajadas politicamente na luta pela construção de novas formas de ser e estar no mundo que fogem do binarismo cisgênero heterossexual. Com a ascensão das redes sociais e a popularização do acesso a internet, os artistas LGBTQIAPN+ politicamente engajados têm maior visibilidade de seus trabalhos e fomentam essas possibilidades. Crescer uma criança viada⁵ com poucas referências de homossexuais na tv e na música, que não fossem *chacota*⁶ ou pejorativos, limitou minha identidade a um padrão muito heteronormativizado, uma vez que as principais referências eram sempre construídas a partir dessa hegemonia instituída na totalidade social (MAUSS, 2008) .

Ao longo do tempo, com os novos artistas se tornando famosos e tendo maior visibilidade midiática, comecei a questionar o impacto destas identidades na construção das novas gerações LGBTQIAPN+. E, a posteriori, percebi que não somente a identidade jovem é construída a partir da interrelação entre o meio social e o sujeito como também a identidade adulta pode e é afetada por esta relação, uma

⁵ O uso do termo "viado", por muitos visto como pejorativo, por mim não o é. Uma vez que foi com este termo que ganhei meu respeito familiar, enquanto me definia como "homossexual" ou mesmo "gay", sempre ouvia a clássica expressão "é apenas uma fase, vai passar".

⁶ A expressão "chacota" tem cunho pejorativo, ser chacota é o mesmo que ser o motivo da risada e deboche dos demais indivíduos. A "piada" do grupo, aquele que não tem o respeito de seus pares.

vez que observando a mim mesmo, pude perceber a transformação ao longo do tempo e tudo que se possibilitou com a ascensão destas identidades divergentes nas mídias hegemônicas.

Posso aqui citar alguns trabalhos sobre a identidade destes artistas *mainstream* que, alguns de forma inconsciente, acabam por possibilitar e fomentar esta ascensão das identidades dissidentes para o público que os acompanha. Começando por Pablio Vittar e Gloria Groove (CARDOSO FILHO, [2018](#)), artistas que questionam as noções binárias de homens e mulheres, tensionando as questões de feminilidade e masculinidades dominantes, que se colocam a todo momento sobre suas existências. Ambos os artistas fazem parte do movimento *Drag Queen*, manifestação artística que pode ser utilizada como exemplo da performatividade dos papéis de gênero aos quais estamos todos submetidos. Durante suas apresentações estão “montadas”⁷ de mulheres, utilizando perucas, acessórios e maquiagem comumente associadas ao gênero feminino, seus gestos são também próprios do que a hegemonia definiria como mulher. Esta tensão gerada por artistas como estes, é facilmente observável no discurso que provém de seu público, que muitas vezes não sabe qual artigo utilizar quando estão falando destes.

Johnny Hooker, artista pernambucano, constrói sua identidade na relação intersubjetiva entre ele e seu público. Em seus videoclipes e performances ao vivo, segundo Janoti Jr e Alcantara ([2016](#)), a identidade apresentada na performance relaciona os questionamentos “quem eu sou?” e “quem tu és?”. Há aqui uma apresentação da identidade que se materializa a partir do artista e o retorno que seu público lhe proporciona, esta construção precisa do reconhecimento do outro para que a percepção própria do artista possa se transformar. Há sempre uma nova identidade a cada trabalho que ele desenvolve, demarcando-a como um processo nunca finalizado.

Liniker se utiliza de sua identidade de forma política dual, onde justapõe a interseccionalidade entre o conceito e condição de ser negro e ser trans, redimensionando o debate de gênero a novas camadas e estigmas (GOFFMAN, 2009) não somente como parte de suas performances, mas levando esta luta para o seu dia a dia. Enquanto ainda se identificava como sujeito não binário, Liniker

⁷ Se montar é o nome dado a produção das *dragqueens* antes de suas apresentações. Onde os artistas masculinos se despem de sua masculinidade e assumem roupas, traços e jeitos femininos.

assumia uma postura de contraposição, entre o que ela permite ser observado pelos outros e o que os outros pressupõem sobre a sua identidade (BITTENCOURT, [2017](#)). Hoje, com se afirmando como mulher transgênero, a artista segue seu enfrentamento político tanto performático quanto diário, há sempre a necessidade de vigiar e resistir para não ser subjugada pela visão externa a sua subjetividade.

Aproximando-se cada vez mais do espaço onde esta pesquisa é desenvolvida temos o trabalho de Jaloo, artista não binário que além de ator, é produtor musical e cantor, misturando os ritmos do *pop* internacional com a sonoridade tradicional do Pará. Para GOLOBOVANTE ([2017](#)), o trabalho deste artista junto com outros paraenses, problematiza a noção de “ser amazônica” ou mesmo do que se entende como sendo “amazônia”. Em seu clipe de “Chuva⁸”, música originalmente produzida pela cantora Gaby Amarantos, Jaloo dança com roupas leves, que podem ser facilmente consideradas femininas, ao mesmo tempo que sua maquiagem e movimentos o transformam em uma entidade em meio a floresta, pedreira e o rio. Sua apresentação nos coloca uma oposição à visão estereotipada dos meios hegemônicos do que é a Amazônia, um lugar ermo e esvaziado de subjetividades. A Amazônia de Jaloo é rítmica, fluida, espiritual e mágica, ao fim de sua releitura da música de Gaby, entoa um dos versos de carimbó mais conhecidos “o lua luar, me leva contigo pra passear”, enquanto suas vestes se movimentam com o vento e personificam uma tempestade em forma de entidade mística, reafirmando o patrimônio cultural paraense ao mesmo tempo que o reveste em magia.

Cada um destes artistas, incluindo outros aos quais eu desconheço, em sua própria forma de engajamento político possibilitam a construção de novas identidades através da relação que seu público tem com eles e através da identificação e relação positiva que constroem com essas pessoas. Mesmo nas cidades interioranas, a cultura popular é constantemente difundida pelas mídias sociais, o sujeito desviante do interior tem acesso a quase todas as manifestações artísticas e culturais que aquele que está na grande metrópole devido a popularização da internet como plataforma de difusão. A mídia hegemônica, mesmo que com seu papel ainda dominante para algumas classes sociais, principalmente as mais baixas, já não exerce o monopólio do que pode ou não ser visto, o que abre

⁸ Clipe disponível no link [Jaloo - Chuva \(Clipe Oficial\)](#), contando com mais de três milhões de visualizações até o mês de março de 2023.

novas possibilidades de identificação e questionamentos que botam em cheque a noção da masculinidade hegemônica (KIMMEL, [1998](#)).

A hegemonia, sistema que controla e define os padrões que devem ser buscados pelos sujeitos inseridos na sociedade, sempre se reinventa para manter, em certo grau, o controle e a busca por uma idealização inalcançável para os corpos dissidentes. Para se pensar as características tanto dessa masculinidade quanto da feminilidade, é preciso pensar sempre no plural (BOURDIEU, 2014), masculinidades e feminilidades. Por mais que se costume utilizar o singular para designar a hegemonia, é necessário ter consciência de que, em cada sociedade ou mesmo em cada grupo social, a forma dominante que estas duas categorias se apresentam são variáveis, gerando a pluralidade ao qual me refiro aqui, aproximando-se ao conceito de campo e *habitus* em Bourdieu (2006). Sendo assim, mesmo quando me referir à hegemonia masculina no singular, tenha em mente que estou a trabalhar uma masculinidade específica dentro deste grupo plural e heterogêneo.

Dentro da comunidade LGBTQIAPN+ a masculinidade hegemônica, comumente se assemelha aos padrões comportamentais, afetivos e sexuais das pessoas cisgênero heterossexuais, construindo identidades domesticadas que, em busca de algum reconhecimento ou aceite perante a sociedade reproduz as características de seus opressores (COSTA E NARDI, [2015](#)). Essas características reproduzidas comumente são chamadas de heteronormatividade, um conjunto de regras e condutas as quais o sujeito se submete em busca de aceitação. Uma espécie de lista de checagem onde se verifica o que se é ou deixa de ser, que é instituída e corporificada ao longo do processo de socialização e construção de sujeitos.

Uma identidade heteronormativizada é aquela que se adequa aos padrões exigidos por esta norma. Que segue a risca um sistema padronizado de sexo e gênero, tido como “natural”, onde o sujeito que nasceu macho / fêmea, tornou-se homem / mulher, e sua orientação sexual e afetiva é destinada exclusivamente pelos sujeitos de gênero oposto ao seu (SEFFNER, [2013](#)). Suas vestes, modo de ser agir e sentir no mundo, expressões de afetos e sentimentos são controladas por este sistema sexo gênero, homens não podem ter jeitos femininos, seus cabelos não podem ser longos, unhas não podem estar pintadas, ao falar não devem gesticular demais.

Todo o padrão comportamental que é esperado destes indivíduos (os papéis de gênero), são bem definidos e amarrados por um sistema social que exerce poder sobre os corpos tanto de homens quanto de mulheres. Para Bourdieu (2014), a manutenção deste sistema de opressão se encontra na internalização dos subalternos de que o seu papel é inferiorizado, em contraste ao tido como o padrão superior a ser alcançado no que diz respeito às identidades. Auxiliado pela violência simbólica que este sistema constrói dentro da perspectiva intersubjetiva, posto que relacional, são nos signos e significados que podem ser identificados e compreendidos por quem sofre a repressão social, que se demonstram as relações entre o opressor e o oprimido.

Para Kimmel (1998), a masculinidade que exerce esta dominação sobre os demais indivíduos, tanto homens quanto mulheres, não deve ser entendida como um padrão singular que se repete em todas as sociedades, coletivos ou mesmo grupos sociais. Precisamos pensar no plural, uma vez que a construção desta é influenciada pelo meio social e cultural ao qual está inserida, mas não somente, sua construção enquanto padrão hegemônico é feita em dois campos simultâneos dentro da sociedade. Primeiro na relação entre homens e mulheres, o que o autor nomeia como relações de desigualdades de gêneros, e segundo na relação entre homens e outros homens, através da discriminação racial, sexual, étnica, etária e etc.

A hegemonia é um poder exercido pela classe dominante sobre os subalternos, poder este que se materializa na noção de superioridade cultural, social, moral, ética e demais formas de submissão. Podendo ser ainda uma forma de controle ideológico sobre o subalternos de forma a fazer a manutenção dos privilégios das classes dominantes sobre os demais (MORAES, 2010), uma vez que todas as ferramentas midiáticas sejam majoritariamente utilizadas pela burguesia para disseminar seus ideais, também é utilizada para a construção dos ideais de sexualidade e moralidade, além dos padrões de consumo, dos sujeitos da sociedade capitalista.

Sendo assim, as masculinidades hegemônicas são construídas em consonância com os ideais dominantes da sociedade ao qual estamos buscando analisar e entender. Através das mais diversas mídias (imprensa, jornalismo, televisão, produções audiovisuais, livros físicos ou digitais, músicas, histórias fictícias ou verdadeiras) o que se busca é a construção de uma imagem ideal de masculino. Este ideal, comumente associado aos ideais capitalistas norte

americanos, a realização pessoal através da dedicação exclusiva ao trabalho, afastamento social e afetivo da família, abandono das emoções, um corpo jovem e atlético além de total aversão ao que se tem como “coisa de mulher” (BOURDIEU, 2014).

Enquanto sujeito político, buscando entender meus desejos e anseios “proibidos e pecaminosos”, começo a questionar esta dominação antes mesmo de entender seu funcionamento como instrumento de subjugação e violência ao corpo homossexual. Cedo construo um ideal de relacionamentos baseado na heteronormatividade espelhada em meus parentes mais próximos, mesmo assim fui constrangido pelo meio social e familiar ao qual eu estava inserido. Busco então na independência financeira o aceite como sujeito perante minha família, um indivíduo que com seus desejos e anseios também tivesse voz na mesa durante um debate familiar. Atingido este ideal capitalista de realização econômica, sinto a mão da homofobia nos espaços que transitava, sejam nas embarcações indo de uma cidade a outra no interior do Pará, sejam nos olhares discriminantes dos meus vizinhos.

Mais tarde, me descubro poliafetivo. Começo meus estudos sobre afetividades dissidentes e normatização da vida social. Assim, entendo que a hegemonia não somente domina e oprime pessoas como eu, como sempre se retroalimenta para garantir que os sujeitos subalternizados jamais possam atingir seus ideais, fomentando uma noção de nós e eles, sendo o nós, o padrão dominante que nunca é alcançável para os dominados e eles, os outros, como sendo tudo de mais desprezível e moralmente inferior a este padrão.

Este controle não se direciona apenas à sexualidade de sujeitos como eu, desviantes da norma, mas também a como nos apresentamos ao mundo, formas de vestir, falar, gesticular, parecer, com quem devemos trocar afetos e quem deve apenas ser foco de nossos desejos sexuais. Aos que não se percebem como sujeitos desviantes e com agência política para propor enfrentamentos a esta dominação, resta a opção de adaptar-se a uma identidade “aceitável” perante os opressores, uma identidade “domesticada” que buscando ser aceita nos espaços do opressor, submete-se a esta violência de bom grado buscando conseguir alguns direitos sociais e equiparação aos sujeitos heterossexuais (COSTA, [2015](#)).

Assim surge, o padrão hegemônico homossexual, aquele ideal que deve ser alcançado pelos demais para que assim se possam ver livres da violência material que uma sociedade masculinizada, heteronormativa e transfóbica possa

aplicar sobre estes sujeitos. Para pensar essa identidade, penso que é preciso levar em consideração mais do que somente a oposição entre a heterossexualidade e a homossexualidade, é preciso pensá-la de maneira interseccional (AKOTIRENE, [2018](#)) sobre as questões raciais, de classe social e demais atravessamentos que o corpo dissidente carrega.

O “*gay*” socialmente aceito costumeiramente é branco, classe média, performa sexualidade e afetividade baseada nos padrões heterossexuais e cristãos. Sua masculinidade é facilmente confundida com a de um homem cis-gênero heterossexual, o clássico “*gay* de respeito”. Enquanto sujeito político, faço alguns questionamentos a esta padronização social dos afetos e identidades, sendo eles: onde se enquadram os indivíduos não-normativos, os homens afeminados ou as lésbicas masculinas? Onde estão as famílias não-monogâmicas ou mesmo as construídas através de ligações afetivas não sexuais? Estes questionamentos são feitos buscando encontrar os caminhos que se distanciam da hegemonia.

Devido a grande amplitude destes estudos, focarei aqui na construção da identidade, como nascente que deságua nas demais questões. Um sujeito que não transgride a si mesmo na construção de um “eu” individual, dificilmente o fará nas demais questões sociais que atravessam sua história. Resistir aqui, significa não somente sobreviver e enfrentar o sistema de poder que tenta se impor sobre nossos corpos e afetos, mas pensar e materializar novas possibilidades de ser e estar no mundo. Questionando em si o sistema de opressão em que estamos inseridos.

Em meio ao medo e a noites mal dormidas, irrompe o questionamento que veio a tornar-se de ordem intelectual, ou de forma mais abrangente, a pergunta central e norteadora da pesquisa que se segue: quais os processos, marcadores sociais e intelectuais que diferenciam a identidade divergente das identidades culturalmente hegemônicas? Por que o sujeito desviante é comumente visto de forma perigosa e deve ser extirpado do convívio social? Estes dois questionamentos juntos levaram-me a pensar sobre o tema e a constante ameaça de violência direcionada às minorias sociais, com especial enfoque aos corpos LGBTQIAPN+.

Para melhor compreender esta questão, proponho então fazer uma análise da construção identitária de Rafael Vinícius (Figura 1), o Rawi como é conhecido artística e socialmente, santareno com 24 anos de idade, sujeito homossexual autoidentificado como *queer*. Enquanto artista, seu trabalho propõe pensar a identidade amazônica a partir de um protagonismo LGBTQIAPN+

politicamente engajado com os questionamentos de gênero, enquanto mistura os ritmos típicos do estado do Pará com suas múltiplas influências, nacionais e internacionais.

Figura 1 - Rawi em palco.



Fonte: Instagram do artista, autoria Bárbara Vale.

Esta análise é feita com base nas teorias sociais de gênero e estudos socioculturais amazônicos, mas não somente. É uma forma de discutir sobre questionamentos feitos sobre minha própria vivência enquanto pesquisador de forma dialógica entre ambas as trajetórias e identidades. Penso a identidade *queer* como sendo aquela construída no diálogo social com marcadores de questionamento e proposição de novas possibilidades de existência. Judith Butler (2015), talvez a teórica mais conhecida da teoria *queer* propõe pensarmos a identidade dos sujeitos como um eterno processo em transformação e ressignificação baseada nas relações que os sujeitos têm entre si, em “relatar a si mesmo”. Esta identidade é pensada a partir da relação de questionamento entre quem se é e quem questiona a trajetória do outro.

Nesse sentido, quais são os objetivos desta pesquisa? Quais são os questionamentos norteadores que guiarão nosso caminho nesta análise qualitativa sobre questões pertinentes ao sujeito desviante e sua trajetória biográfica. Lembrando sempre que eu enquanto autor também sou sujeito LGBTQIAPN+, sendo assim, é impossível para eu tentar desassociar a análise da história de Rawi da minha história pessoal.

CAPÍTULO 1 - Construção do objeto de pesquisa e performances metodológicas

Espaços de sociabilidade Queer em Santarém, Pará

A antropologia desde seu advento utiliza-se da etnografia como prática para compreender os processos socioculturais, numa complexa interação entre pesquisador-observador e os “nativos”, a exemplo do trabalho de Malinowski (2018) na Polinésia. Então por onde começar a descrever o campo? Inicialmente o campo se daria por toda a cidade de [Santarém](#) - PA, mas como descoberto posteriormente, vários fatores não possibilitaram que eu acompanhasse Rawi em todos os espaços nos quais ele se apresenta, sendo o principal as questões financeiras. Então buscando ser mais realista, o campo desta dissertação é localizado nos espaços de sociabilidade LGBTQIAPN+ na cidade, sejam estes espaços abertamente *Gay Friendly*⁹, ou espaços que está minoria social se apropriou e transformou em espaço de socialização e troca de afetos.

Santarém é um município localizado no Baixo Amazonas, com cerca de 331 mil habitantes segundo o Censo IBGE 2022¹⁰, banhada pelos rios Tapajós, Arapiuns e Amazonas, tem como um de seus cartões postais o “Encontro das Águas”, fenômeno natural provocado pela diferença de temperatura entre as águas verdes do primeiro com as barrosas do segundo. O turismo é forte na cidade ao longo do ano, em sua grande maioria, os turistas que frequentam a região buscam conhecer suas praias de areias brancas e águas verdes sendo a mais conhecida [Alter do Chão](#), vila balneária localizada a cerca de 36 km de distância da zona urbana da cidade.

A frente da cidade se transformou ao longo do tempo, onde antes havia um cais de arrimo, fora construída uma orla que não somente serve de ponto turístico mas também de socialização de grupos e segmentos sociais. O rio Tapajós sobe e desce conforme o pulso de inundação e vazante, trazendo consigo as areias da antiga praia que existia de forma permanente em frente à cidade, e que durante metade do ano serve não somente para banhos, mas como palco de eventos e

⁹ Expressão comumente utilizada para empresas que supostamente não são homofóbicas ou destinadas exclusivamente para o público LGBTQIAPN+.

¹⁰ Dados disponíveis no [Site](#) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sobre o município de Santarém, acesso em 24 de Julho de 2023.

práticas esportivas como o vôlei de praia para os santarenos. A cidade assim como as praias turísticas seguem o ciclo das águas do rio Tapajós, durante metade do ano o rio seca e os barcos se afastam da orla da cidade, fazendo com que os moradores precisem caminhar por cima delas até as embarcações. Em outros pontos abrem-se espaços utilizados nas manifestações culturais e para a prática de esportes.

Esta orla (figura 2) também é o primeiro ponto da cidade a ser avistado pelos passageiros que chegam nas embarcações. Aqui quero partir deste ponto como o principal meio de chegada e partida, o transporte fluvial é o meio de locomoção mais utilizado entre as cidades ribeirinhas da amazônia. Mesmo Santarém possuindo o Aeroporto Internacional Maestro Wilson Fonseca, todos os dias milhares de pessoas percorrem distâncias entre as cidades e comunidades ribeirinhas através dos rios. As luzes da cidade são a primeira coisa a se ver de longe (PEREIRA, 2009) em uma viagem noturna, um clarão distanciado que aos poucos vai engolindo o céu estrelado, enquanto todos vão desarmando as redes, os prédios vão tomando seu espaço na paisagem, seguidos pelos caminhantes na orla, alguns lugares tem seus aglomerados de pessoas a acompanhar uma apresentação cultural ou mesmo “tomando”¹¹ um vento que vem do rio junto de suas famílias.

Santarém possui características de cidade de porte médio e também outros de cidade pequena do interior. Transporte público deficitário, infra estrutura precária, saneamento básico que deixa a desejar, mas é além de tudo uma cidade universitária, concentrando os *campi* das principais universidades públicas e privadas da região, UFOPA, UEPA, IFPA, IESPES, UNAMA, UNOPAR, UNIP. O que a transforma também em um potencial pólo de consumo de entretenimento voltado para público universitário.

Vale ressaltar que, mesmo como centro universitário, sua população ainda é conservadora, elemento sociocultural já apontado pelo estudo historiográfico de Gois (2022). Segundo dados do portal de notícias G1¹², o candidato de extrema direita teve um total de 55,57% dos votos para Presidente da República no segundo turno das eleições de 2022. Poucos espaços são abertamente destinados ao público LGBTQIAPN+, sendo a boate *The Lux* e o bar Sete Cores talvez os mais conhecidos por acolherem este público e terem atrações artísticas também deste segmento

¹¹ Tomar aqui é utilizado como na expressão “tomar um ar”. Se refere ao ato de ir ao local em busca da sensação do vento em sua pele como alívio ao calor nortista.

¹² Matéria disponível no site [G1 Santarém](#).

social. Alguns bares menores de esquina ou mesmo bares não especializados também atendem, mas em sua grande maioria, o entretenimento santareno ou é voltado para o público sertanejo ou para casais heterossexuais.

Figura 2 - Orla de Santarém, bancos e caminhanteres.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023.

A relação entre Santarém e o agronegócio se expandiu desde 1999 com a instalação do porto graneleiro da Cargill (BARBOSA e MOREIRA, [2017](#)), assim muitos dos espaços de lazer e cultura da cidade são direcionados para as pessoas que trabalham diretamente com a produção de grãos para exportação, o que faz com que a maior parte dos espaços sejam destinados para o público sertanejo, seu estilo de vida, ostentações como carros e dinheiro (MIZRAHI, [2018](#)) advindo das produções agrícolas (ALMEIDA, [2021](#)). Um grande exemplo disso é o aparecimento de cervejarias e outros negócios nas margens de estradas distantes das produções, que visam atender um público específico que detém poder aquisitivo para frequentar estes lugares, com seus campos e *habitus* heteronormativos (BOURDIEU, 2006).

O aumento da produção de soja ao longo da BR-163 também teve grande impacto no desmatamento nas áreas próximas à cidade, além de promover a

contaminação dos rios com agentes químicos altamente cancerígenos, o maior fluxo de caminhões descendo a rodovia para descarregar seus grãos no porto graneleiro da Cargill ocasionaram aumento de infecções respiratórias devido a poeira levantada por estes veículos ao longo da pista que cruza uma porção da cidade, sem contar com os grãos que caem no decorrer da pista e causam um odor desagradável durante sua decomposição.

Alheio à baixa variedade de entretenimento e ao elevado grau de conservadorismo da cidade, restam aos sujeitos LGBTQIAPN+ a possibilidade de transformar e ressignificar alguns espaços públicos para suas sociabilidades e afetividades. A Orla é um desses espaços ressignificados. Sua amplitude e a grande movimentação de pessoas ao longo do dia e da noite é, ao mesmo tempo, um risco de se sofrer alguma violência, mas também uma espécie de proteção contra potenciais agressores. Famílias cishetero, grupos de amigos, casais, tribos urbanas utilizam este espaço, ao passo que adolescentes e adultos de todos os gêneros e sexualidades também o fazem. Não bastante comum como eu gostaria que fosse, mas pode-se observar em alguns cantos casais homossexuais demonstrando afetos por meio de mãos dadas ou mesmo de olhares em mesas de bares ou sentados nos bancos dispostos pela orla.

Espaços como a Orla da cidade são utilizados pelos sujeitos a fim de tornar sua existência mais “aceitável”. Os homossexuais “assumidos”¹³ incorporam papéis sociais mais “palatáveis” à sociedade conservadora, os toques e olhares são contidos, seu desejo é colocado em segundo plano. Há a construção de um sujeito não promíscuo, com um ideal de superioridade moral digno de estar dividindo espaço com os demais. Uma sociabilidade homo mesmo se adequando a estes controles, ainda é passiva de olhares e julgamentos contrariados pela sua existência, algumas vezes é até reprimida por meio de discursos moralistas que reafirmam o discurso da identidade dissidente, alimentando a noção do Nós contra Eles (DE SOUZA, [2018](#)).

Mas, por onde andam os sujeitos que não se adequam a estas normas? Às vezes estes indivíduos se escondem a “céu aberto”, muito mais próximos do que

¹³ A expressão “assumido” é frequentemente utilizada para designar os sujeitos que “saíram do armário” e tornaram pública sua vivência, afetividade e sexualidade homossexual. Assim, diz-se de quem ainda não passou por este processo que ainda está “no armário” ou “incubado”, transformando o ato de assumir-se em um processo que leva tempo e demanda a reunião de forças e coragem para ocorrer.

os olhos desatentos podem perceber. Os dissidentes, vistos como moralmente inferiores e muitas vezes como sujeitos aos olhos da própria comunidade LGBTQIAPN+ constroem seus espaços de sociabilidades homoeróticas ou mesmo homoafetivas muitas vezes ressignificando e dando novas utilidades a locais discretos¹⁴ ou mesmo cantos escuros de suas cidades. Banheiros de casas de shows, de academias ou shoppings. A prática do chamado “banheirão” (SOUZA, [2012](#)) é muito comum entre os homossexuais masculinos, por sua falsa impressão de segurança e privacidade, os banheiros são os locais mais escolhidos.

Mas não somente os locais fechados e ditos “privados” são ressignificados, cantos escuros em ruas não iluminadas, matagais e terrenos abandonados também são utilizados principalmente por homens para concretização de seus desejos e afetos. A cidade e seus espaços são múltiplos e tomam novos significados e utilidades a depender do momento e dos sujeitos que fazem uso destes espaços. E estes mesmos espaços são transformados novamente para coibir as práticas dos sujeitos marginais¹⁵, muros são levantados, luzes ditas de segurança aparecem nos locais que poucas pessoas caminham, patrulhas policiais são reforçadas, tudo em prol de reprimir os comportamentos indesejados.

Um desses espaços ressignificados é o [Parque da Cidade](#), durante o dia muitas pessoas transitam pelo local, seja para caminharem, outras fazem piqueniques debaixo das árvores, leem livros e trabalham nas mesas que ficam nas sombras das árvores, colégios fazem excursões e passeios com turmas. Durante o dia, todos os lugares são iluminados, as pessoas podem ver ao longe quem está sentado debaixo das árvores em alguma toalha. Mas à noite, outro parque surge.

As trilhas que antes recebiam luz solar, agora são escuras sem nenhuma iluminação artificial. O que torna impossível que alguém que caminhe na pista principal enxergue qualquer coisa dentro daquele espaço, corpos masculinizados ocupam bancos nos cantos escuros e trocam olhares com potenciais parceiros e no meio da escuridão, manifestam plenamente seus desejos. Muitas vezes sem nunca precisar trocar seus nomes, o contato é rápido, certo e direcionado. Mesmo que a

¹⁴ Descrição no meio LGBTQIAPN+ é a designação tanto para locais quanto para sujeitos que não querem chamar atenção para suas práticas. Ser discreto é passar despercebido no meio cisgênero heterossexual a fim de, esconder parte fundante da sua identidade ou mesmo evitar perseguições homotransfóbicas.

¹⁵ Entende-se como sujeito marginal aquele a parte da sociedade, a sua margem. Privado de direitos e possibilidades que os sujeitos do centro usufruem, como acesso à educação, saúde, etc. E neste caso em específico, a possibilidade de manifestar seus desejos e afetos.

violência possa ser uma constante ameaça, tanto externa quanto internamente, o que se busca ali é a consumação dos desejos de uma identidade retalhada pela sociedade.

O contraste entre o lugar iluminado e a escuridão (figura 3), o sexo silencioso e sem nome, o perigo e a excitação também dividem espaços com outros sujeitos, que somente naquele espaço tem a possibilidade de trocar afetos, por mínimos que sejam. Existe uma identidade que é unicamente manifestada dentro da escuridão, longe dos olhares do preconceito e da violência explícita. No escuro, longe dos olhos de julgamento concretizam seus afetos e dão vazão aos seus desejos, onde a luz alcança a moralidade e as exigências sociais também se fazem presentes. Mas no escuro, esta identidade amordaçada se liberta e constrói um novo espaço com linguagens e sinais corporais próprios.

Assim, além das divisões municipais em bairros centrais e periféricos, ruas e vielas, há também a divisão feita pelos sujeitos, seus usos e desusos de cada espaço e a transformação destes ao longo do dia e da noite. Alguns destes espaços com mais visibilidade são ocupados por pessoas que se adequam melhor às exigências sociais, ou mesmo se retraem para serem aceitos nestes espaços. Enquanto outros, ocupam espaços marginais, invisibilizados, reclusos, sujeitos onde suas identidades e desejos podem permanecer ocultos do julgamento alheio e da violência que os demais podem exercer sobre eles.

Mesmo com essas divisões, entre os sujeitos “de respeito”¹⁶ e os promíscuos. Há aqueles que transitam entre estes dois mundos, sem necessariamente fazerem parte de qualquer um dos dois, ou às vezes adquirindo características específicas durante o momento ou situação em que se encontram. Assumo aqui então a noção de identidade performativa, ou mesmo teoria da ação (BUTLER, [1988](#)), onde o sujeito constrói sua identidade de gênero baseada nas relações que estabelece com o meio.

Essa noção de identidade fluida e mutável, ao mesmo tempo questionadora e às vezes conformada é o que possibilita o entendimento sobre como que um sujeito pode performar dentro do meio social duas identidades distintas, onde no escuro ou no “sigilo” se faz tudo aquilo que ele renega sob o olhar condenador da sociedade e seus padrões idealizados de comportamento e

¹⁶ Expressão comumente utilizada para representar homossexuais com comportamentos normativos, higienizados pela hegemonia.

moralidade, ao passo que seus desejos reprimidos são manifestados apenas sob a forma de uma outra identidade que surge nos cantos mais obscuros. Sem rosto e sem nome essa persona é parte constituinte deste sujeito reprimido que transforma os espaços da cidade em um novo campo de relações sociais.

Figura 3 - Cantos escuros e desejos proibidos.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023.

Depois de exemplificar um pouco sobre os espaços possíveis de sociabilidade *queer* em Santarém, a pesquisa foi realizada nos espaços que são direcionados a produção cultural, ou que abertamente “aceitam” a presença de sujeitos LGBTQIAPN+. Onde mesmo estes espaços, são comumente frequentados por sujeitos que a todo momento transitam entre identidades, e muitas vezes acabam reproduzindo o moralismo hegemônico e violentando outros sujeitos que se propõe questionar com suas performances a normatização de suas existências enquanto sujeitos sociais.

A ambiguidade potente de estar homossexual e pesquisar “seu campo”: quais metodologias aquendar?

Os métodos empregados durante o desenvolvimento da pesquisa foram principalmente etnográficos, conversas semiestruturadas, levantamento bibliográfico e documental, além de análises qualitativas baseadas na subjetividade do pesquisador. A escolha da etnografia como principal ferramenta se deve principalmente ao caráter mais "íntimo" que esta metodologia possibilita a antropologia. Uma vez que muitas das vivências que moldam as identidades são relacionadas ao íntimo dos indivíduos, nada mais útil do que a proximidade entre o pesquisador e o pesquisado para possibilitar maior abertura a essas questões.

A etnografia é uma ferramenta antiga dos antropólogos, duramente criticada pelas ciências exatas quanto pelas Ciências Sociais, por certas similaridades com a escrita literária e a pretensa neutralidade das ciências sociais, uma vez que esta possibilita um contato mais intimista com os sujeitos e comunidades estudadas, seria impossível alcançar a tão almejada "neutralidade científica" (PEIRANO, 2014). O primeiro uso desta ferramenta foi pelos colonizadores a fim de catalogar os povos que estes viam como inferiores e "naturalmente" destinados ao desaparecimento, como se toda e qualquer sociedade estivesse em uma escala evolutiva, Darwinismo Social, e que passariam naturalmente por vários estágios, abandonando assim suas cosmologias e formas de viver, destinando-se gradualmente a atingir o mesmo estágio eurocêntrico de sociedade (DURKHEIM, 2014; 2001; 1999; SPENCER, 2017).

A formalidade clássica demandava um estranhamento inicial ao sujeito ou cultura estudado, um afastamento que levava o pesquisador a um sentimento de solidão e separação de sua cultura durante a realização do campo (OLIVEIRA, 2008), juntando-se a tentativa de criar um olhar "imparcial" para a realidade (VELHO, 2013), de forma a evitar o envolvimento do pesquisador com seu "objeto de estudo". Até mesmo esse sentimento de perda seria parte do necessário para o desenvolvimento de uma pesquisa aguçada, onde o afastamento do indivíduo, mergulhado neste sentimento de perda, estaria mais aberto às novas experiências no contato com este "novo mundo" que se abria à sua frente na forma da cultura do outro.

Aqui, não pretendo sair de meu mundo em busca de um sentimento de completo estranhamento, mesmo que ao mudar de bairro dentro da mesma cidade as dinâmicas sociais mudem completamente, ainda que as relações entre familiares

se transformem baseadas nas histórias e vivências de cada núcleo e ainda que como no caso estudado, a produção musical não esteja diretamente envolvida no meu dia-a-dia, quanto pessoa ou mesmo pesquisador, o estranhamento e o contato com um mundo completamente diferente do que me é próprio se dá de forma muito visível (HAMMERSLEY e ATKINSON, 2022). Ao passo que o fato de também ser homossexual nascido e criado em Santarém, ter família que professa a fé cristã evangélica e torne minha experiência subjetiva muito próxima a de Rawi.

Faço uso também como metodologia aplicada a esta pesquisa dos Relatos de Si, de Butler (2015), onde o sujeito questionador se utiliza também da narrativa de histórias ocorridas com ele de forma a tentar entender o contexto social onde estes fatos ocorrem, tendo sempre em mente que os papéis sociais e as violências punitivas aplicadas a ele são também compartilhadas pelo grupo ao qual pertence. Estas histórias interligadas, aqui a minha enquanto pesquisador e a de Rawi como sujeito pesquisado, através das dores e violências compartilham uma relação causal, o preconceito e a identidade desviante.

Velho (2013) em “Um antropólogo na cidade” destaca muito bem a falsa noção de proximidade que pode surgir a quem observa um pesquisador desenvolvendo seu trabalho muito próximo de sua terra natal, a sensação errônea de que tudo será simples e que desenvolvido em um universo de sentidos ao qual já sabemos de tudo. Em uma sociedade de classes, mesmo entendendo que os sujeitos “fazem parte da paisagem” cotidiana, é distinta as formas de organização social e cosmológica de cada um destes sujeitos. Mesmo para aqueles que são vizinhos, as formas como o meio social opera sobre eles e estes interagem com as instituições são distintas, o que torna ainda mais evidente a “distância” entre um e outro.

Assim, aquilo que tomamos como conhecido pode nos ser completamente “exótico” ou distanciado. Assim como o exótico pode nos ser bastante familiar. Todo sujeito está envolto em sua bagagem teórica e vivência subjetiva da realidade. O maior cuidado que um pesquisador ao desenvolver um trabalho como este deve ter é não permitir que suas pré noções ofusquem as potencialidades subterrâneas e problemáticas invisibilizadas pelo olhar viciado.

O campo de pesquisa do trabalho nas ciências sociais classicamente localiza-se dentro de um espaço bem determinado das aldeias ou comunidades tradicionais. Mas como definir este espaço quando o que se propõe é fazer uma

análise dentro do espaço urbano? Na antropologia urbana com abordagem etnográfica, o grande diferenciador dos métodos clássicos é o “mergulho intimista” na particularidade de um sujeito ou de um coletivo, para depois emergir e conseguir estabelecer relações comparativas (MAGNANI, [1996](#)) entre estes que foram conhecidos intimamente e o meio social heterogêneo ao qual pertencem dentro da metrópole.

No caso desta pesquisa em específico, o que chamo de campo é o direcionamento de meu olhar para a trajetória biográfica de Rawi, e seu desenvolvimento enquanto sujeito e artista em Santarém. Este campo que além de subjetivo também é físico, os espaços físicos ao qual direciono o olhar são aqueles que abertamente se propõe a serem espaços de sociabilidade LGBTQIAPN+ na cidade, ou mesmo os que os sujeitos pertencentes a este grupo transformam e ressignificam em determinado momento para esta socialização.

Neste trabalho que também é um exercício de construção de uma antropologia *queer*, com olhar questionador sobre o meio ao qual estamos inseridos, grandes são os questionamentos que surgem quanto o que é “ser antropólogo” e quais os trabalhos de um cientista social, vindo de um curso onde passamos anos trabalhando as teorias clássicas e abordando as especificidades de cada uma das obras eternizadas no cânone da antropologia, é fácil se perceber questionando as potencialidades de um trabalho questionador, ainda mais em um campo pouco abordado como o caráter individual sobre um jeito em contraposição a um coletivo que é o mais comum de se encontrar durante as leituras.

Neste campo subjetivo, tudo é novo, tudo é um grande aprendizado, mesmo que sempre sendo observado pelas lentes teóricas que me acompanham e foram construídas e ressignificadas por mim ao longo da jornada em busca do “ser antropólogo”. Velho (2013) já pontuava que mesmo a proximidade do sujeito com os demais membros de uma determinada cidade não nos torna capazes de compreender todas as nuances das relações por estes desenvolvidas em seus circuitos. Saindo então de meu estado inicial de observador passivo, passo a abordagem intimista e de aproximação de uma história que se assemelha a minha, possui vários valores que nos diferem enquanto sujeitos dos demais membros da sociedade santarena e reforçam os estigmas e preconceitos que recaem sobre os corpos LGBTQIAPN+.

A exemplo do caráter intimista, ou mesmo questionador, que um mergulho na experiência pessoal e particular do sujeito ou sujeitos pesquisado possibilita as ciências sociais é pensar a contribuição para os entendimentos das relações homoeróticas estabelecidas pelos frequentadores dos “banheirões”. Considero aqui pensar a produção antropológica de Tedson SOUZA (2012), sobre estas relações nos banheiros da estação de trem da Lapa, não apenas como um exemplo das possibilidades de produção etnográfica, mas como exemplo de uma produção diferenciada dos moldes clássicos da área, onde o pesquisador trabalha de fora, almejando uma objetividade que talvez nem as ciências mais duras possuam.

Ao ter acesso por meio da participação nas práticas sexuais do grupo estudado, Tedson teve não somente a sua legitimidade como cientista social questionada, mas também seu caráter em ataques moralistas, o que levou o Conselho Acadêmico de Ensino da Universidade Federal da Bahia a lançar uma nota de apoio¹⁷ ao pesquisador, como forma de apoio e suporte aos ataques que ele e o núcleo de pesquisa ao que estava vinculado sofreram devido às abordagens escolhidas para o desenvolvimento de sua dissertação.

Para o desenvolvimento deste trabalho, a utilização da etnografia deu-se neste modelo questionador e intimista, uma vez que o pesquisador que redige este texto que você tem acesso agora também faz parte da comunidade LGBTQIAPN+. O uso desta ferramenta mais subjetiva aliada ao fato de ser um sujeito *queer*, possibilita a percepção de nuances da pesquisa que não seriam vistos por um pesquisador branco heterossexual apartado do meio, que mesmo com a melhor das intenções e munido de toda a teoria, talvez tenha mais dificuldades de desenvolver relações de confiança com um sujeito homossexual e viada.

Junto disso, está a consciência política da importância deste trabalho e a relação de proximidade desenvolvida junto ao sujeito estudado que também possui agência política tanto sobre si quanto ao que pode ou não ser dito ao pesquisador. Talvez essa seja a minha forma de, mesmo que tentando distanciar me dos clássicos, construir a tão procurada “autoridade etnográfica” de James Clifford (1998), ao me legitimar enquanto pesquisador que vai ao campo produzir e coletar os materiais que serão utilizados no desenvolvimento da pesquisa, e mais do que a ida frequente, fazer parte deste campo, como a forma de domínio da “linguagem” do

¹⁷ A nota em sua íntegra pode ser lida no seguinte [link](#), acessado em 08 de agosto de 2023.

sujeito pesquisado, aqui entendendo a linguagem como as nuances de ser um sujeito homossexual em uma sociedade machista e homofóbica.

Um dos critérios pela escolha da abordagem etnográfica, é o fato de que esta metodologia se mostra presente mesmo quando não estamos “mergulhados” em campo, ou focados no desenvolvimento da pesquisa propriamente dita. Uma vez que a partir do momento que aprendemos as teorias basilares das ciências sociais, nunca mais conseguimos ver o mundo sem fazer associações entre estas e o meio que nos cerca. Nada mais justo que pensar que a todo momento estamos produzindo saberes, mesmo que sem materializá-los na forma ocidental de quantificar tal produção, através de escrita e materialidade física destes.

Para Peirano (2008), a etnografia é a aproximação entre o que se vive e o que se estuda, ou mesmo, a prática cotidiana da teoria. Uma vez que se estruture bem o desenvolvimento da pesquisa e alinhe isto com sua execução, a metodologia intimista possibilita a análise e produção de questionamentos sobre os fatos tidos como corriqueiros de forma mais precisa, tornando então a vivência como prática constante da teoria adquirida ao longo da formação acadêmica do pesquisador. Sendo assim, o campo passa então a ser em tempo integral, sua construção e extensão sai da sala de aula e permeia as atividades mais mundanas do dia a dia do sujeito que ocupa agora a posição de pesquisador.

Para maior interação, optei pela realização de Conversas Semiestruturadas (Anexo 2) , primeiramente foram escolhidas questões direta ou indiretamente ligadas aos objetivos deste trabalho, sempre levando em consideração o processo necessário para a construção da relação de confiança entre eu, o pesquisador, e Rawi, o sujeito pesquisado. A principal característica da conversa semiestruturada é, segundo BONI e QUARESMA (2005), sua semelhança com uma conversa informal, mesmo que o direcionamento das questões sejam previamente definidos, devendo durante a realização da entrevista, tomar-se o cuidado de manter a conversa nas questões pertinentes aos objetivos da pesquisa, mas não somente, auxiliar o entrevistado quando este apresentar alguma dificuldade com o tema em questão, de forma a instigar sua fala sobre o tema.

Durante a realização das conversas, me propus a contar para Rawi um pouco sobre a minha trajetória pessoal. Metodologicamente, o objetivo desta troca foi a construção de uma relação de confiança, intimidade e empatia entre nós. Esta troca de experiências idealizou sair do lugar, muitas vezes opressor e autoritário de

pesquisador / acadêmico e então poder demonstrar para ele que o entendia e também ocupava a posição de fragilidade do sujeito pesquisado, uma vez que ao mesmo tempo que tinha acesso a sua história, lhe permitia conhecer a minha. O motivo principal aqui, foi diminuir a violência simbólica presente na relação sujeito-pesquisador.

A estrutura da primeira conversa foi construída inteiramente em cima de minha vivência e percepções pessoais sobre aquilo que acompanhava de Rawi nas redes sociais e pelo olhar do público durante suas apresentações. Essa possibilidade de se caracterizar como uma conversa informal, junto com a construção da confiança entre nós, possibilitou nos demais encontros tocar em assuntos mais sensíveis, que talvez Rawi não abordasse em um encontro caracterizado como apenas uma entrevista formal.

O levantamento bibliográfico foi direcionado principalmente aos estudos da Teoria *Queer*, identidades e artes como ferramenta de luta política. Os estudos realizados durante a graduação e construção do trabalho de TCC, que da origem aos primeiros rascunhos desta pesquisa, abordaram principalmente os estudos de feminismo negro e racialidades. Durante o amadurecimento da pesquisa, percebi então que precisaria sair desta área de estudos e me aprofundar mais nas questões de identidade e construção do sujeito *queer*.

A construção do pesquisador num campo nem tão distante assim

Enquanto pesquisador, gosto de deixar bem localizado meu local de pertencimento enquanto enunciador que traz esses pensamentos até você leitor deste trabalho. Destacando o fato de ser um homem cisgênero, homossexual assumido, negro e bolsista (Figura 4), é bom deixar frisado que todo este caminho acadêmico até o mestrado só foi possível graças às políticas de inclusão e bolsas de estudos provenientes das políticas de ações afirmativas na universidade pública.

Ao longo da pesquisa, e adentrando aos temas da teoria *queer*, percebo que meu núcleo familiar se enquadraria facilmente nas definições que encontrei ao longo do caminho. Não sendo monogâmico, este núcleo é constituído basicamente por mim e meus dois maridos, que juntos decidimos dividir a vida e que a todo tempo somos questionados por integrantes ou não da sigla LGBTQIAPN+, questionando desde nossos sentimentos até nossas práticas sexuais. Destacando

assim a dissidência mesmo dentro do grupo sobre o que pode ou não ser considerado família.

A identidade *queer* é uma identidade em eterna construção, uma instabilidade questionadora que perturba o padrão hegemônico e torce os pressupostos do binarismo (SALIN, [2012](#)). Sendo assim, passo a me identificar como sujeito *queer*, ao vivenciar uma relação estável não monogâmica com mais dois homens, o que por si só é experienciar uma existência transgressora. O social a todo momento questiona o funcionamento da relação familiar que sustentamos, exigindo de nós papéis de gênero típicos das relações heterossexuais, colocando meu marido mais novo como sendo “o filho adotivo” do casal mais velho.

Figura 4 - O antropólogo maldito.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.

Tampouco meu núcleo familiar, aquele formado pelas pessoas mais próximas que dividem espaço dentro de uma residência, quanto às relações de confiança e acolhimento psicológico e financeiro são hegemônicos. Acolhemos e damos suporte a um amigo negro e gordo, que não suficientemente violentado

socialmente por estas duas características marcantes foi expulso de casa devido a sua sexualidade. Em meu coração ainda tenho outros irmãos além dos consanguíneos, que transitam por outros municípios em busca de trabalho e sustento próprio. Sendo assim, aquilo que nomeio de "família", este núcleo heterogêneo, ligado pelo afeto, sem a ideia de transmissão de um patrimônio através da sucessão sanguínea é uma afronta ao poder vigente.

Aqui surge uma relação entre minha subjetividade, a definição de sujeito *queer* de Salin (2012) e um conceito de intersubjetividade de Berger e Luckmann (1985). Ao iniciar a pesquisa, me via como um antropólogo politicamente engajado dentro das minhas possibilidades, mas desenvolvendo a pesquisa surgem outras questões que contrapõe essas noções e a partir da reflexão entre os textos estudados, o trabalho com Rawi e a jornada ao longo do curso de mestrado, perspectivas são transformadas e resignificadas.

Para Salin (2012) o sujeito *queer* é aquele que tem essa identidade questionadora, mutável e passível de transformação a todo momento, sempre com caráter de contraposição e enfrentamento com o padrão normativo, ou seja, com o dito "normal" pelos detentores do controle social. Assim, Peter e Thomas ao conceituarem a construção da identidade como resultante da relação entre os sujeitos, e a contraposição entre o sujeito que busca se definir e o que já está pré estabelecido como "correto" ou esperado deste sujeito, no caso abordado os autores fazem uso da construção da identidade em crianças, que ao terem seus comportamentos polidos pelas aprovações ou desaprovações parentais vão construindo sua identidade baseadas nessa relação, do que lhe é permitido e o que lhe é negado vir a ser.

Mas para uma pessoa adulta como eu, a construção dessa identidade questionadora se dá também a partir desta relação, entre aquilo que nos foi imposto e a versão que acreditamos ser mais libertadora e inclusiva. Principalmente para as pessoas que destoam do afirmado pela hegemonia, quando se coloca uma imposição é neste momento que são acionados os mecanismos de defesa que questionam e se contrapõe a imposição. Esta contraposição é comumente chamada de resistência, sempre surgindo no discurso como uma prática de se negar a ser dominado ou mesmo uma negativa contra as imposições carregadas de violência simbólica.

A definição de resistência que abordarei é a de Michel Foucault (2004), cujo processo, de luta que surge entre a opressão política e social daqueles que detém o poder e o processo de negação desta pelos que estão na posição subalterna. Porém, mais do que isso, é a participação ativa na construção de novas possibilidades de existência, é participar ativamente do processo de criação e recriação da luta que possibilita essa negação.

Então, para um sujeito com agência própria sobre a construção de sua identidade, o termo “ser *queer*”, mais do que a abordagem sexual desta identidade que surge como xingamento americano para homossexuais, é a produção ativa de uma identidade que propõe durante a negação do sistema binário e demais papéis de gênero impostos pela hegemonia, novas formas de viver e estar no mundo, politicamente engajadas neste processo de abertura de novas possibilidades. Quase que uma identidade que hasteia uma bandeira de possibilidades para as gerações posteriores pensarem sobre todas as formas que podem construir suas vidas.

Há ainda outras questões que julgo importantes de serem colocadas a fim de deixar bem explícito o meu lugar de fala (RIBEIRO, 2019), não como uma forma de validar meu discurso transcrito no corpo deste trabalho. Mas como forma de deixar bem explícito o local de onde este enunciado emana. Talvez, sendo capaz de entender um pouco da minha trajetória enquanto pesquisador, seja possível melhor compreender os motivos que levaram a algumas de minhas escolhas teóricas durante o processo de construção deste texto.

Muitas são as questões que surgiram durante os preparativos e as primeiras etapas deste trabalho. Mas também houveram outras que apareceram no caminho a partir do diálogo entre a minha subjetividade, as teorias sociais e a subjetividade de Rawi. Ter crescido em Santarém, mesmo que na zona urbana e sendo descendentes de varzeiros do Aritapéra que vieram para a cidade a fim de possibilitar melhores condições de estudo para os filhos, cresci em um núcleo familiar evangélico, e um conjunto de preconceitos que fazem parte do imaginário religioso se fizeram presentes na minha jornada de construção de uma identidade verdadeiramente minha. Desde o clássico demônio que tomou conta do meu corpo e me “desviou” dos planos de Deus para minha vida, a célebre frase “é só uma fase, vai passar”.

Nas conversas gravadas com Rawi, muitos dos relatos presentes no material produzido se assemelhavam com aquilo que eu presenciei na minha própria

trajetória, é impossível em certa medida manter um distanciamento impessoal nos diálogos, em alguns momentos, a emoção tomava conta da voz, principalmente nos casos de violência e preconceitos relatados. Trabalhar com a construção da identidade e subjetividade dos sujeitos e ver que mesmo com o passar do tempo algumas questões se mantiveram sólidas, prontas para serem acessadas e re-utilizadas contra corpos não hegemônicos nos torna emocionalmente vulneráveis a certos afetos do trabalho de campo, não que isso afete a objetividade e da produção acerca da temática, mas se faz impossível fingir que somos máquinas apenas a coletar aquilo que o entorno, ou campo, nos fornece e depois possamos analisar tudo também de forma mecânica.

Para Judith Butler ([2014](#)), essa vulnerabilidade, o momento em que nos sentimos fracos e expostos diante de nossas fraquezas e medos, é o momento que nos colocamos em risco. Tanto Rawi ao relatar sua história para mim, quanto eu ao identificar-me com a trajetória dele, temos medo de não sermos reconhecidos um pelo outro como sujeitos, de sermos ou não dignos de reconhecimento enquanto sujeitos que tem sentimentos, desejos e vontades. A hegemonia, segue suas regras e quando alguém se vê de fora destas regras, é fácil questionar se pode ou não ser reconhecido enquanto humano.

Ser afetado ao longo do desenvolvimento do trabalho de campo me faz pensar nas possibilidades abertas através deste afeto. Transparecer as consonâncias entre a história de Rawi e a minha talvez possibilitem maior aproximação entre ele e eu enquanto pesquisador, o que pode favorecer o desenvolvimento da pesquisa e possibilitar um “mergulho” mais profundo na intimidade dele enquanto sujeito pesquisado através da confiança estabelecida entre as partes. Jeanne Favret-Saada ([2012](#)), em seu trabalho sobre o enfeitiçamento e desenfeitiçamento discute um pouco mais sobre a possibilidade de afeto ao longo do desenvolvimento do trabalho etnográfico, onde questiona as duas posições, manter-se afastado e se deixar afetar, ou seja, ter um contato mais intimista com o campo de estudo. Em um ponto nos coloca que, teme que sua pesquisa seja caracterizada como “uma aventura pessoal” devido a proximidade, ao mesmo tempo que a distância poderia fazer com que não surgisse nenhuma especificidade de interesse etnográfico, o que arruinaria o desenvolvimento de sua pesquisa.

Mesmo em seus momentos primordiais como projeto submetido à banca de mestrado durante a seleção, um marco importante deste sempre foi dar ênfase

ao meu papel enquanto pesquisador e as demais características fundantes da minha identidade enquanto antropólogo. Saada (2012) faz ainda esse questionamento em seu trabalho sobre a pessoalidade explícita do pesquisador no trabalho etnográfico, não como um "exercício narcisista" ou se identificar com o "ponto de vista nativo", mas sim de possibilitar maiores questionamentos e entendimentos possíveis sobre as questões levantadas através da participação e de se permitir ser tocado pelo campo, no caso dela, ser enfeitizada e desenfeitizar.

Além disso, a partir do início dos trabalhos propriamente ditos, me encontrei confirmando aquilo que Gilberto Velho (2013) nos diz sobre "observar o familiar", não é porque estamos necessariamente próximos e temos interesses e histórias em comum que necessariamente conhecemos todas as nuances do que nos propomos estudar. Nem mesmo por há muito tempo observar e acompanhar o trabalho de Rawi, que tudo se torna conhecido. Quanto mais dedicados a observações e análises faço sobre ele, mais percebo o exotismo que os temas "conhecidos" por mim possuem diante de meu limitado acervo teórico.

Em nenhum momento deste trabalho pretendo reinventar a roda ou mesmo descobrir novas linhas teóricas que abram caminhos inexplorados a outros cientistas sociais. De certo modo, devido a minha proximidade com as temáticas desta dissertação, é como se ao tentar entender os processos e lutas políticas da construção identitária do objeto, eu esteja também fazendo uma odisséia através de minha própria identidade.

Considerando a construção social da identidade através da relação dos indivíduos com os outros, seja na infância ou na vida adulta, como um processo contínuo (BERGER e LUCKMANN, 1985). Há um processo de auto-descoberta durante o processo de realização desta pesquisa, da mesma maneira que o papel de pesquisador gera reações sobre o objeto enquanto fonte de interesse. Seria então seguro afirmar que há grandes chances da pesquisa transformar o pesquisador da mesma forma que pode impactar o campo enquanto espaço físico ou mesmo os sujeitos envolvidos no desenrolar dos trabalhos? Espero profundamente que sim, o processo de amadurecimento e auto conhecimento gerado através de uma pesquisa tão intimista como essa me é gratificante, espero que você leitor, tenha a possibilidade de experimentar a mesma sensação.

Primeiro Relato - Experiência Subjetiva no cenário *Queer* em Santarém¹⁸

Penso que esta primeira saída de campo começou mentalmente no dia anterior ao festival que me propus participar, enquanto ainda me preparava mentalmente sobre todas as possibilidades, materiais necessários e potenciais questões que eu deveria direcionar meu foco. Para Luiz Roberto Cardoso de OLIVEIRA (2008) o principal trabalho do antropólogo é conseguir ver as evidências simbólicas nas relações sociais e através delas propor análises e questionamentos sobre o funcionamento da sociedade, compartilho desta noção, tanto que me propus construir esta dissertação através da análise da trajetória de um único sujeito.

Mas entendendo as limitações do meu olhar enquanto observador, uma única pessoa não conseguiria abarcar todas as relações que estão a se desenvolver naquele espaço. Então, quais seriam as ações e relações as quais direcionar meu olhar? Esses pensamentos surgiram antes do dia de fato, gerando várias reflexões que poderiam ser facilmente consideradas como início do “campo”.

Como já dito anteriormente, para Mariza Peirano (2014) a etnografia não é um método de pesquisa por si só, mas o encontro entre a teoria e a prática, a *práxis* do trabalho antropológico, onde o encontro da primeira com a segunda possibilita a construção material das análises do pesquisador. Onde através da problematização crítica de uma característica do microssocial se pode refletir densamente sobre o macro. Assim, decidi que meu foco estaria na platéia de um evento onde entre as principais atrações estavam sujeitos abertamente LGBTQIAPN+.

Enquanto eu gastava meu tempo rolando o *feed* do Instagram (figura 5), me foram sugeridas pelo aplicativo várias publicações de Rawi, onde fiquei sabendo da segunda edição do festival “Versos das Bandas Daqui”. O evento foi realizado pela primeira vez em 2019, antes da pandemia de Covid19 (SARS-CoV -2). Sendo possível realizar a segunda apenas após o início das vacinações, em janeiro de 2022 mesmo com todas as limitações impostas pela pandemia.

Entre os principais apoiadores do evento estavam a Secretaria Municipal de Cultura da cidade de Santarém e recursos financeiros distribuídos para projetos culturais através da Aldir Blanc (como ficou conhecida a Lei nº 14.017 de 29 de

¹⁸ Santarém, 07 de Janeiro de 2022.

junho de 2020). O que possibilitou a gratuidade da entrada, mesmo com um limite máximo de pessoas abaixo do que o estabelecimento poderia acolher.

Figura 5 - Card de divulgação do evento.



Fonte: Instagram do artista (@artedebicha), 2022.

As atrações se dividiram entre os mais diversos gêneros musicais, desde o rock progressivo de uma banca composta unicamente por mulheres, o pop paraense de Rawi e o cover de artistas que considero como a Nova MPB (Marina Sena, Alice Caymmi, Johnny Hooker entre outros). Mas devo confessar, naquele momento eu estava mais interessado na apresentação de Rawi do que em todas as outras.

Acompanho os trabalhos do Rawi desde 2019, quando vi pela primeira vez sua apresentação, na 12ª Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ de Santarém. Por mais absurda que esta coincidência possa parecer, ele iniciou sua performance sentado na garupa da moto de meu irmão mais novo, uma Miragem 250 modelo 2011 de cor preta. Lembro bem da multidão que acompanhava o evento abrir

passagem para a entrada dele. Meu irmão, vestindo a jaqueta sem mangas do clube de motos e uma calça jeans antiga, dirigia lentamente em meio as pessoas; enquanto Rawi, sem camisa, com mangas bufantes amarelas feitas em um tecido translúcido que iniciava nos seus cotovelos, calça preta larga e sapato de cano alto, também preto, curvava-se para trás quase que deitado na garupa. Em suas mãos e um pouco acima de seu olhar, segurava a bandeira do orgulho.

Naquele que, hoje parece um ano longínquo, Rawi ainda se apresentava como “Arte de Bicha”, nome que mantém em suas redes sociais. Já não me lembro das músicas tocadas naquela apresentação, mas o evento ficou marcado na memória não somente pela performance dele no palco, mas também por ser a primeira parada onde eu estava acompanhado de meus dois companheiros na época e minha mãe, recém formada em pedagogia e finalmente “liberta”¹⁹ de sua homofobia, que a anos nos separava. É mãe, o estudo transforma as pessoas!

Voltemos ao campo, o evento estava marcado para iniciar às 20:00 e eu como sempre já estava atrasado. Morava a aproximadamente 1km e meio do local do evento, uma casa de shows que para mim, é nova na cidade - tendo sua primeira publicação no Instagram feita em 20 de novembro de 2021 - “Sonora - Outro Lugar” como é conhecido. Seria então um conjunto de primeiras experiências: conhecer um novo local destinado a apresentações musicais, poder observar mais atentamente os sujeitos que socializam naquele local, além de poder estar em um local que não fosse minha casa rodeado de outras pessoas.

Essas experiências foram de grande importância naquele momento, pois desde o início da pandemia de Covid19, todas as saídas à rua foram extremamente controladas. A máscara e o vidro de álcool gel viraram companheiros constantes de qualquer saída e como sempre, se fizeram presentes nesta jornada. Misturada com a ansiedade de ver outras pessoas, estava a preocupação de ser suficientemente profissional quanto ao desenvolvimento da pesquisa. A todo momento me pegava pensando se deveria usar o papel, um caderno propriamente dito para tomar anotações, ou se o bloco de notas no celular seria capaz de satisfazer minhas necessidades.

¹⁹ Uso essa expressão em referência àquela usada por evangélicos ao dizerem que alguém está livre de um pecado. Expressão muito recorrente na vida de um sujeito LGBTQIAPN+ que cresceu em família praticante desta religião.

Outro questionamento que me rondava era: em que momento começam as “análises”? Mal sabia eu, que elas teriam início ainda na caminhada até o local do evento. Sai de casa por volta das 20:30, acompanhado de meus maridos. O caminho era quase uma linha reta até o Sonora, bastava dobrar a esquina de casa e seguir em frente por aproximadamente 20 minutos, segundo o *Google Maps*. Enquanto caminhava pela calçada, recém construída pela prefeitura municipal, alguns pensamentos rondavam minha cabeça. A prefeitura asfaltou a via²⁰ ainda durante a pandemia, então minhas memórias estavam fracas sobre como ela era originalmente, lembro que haviam duas árvores no canteiro central. Será que eram mangueiras? O calor que emanava do asfalto deixava claro como a temperatura deveria ser durante o dia, e como as pessoas que moravam próximo devem ter começado a sofrer com calor após terem assistido as árvores serem derrubadas sem fazer nada.

À noite, apesar de vazia, a rua parece bem iluminada, suas calçadas recentes são padronizadas, o que faz o tornozelo doer bem menos ao caminhar, mas ainda estavam sem sinalização para deficientes visuais. Um visual que lembrava o trabalho de uma criança com uma tesoura dentada, que contrastando com os esgotos a céu aberto, parecia ter esquecido de finalizar seu trabalho.

Os ideais de “progresso” da gestão municipal pouco pensam no bem estar das pessoas ao mesmo tempo que amam concreto e o asfalto sem drenagem. Muitos são os relatos de alagamentos dessas novas obras ao longo do período chuvoso, imagino que ali a experiência não seria diferente. Certo de que as casas mais antigas, construídas de forma mais elevada em relação a rua, demarcavam bem as forças da água durante as chuvas.

A caminhada até o Sonora é tranquila, mesmo com a cidade já não sendo tão segura quanto há 10 anos atrás e com um crescente número de assaltos envolvendo motos que abordam as pessoas na rua e levam seus pertences. Me dei ao luxo de ficar sem máscara e caminhar conversando, como se estivéssemos no local mais seguro do mundo. Acredite quando eu digo, está cidade já não possui tantos lugares em que você possa caminhar tranquilamente depois que o sol se põe, nem a dois anos quando eu ainda me fazia bem presente nestas ruas, quanto mais em 2022 com todo retrocesso social que enfrentamos nesse país.

²⁰ Para melhor localizá-los, darei “nomes aos bois” estou falando da Tv. Prof Agripina de Matos, um perímetro que vai da Av. Paulo Maranhão até a Av. São Sebastião.

Ao chegar na frente da casa de shows, as pessoas se aglomeravam na calçada e no acostamento. Alguns estavam reunidos em grupos e conversavam enquanto fumavam e tomavam alguma cerveja. Confesso que a sensação de ver várias pessoas próximas e sem máscara foi desconfortante, ainda não estava preparado para essa nova realidade, mesmo tendo tomado 3 doses da vacina, estava com algo que lembrava muito uma espécie de fobia social.

As mais diversas “tribos” se encontravam ali, desde os roqueiros devidamente trajados em preto com correntes, a galera que anda de *skate*, com seus tênis largos e bermudas jeans, pessoas com cabelos coloridos e que vestiam roupas comuns assim como as minhas. Por falar nas minhas roupas, eu estava tentando ficar o mais confortável possível com roupas que eu nem sabia se ainda caberiam no meu corpo, uma camisa de mangas e uma bermuda moletom, fechando o pacote com uma máscara descartável no rosto de cor rosa e um tênis que eu não estava muito afim de calçar, mas também não sabia se poderia cortar o pé em algum vidro jogado no chão.

Figura 6 - A frente do Sonora.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.

Claro, haviam ainda as pessoas sentadas em mesas, tomando suas cervejas e observando aqueles que estavam na beira da rua. O Sonora (figura 6)

ocupa o espaço de um antigo galpão que havia pertencido a uma empresa atacadista chamada Martins, não lembro ao certo, mas é bem provável que algum outro empreendimento deva ter funcionado ali entre um momento e outro. Por se localizar na esquina, apenas em sua lateral esquerda havia outro negócio, uma loja de peças de automóveis que só funcionava durante o dia. Suas paredes externas eram pretas e na sua frente havia um cercado onde uma tenda de lona branca fazia cobertura para mesas e cadeiras de madeira.

Na porta, duas pessoas com porte físico de lutadores, faziam o controle de quem entrava e saía do local. Seguranças fortes o suficiente para acalmar qualquer confusão que pudesse se instalar no local, um deles conferia a carteira de vacinação enquanto o outro destacava uma pulseira adesiva branca com os dizeres “II VERSOS DAS BANDAS DAQUI”²¹ (Figura 6). Devido ao evento ter o número de pessoas limitado e o acesso ser gratuito, apenas quem chegava cedo e conseguia uma destas pulseiras podia entrar no local. E mesmo atrasado ainda consegui pulseiras para os três.

Figura 7 - A pulseira do evento.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.

Ao adentrar o Sonora, passamos à esquerda do palco, centralizado bem a frente do local e entre as portas e a saída de emergência. O palco devia ter 6 metros de comprimento por 3 de largura, a parede ao fundo era coberta por um tecido preto que ocultava a existência de uma porta de metal, daquelas que se recolhem levantando para um rolo em direção ao teto. Em cada canto do palco havia uma torre de luz em formato de T, seus braços aguentavam duas luzes que trocavam de cor e iluminavam o palco.

Outra coisa que me chamava atenção no espaço, era a sua iluminação ambiente distribuída ao longo das paredes de cimento chapiscado e pintadas de branco. Que junto com a estrutura de um galpão, com seu teto de metal e espaço ininterrupto até o bar e o banheiro, criavam um ambiente acolhedor. Onde as luzes

²¹ O evento possui página na rede social Instagram, @versosdasbandas disponível também em <https://instagram.com/versosdasbandas>.

não agrediram os olhos e as atenções podiam ficar totalmente direcionadas para o palco. Sim, a iluminação me chamou muito a atenção, é algo que você acaba sempre observando onde entra quando se tem fotossensibilidade. As lâmpadas em formato de lanterna direcionando os fetiches de luz para o chão e teto deixavam maior está sensação de conforto.

Ao todo, imagino que o espaço do Sonora seja de pouco mais do que um retângulo medindo 10x30m. Ao fundo, encontrava-se o bar e os banheiros. O bar onde as pessoas trabalhavam possuía pelo menos 3 isopores cheios de gelo e bebidas enlatadas. Fiquei admirado pelo preço baixo das bebidas, ainda mais em um evento de entrada gratuita. Mas o que me chamou atenção foram os desenhos que decoravam as paredes do bar. De cima do balcão de madeira, onde todos aguardavam para serem atendidos, era possível observar as artes coladas na parede de forma mais detalhada. Todas tinham o estilo “*pin-up*”.

Estas artes também estavam presentes nas paredes do corredor que levava ao banheiro feminino. Me arrependo de não ter tirado uma foto destas artes, mas no momento em que passei pelo corredor, haviam mulheres ocupando o ambiente. Esta situação me fez hesitar, tudo pensando no constrangimento ou mau entendido que poderia ser gerado por um homem estar tirando fotos próximo ao banheiro feminino.

O banheiro masculino se resumia a uma porta e um quadrado 1x1m, com um vaso sanitário, Não havia nada demais ali, como um ambiente estéril que a masculinidade não daria outro uso além do biológico. Mas o banheiro feminino e seu corredor me chamaram bastante atenção, por ser um espaço pensado para sociabilidades, separado da pista por uma cortina de cristais transparentes. Suas paredes amarelas decoradas com as mesmas artes do bar, um espelho logo acima das pias e uma iluminação também amarela. A intensidade da luz naquele local destoava do resto do ambiente.

O espaço do palco parecia pequeno para todos os instrumentos e caixas de som que ocupavam seus espaços, ao centro entre os dois pedestais havia uma bateria, os microfones estavam em pedestais a frente, caixas de som a direita de quem olhava o palco de frente próximas a porta de entrada, enquanto teclados e outros instrumentos que não consigo nomear estavam a esquerda. A cada trinta minutos mais ou menos, trocavam os artistas e um estilo musical totalmente diferente começava a tocar.

Não cheguei a presenciar a abertura do evento devido ao atraso, mas quando chegamos ao local, uma mulher negra de cabelos crespos, bandana verde e um vestido sem ombreiras, preto com estampas de folhas de Tajá, estava se apresentando cantando covers de músicas brasileiras e algumas autorais. Sua voz era acompanhada por três rapazes que tocavam violão, baixo e percussão. Uma das músicas cantadas por ela foi “Por Supuesto”²² da Marina Sena, toda a pista se animou e começou a cantar em coro junto com a artista. Esta talvez tenha sido a canção mais famosa cantada por ela naquela noite.

Antes dos estudos da antropologia, pouco me atentava às pessoas nos ambientes que frequentava, não de forma atenta e detalhada. Todos sempre eram uma grande massa amorfa que eu caracterizava como “galera do forró”, “galera do rock”, “galera do pop”, ou até mesmo “as gay”. Mas em um ambiente diverso, como o Sonora, durante aquele evento era perceptível como, apesar de parecerem um grande “bolo” de pessoas que curtiam os mesmos estilos musicais, se tratava de um ambiente plural. Os roqueiros dividiam espaço com os Rappers²³, que dividiam espaço com casais que dançavam coladinhos e com a galera abertamente LGBTQIAPN+. Os olhares naquele momento não continham julgamentos, nem reprovações, todos estavam ocupados demais curtindo seu momento e a companhia de seus iguais.

A apresentadora (figura 8) com seus longos cabelos lisos, possuía feições de descendência indígena. Usava um vestido vermelho com alças finas sobre os ombros e estampas douradas que me pareciam folhas, um salto também vermelho de altura média, que deixava seu pé e suas unhas à mostra. Entre uma apresentação e outra, subia ao palco com um papel em mãos e fazia a introdução de cada um dos artistas que se apresentavam.

Antes da apresentação do Rawi, houveram ainda duas apresentações dos grupos de Rap. Um deles formado exclusivamente por homens, cantavam músicas sexistas. Enquanto as mulheres cantavam letras sobre amores divididos, novas paixões e amores não correspondidos.

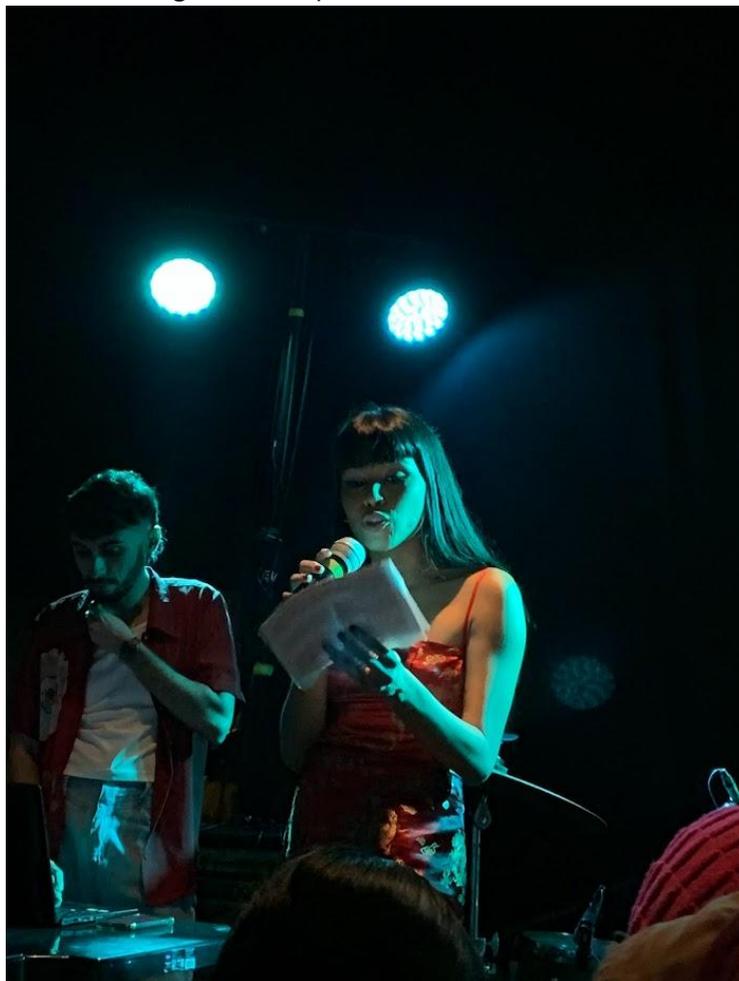
Entre um artista e outro, o público que ocupava a pista se alternava. Durante a apresentação dos *Rappers*, parte do público roqueiro foi para fora do

²² Clipe da música original disponível em [MARINA SENA - POR SUPUESTO](#)

²³ Categorizei estas pessoas neste grupo com essa definição devido ao meu desconhecimento sobre o verdadeiro estilo que eles produzem, mas com meu pouco conhecimento, acredito que seja uma vertente que surja a partir do rap.

recinto enquanto os que “curtiavam aquele som” entraram. Uma rotatividade interessante de pessoas das mais diversas tribos se estabelecia ali, sem vaias, sem confusão, havia uma troca de corpos na pista que se organizavam e dividiam o espaço da entrada que também era a saída, uma fila em cada sentido.

Figura 8 - A apresentadora do evento.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.

Todas essas observações até aqui foram feitas de cima do degrau que percorria toda a extensão da parede da porta de entrada até o bar. Por não ser tão alto, possuir apenas 1,72m de altura, escolhi este ponto por possibilitar olhar para toda a pista e palco sem ter a vista obstruída pelas pessoas mais altas do que eu. Além de possibilitar melhores fotos, dentro da limitação do que o celular pode oferecer.

Aproveitando a saída do “cativeiro” anti Covid, apelido que minha casa ganhou ao longo desses anos de pandemia sem vacinação, auxiliado pelo preço baixo das bebidas, tomei duas caipirinhas e duas cervejas. Este fato já me deixou

um pouco tonto e mais “solto” por assim dizer. Aqui surgiram outros questionamentos: Até onde eu poderia fazer desta saída um trabalho exclusivamente acadêmico e onde poderia aproveitar o evento como parte do público?

Quando a apresentadora anunciou a apresentação de Rawi, voltei os olhos para o palco e fiquei esperando sua entrada. Ao mesmo tempo pude perceber, por estar próximo a entrada, o movimento das pessoas que estavam na beira da rua, para entrar novamente e prestigiar o trabalho dele. Rawi usava um chapéu de palha pintado de prata, adornado com correntes prateadas. Cobrindo o rosto e o tronco um grande pano verde translúcido saía debaixo desse chapéu, quase como um poncho. Seus braços saíam pelas laterais calçando luvas de cano cumprido em couro preto que chegavam até seus cotovelos (figura 9).

Com a mão direita Rawi segurava o microfone em frente a seus lábios, e com a mão esquerda erguia acima da cabeça seu facão. Facão este que dá nome a seu álbum de estreia: “Facão que abre os caminhos”²⁴. Uma calça verde colada a suas pernas terminava em uma bota de cano curto preta que também possuía correntes pratas como seu chapéu de palha. A primeira coisa que me veio à cabeça foram as apresentações de Ney Matogrosso, mas com uma estética paraense inquestionável com seu chapéu típico dos povos ribeirinhos pescadores da região. Chapéu este que me lembra bem a infância no interior com meus avós utilizando o mesmo, sem adornos, para se protegerem do sol. Tenho quase certeza que o manto verde é uma referência a alguma divindade das religiões de matriz africana, me lembra muito o final do clipe do artista, também paraense Jaloo, Chuva²⁵.

Neste momento, decidi que iria para o meio da pista de dança com todos os demais, observar como tudo se daria na proximidade. O medo da Covid desapareceu por alguns momentos enquanto eu tomava minha bebida, mas ao fim, coloquei novamente minha máscara. Muitas pessoas se juntaram ao pé do palco e interagiram com ele enquanto cantava e dançava sobre o palco. Meio que inconscientemente, me entreguei ao ritmo e enquanto dançava de olhos fechados cantava suas músicas em coro com o público. Os questionamentos quanto a impessoalidade da pesquisa ficavam a todo momento percorrendo minha cabeça

²⁴ O álbum está disponível em todas as plataformas digitais de música, possuindo ainda um filme musical publicado em seu canal no Youtube disponível no link [YouTube](#).

²⁵ Clipe disponível em [Jaloo - Chuva \(Clipe Oficial\)](#), aos 4:08 do vídeo, Jaloo aparece coberto por um manto translúcido cinza e usando uma coroa de garfos que lembram um cocar indígena.

ansiosa. Entre um fechar de olhos e outro, observava as pessoas dançando bem próximas umas das outras. Pessoas de todas as tribos estavam na pista agora, curtindo a apresentação de Rawi, algumas cantavam junto outras apenas curtiam o som abraçadas. Casais homossexuais e heterossexuais trocavam carinhos abertamente.

Figura 9 - Rawi sobe ao palco.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.

Rawi cantava “Que baita climão”, música autoral que possui uma melodia que lembra uma música romântica, mas que ao mesmo tempo fala sobre ilusões amorosas e a necessidade de se afastar de amores falsos. Ainda assim, a pista possuía um “Q” de romance, com os casais que se balançavam coladinhos atrás das pessoas que dançavam sozinhas em frente ao palco.

“Meu olho no meio do peito, com todo respeito é pra te afastar. Menino do sorriso bonito, eu nunca tinha visto ninguém sorrir assim. Meu muso inspirador. Cuspiu na boca da nascente do rio. Quando entro na água sinto calafrio. O encanto de entrar no meio do

encantado. Como é bom ter um rio pra poder nadar. A teia armou, meu coração amou, teu nome tá no meu congelador. Meu olho no meio do peito, com todo respeito, é pra te afastar”. (Rawi, Que baita climão. 2021)²⁶

Entre uma música e outra, ele ia retirando partes de seu figurino, o primeiro a ser retirado (figura 10) foi o véu verde que lembrava um poncho translúcido, revelando por baixo dele que seu rosto e cabelos estavam presos debaixo de uma máscara de tela e em seu peito um *harness*²⁷ de couro. Sem o manto, agora suas vestimentas sexualizavam sua performance, ao mesmo tempo que atraía gritos de incentivo da plateia. Por fim, ajoelhado em frente ao público que lhe estendia as mãos, ele cantava enquanto passava sua mão esquerda pelo corpo, em alguns momentos ficava “de quatro”.

O tempo passou rápido durante a apresentação de Rawi, talvez mesmo por eu me sentir um pouco alterado com o álcool. A poucos dias comecei a me exercitar devido a problemas de saúde, o corpo ainda reclama dos exercícios e me manter de pé ao longo da noite exigiu um pouco mais da minha coluna “de 80 anos”, como eu costumo dizer. Rawi é então cercado de amigos e fãs para tirar fotos e eu fico ali parado olhando pra ele encantado com mais uma de suas performances. Acho que além do interesse acadêmico na sua arte, também sou seu fã. Não tenho coragem de abordá-lo neste momento e decido que tentarei uma abordagem mais sutil em outro momento, talvez por introdução de algum amigo em comum, ou mesmo mandando mensagens em suas redes sociais. Ele costuma ser bem ativo nelas, não deve demorar a me responder.

Enquanto ele conversa com seus amigos, o palco é preparado para a próxima apresentação que foi de uma banda de *HardRock* formada por mulheres. Decido então que é hora de encerrar a noite, apesar de curtir este estilo musical durante minha adolescência, passei a ouvi-lo cada vez menos e a curtir mais um som que naquela época eu costumava taxar de “ruim”. O Igor de 13 anos estaria decepcionado comigo. Mas ele também não estava acima do peso e não praticava exercícios além da educação física do colégio. Então vai ter que me perdoar por isso.

²⁶ Música disponível no canal do artista no Youtube, link de acesso [RAWI - Que Baita Climão!](#)

²⁷ É um acessório em couro comumente utilizado pelos fetichistas e praticantes do masoquismo. Também é um acessório bastante comum nas festas LGBT's pelas “gays padrão” como forma de demonstrar abertura sexual.

Figura 10 - Rawi retira o manto.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.

Ao sair pela porta com meus maridos, somos abordados por uma galera que gostaria de entrar no evento mas nos dizem que não há mais pulseiras disponíveis. Os dois dão então suas pulseiras para as pessoas entrarem no local e eu explico que a minha faria parte deste trabalho e esperei que compreendessem a minha recusa. As pessoas que antes estavam reunidas na beira da rua começavam a espalhar-se e ir embora do local, enquanto isso mais pessoas trajadas como “roqueiros” começavam a chegar. Clubes de motoqueiros estavam estacionados na beira da rua e eu podia ouvir claramente as meninas afinando suas guitarras dentro do sonora.

Fiquei sentado do lado oposto da rua enquanto pedia um carro de aplicativo para nos levar de volta para casa, algumas pessoas esperavam também pelo transporte ao nosso lado, outras fumavam durante a espera. Muitos iam caminhando para longe. O cheiro de cigarro e bebida que impregnava nossas

roupas me lembrava a adolescência, quando eu frequentava mais as casas de festa da cidade. Porém, agora há um diferencial, além de eu não estar mais “trancado no armário”, há um espaço na cidade onde pessoas como eu podem demonstrar afetos sem medo de represálias e violências. Naqueles dias, um jovem Igor limitava-se a afetos escondidos dentro de carros ou em cantos escuros. Hoje, posso beijar meus maridos em público, tendo a certeza de que não devemos nada a ninguém. Além de ser impensável em uma cidade retrograda como Santarém, poder prestigiar um show abertamente “De Viado” em um espaço que não fosse a Parada do Orgulho.

Mais do que antes, tenho certeza que quero trabalhar com Rawi, espero que o contato dê certo e possamos iniciar esta pesquisa em conjunto através de sua arte e sua trajetória. Agora dentro de mim há mais do que ansiedade, há uma animação gostosa, esperando o momento de se materializar na escrita deste trabalho, apesar de todas as dificuldades e ladeiras que enfrentarei ao longo deste mestrado em uma Universidade que não costuma abrir caminhos fáceis para pessoas como eu.

Notas Sobre este ensaio etnográfico

Durante a releitura deste trabalho, percebi que não me atentei aos nomes da maioria das pessoas que aparecem ao longo dele. Isso é um problema facilmente corrigível ao longo das entrevistas que se seguirão. Penso também na possibilidade de dedicar um apêndice inteiro desta pesquisa apenas para dar nomes às pessoas que aparecem ao longo de seu desenvolvimento. Fotos de rosto de quem autorizar, seu nome, história, sexualidade, etc. Dados que possam tornar as pessoas reais e mais visíveis do que a minha mera descrição possa as tornar ao longo da pesquisa.

Há ainda a falta de apresentação de “meus companheiros”, há um questionamento que me fiz durante a escrita e retorno ao longo da releitura. Qual o impacto de se estar acompanhado deles nas observações? Fora o auxílio de ambos na produção de imagens e vídeos. Ao longo deste ensaio optei por usar apenas as fotografias produzidas por mim, mas há muitas outras daquele dia que foram produzidas pelos dois.

Qual seria o número de pessoas presentes no evento se este fosse com entrada paga? A condição financeira de quem pode se dar ao luxo de pagar entrada e ainda consumir durante o evento não seria um agente limitador deste público? São

coisas a se observar em outros eventos que se seguem ao longo da pesquisa. Uma vez que a relação artista/público também deve ser impactada por essas questões de classe social. Ainda somos um grupo social marginalizado, mesmo com a abertura de novos espaços de sociabilidades em Santarém, certamente a produção artística LGBTQIAPN+ deve ocupar um espaço hierárquico mais baixo na categorização de pessoas que não conseguem nos enxergar como pessoas.

Medos, ansiedades e questionamentos sempre vão existir ao longo da produção etnográfica. Cabe a mim e a quem mais se sentir assim, encontrar os meios de manobrar estas dúvidas a nosso favor. Mesmo obras consagradas são recheadas destes perrengues e sentimentos dúbios quanto a produção acadêmica. E acredito que estas características são o que tornam uma etnografia mais verídica e aproxima o pesquisador de quem está lendo seu trabalho.

CAPÍTULO 2 - Rawi, Biografia Errática, possibilidades de existência e resistência.

Antes de entrar propriamente em uma discussão de conceitos e teorias sociais sobre a biografia de um sujeito e tentar constituir uma noção de “*queer* amazônida”, entendo que se faz necessário apresentar melhor Rawi. Ao longo do capítulo anterior, falei muito sobre minha identidade e trajetória pessoal, abordando um pouco sobre a relação desta com os trabalhos e história pessoais de Rawi. Então, nada melhor do que tentar ao máximo descrever para você que lê este trabalho um pouco mais sobre o “objeto” deste estudo.

Essa descrição, é ao meu ver, uma tentativa de dar agência a Rawi sobre os questionamentos sobre identidade *queer* e outras questões ligadas à comunidade LGBTQIAPN+, uma vez que a minha pretensão é de pensar uma produção antropológica que de agência ao interlocutor, demonstrando que muitos dos posicionamentos e temas abordados ao longo do desenvolvimento deste trabalho surgem da relação intersubjetiva entre ele e eu.

Rawi, o arte de bicha.

É difícil imaginar a possibilidade de conhecer realmente de perto um artista, principalmente alguém que você admira e gosta do trabalho muito para além dos muros da universidade, mas um gostar do trabalho que permeia o dia a dia. Meus fones de ouvido sempre estão tocando alguma música, e Rawi sempre toca entre Madonna, Jalloo, Lady Gaga, Gaby Amarantos, Linkin Park, Legião Urbana, Shakira, Pitty, Cássia Eller, Cazuza, além de vários outros artistas, o *line up* dos fones que me acompanham são muito diversificados e desde cedo me perguntei qual seria a minha reação a conhecer algum artista que admiro? Seria a histeria ou o congelamento? Essas questões sempre apareceram diante da possibilidade de me comunicar minimamente com um artista.

Com Rawi não foi diferente, mesmo antes de entrar em contato com ele, ainda imaginando possibilidades de pesquisa, sempre me encontrava ao lado de outros fãs e amigos na plateia de suas apresentações, trocando alguns sorrisos e cantando suas músicas sem mesmo ter coragem para me aproximar e tirar algumas fotos junto, como todos os outros faziam. Então começarei pelo que faria alguém que não tivesse tido a oportunidade de conversar durante horas com Rawi no sofá,

perguntando questões de seu íntimo, desde sua origem até as questões sobre afetos e sexualidades.

Antes das apresentações, sempre é possível ver Rawi andando com seus amigos pela plateia, um corpo magro, uma barba rala e o cabelo curto, um sorriso tímido que aos poucos vai aumentando conforme o álcool vai sendo compartilhado pelo grupo. Quase sempre com uma gargantilha e brincos, uma camisa de alcinha e shorts curtos, adornam este corpo, seus trejeitos são lidos facilmente pelos outros ali como os de uma típica “bichinha”²⁸.

Mas ao subir no palco, há outro Rawi em evidência, este sem pudores, sem vergonha de ficar apenas de roupa íntima em frente a plateia, que canta e dança com postura afrontosa, servindo doses de cachaça na boca de sua platéia enquanto sorri, sua performance é afrontosa, uma *gay* safada desperta e se insinua enquanto canta sobre amores não correspondidos. Há duas personas ocupando o mesmo corpo, uma que interage calmamente com o público, e outra que sobe ao palco e diz com todas as letras e atitudes a que veio.

Em outros momentos, a “bichinha” entra como uma visagem²⁹, seu rosto é coberto por um véu translúcido, que com o seguir da apresentação vai se despindo de pudores, desfazendo o misticismo por trás daquele corpo, revelando um corpo dominado e sexualizado (figura 11) ao olhar dos espectadores. Dominado, mas não completamente passivo, em sua mão esquerda carrega consigo seu facão, pronto para abrir os caminhos, sob sua cabeça, um chapéu de palha adornado com correntes prateadas, um símbolo do trabalho ressignificado, não mais para proteger do sol, mas para cobrir seu rosto dos holofotes que o cercam.

Diferente de todos que se apresentam na noite, Rawi é o que mais se destaca, por suas vestes afrontosas e bem trabalhadas. Sua performance traz mais do que apenas sua voz, traz consigo uma apresentação quase que teatral ao palco. Há uma mistura estética entre o misticismo amazônico, a identidade paraense marcada pelos rios e lavouras, onde o trabalhador abre caminhos por entre a mata com seu facão - comumente conhecido como terçado - e o chapéu de palha, fiel companheiro daqueles que tentam se proteger do sol. Rawi questiona o masculino e

²⁸ Termo pejorativo designando o homossexual afeminado.

²⁹ Termo local para assombração, comumente usado pelos amazônidas para designar espíritos de forma humana que assombam os lugares.

o feminino, seus adornos não possuem mais uma definição, são produtos de uma subjetividade questionadora, que propõe outras possibilidades a estes.

Figura 11 - Facão que manifesta desejos.



Fonte: Acervo pessoal do autor. 2022.

Mas então, para além do palco e das casas de show (figura 12), quem é Rawi? De onde veio? Quais seus medos e anseios? Estas talvez sejam perguntas que possam nos levar em uma jornada por uma história pessoal, cheia de questões que atravessam os corpos de sujeitos LGBTQIAPN+. Na primeira entrevista que realizei com ele, não havia muita experiência em meu repertório, e como bom acadêmico que passou toda sua graduação trancado dentro de uma sala na universidade lidando com as demandas que chegavam, eu nunca tinha pensado sobre como seria entrevistar alguém com o gravador ligado. Comecei então pelo básico, algumas questões iniciais que poderiam incentivar Rawi a falar de si e de sua trajetória, e que também pudessem ajudar a estabelecer uma relação de

confiança entre nós. Quem é você? De onde você vem? Quais suas inspirações? Questões que detalho melhor no Anexo 2.

Figura 12 - Rawi, o arte de bicha.



Fonte: *Instagram* pessoal do artista, 2023.

Rafael Vinícius é seu nome de registro, nascido em Santarém em 21 de Junho de 1999, foi criado na comunidade do Planalto São José, a aproximadamente 19km da zona urbana na rodovia Santarém Cuiabá (BR163). Entre suas principais inspirações estão Lady Gaga, Bjork e Arca, cantora e DJ venezuelana, entende as performances em suas apresentações não somente como necessária para artistas musicais mas também através de experiência com o teatro. Mas quem melhor do que o próprio Rawi para nos apresentar a ele e sua subjetividade?

A seguinte conversa, transcrita na íntegra para o trabalho, foi realizada em 12 de agosto de 2022. Os detalhes sobre dias e horários disponíveis foram acertados via mensagens nas redes sociais, onde Rawi me relatou não poder receber visitas em sua casa, uma vez que o seu acordo de convivência com seus

pais era bastante rígido quanto a isto. Assim sendo, optamos pela realização da entrevista em minha casa, local onde tivemos um espaço mais silencioso e a possibilidade dele se sentir mais à vontade falando sobre assuntos que talvez fossem vistos como sensíveis por seus progenitores.

Disponibilizei-me a buscá-lo em casa uma vez que morávamos a poucas quadras de distância um do outro, objetivando otimizar o tempo disponível de ambos para a realização da atividade. O equipamento utilizado para gravação de voz foi meu aparelho celular pessoal, modelo iPhone Xs Max de 64gb. Reunimos no sofá de minha casa, uma jarra de suco, outra de água e algumas bananas fritas. Enquanto escrevo isso, sinto arrependimento de não ter feito registros fotográficos da reunião, mas como tudo nesta vida é aprendido, ficam aqui notas mentais para as próximas pesquisas.

O produto desta conversa que você terá a oportunidade de ler é uma gravação de 2 horas e 12 minutos, as falas de Rawi estão em *itálico*, enquanto as minhas seguirão na formatação padrão do texto, uma vez que optamos por gravar uma conversa em estilo informal, enquanto Rawi se abria para mim, eu também o fazia para ele, contando sobre minha história e trajetória.

Narrativas de si - o objeto por ele mesmo

— Vamos lá, essa é a primeira entrevista com o Rawi... (Rawi sorri), eu não sei por onde começar, então a gente vai começar pelo amorismo, né? A primeira coisa é: Essa gravação, Rawi, será usada para o projeto de mestrado. Até o momento o título dela é “Corpos que se movimentam uma análise de trajetória com os artistas de Santarém”, mas eu acho que esse título vai mudar, porque como vou trabalhar diretamente contigo, tem esses trâmites também...

— *Uhum. (concorda enquanto balança a cabeça).*

— ...porque eu apresentei para a FAPESPA com esse nome e não sei se eles irão deixar eu mudar. Então vamos lá! (Nós sorrimos enquanto trocamos olhares nervosos, e após um suspiro continuamos) Me diga quem é o Rafael, quem é o Rawi?

— *O Rafael é... é o meu RG, registro de nascimento, filho da minha mãe, neto dos meus avós, é... essa pessoa que eu acho que antes ser artista era só pessoa, não*

que artista não seja pessoa, mas é... quer dizer quando eu virei o Rawi, eu nem era artista, eu só queria fugir de mim, criar uma outra coisa, não ser mais só o Rafael, sei lá, o Rafael tímido e introspectivo e ao mesmo tempo super extrovertido, é isso que eu nunca entendo sobre a minha pessoa, sou super tímido e sou super extrovertido. Mas é isso, eu acho o Rafael, nem sei se tem essa divisão clara assim na minha cabeça, sabe? Tipo, ah... o Rafael é quando eu desço do palco? O Rafael é quando eu chego em casa? Acho que não. Porque o Rawi ele veio eu tinha uns 10 anos assim, que eu mudei de nome praticamente. Todas as pessoas me chamam de Rawi, só os meus pais e minha família que me chamam de Rafael, mas não tenho essa divisão nítida assim, talvez os assuntos né, se for colocar assim de forma prática, estritamente família é o Rafael e o resto todo do mundo é Rawi. Com a família eu acho que são discutidos outros assuntos, uma outra máscara que se coloca pra viver, pra ser, pelo menos foi um bom tempo assim e talvez o Rafael seja essa outra coisa, mas na minha cabeça não tem essa divisão. Sou mesmo um nada... e um tudo ao mesmo tempo. (sorri)

— Essa fuga que tu falou pra mim... é uma coisa específica da qual tu quer fugir? Alguma violência? Ou é essa questão mesmo da personalidade, da timidez ao mesmo tempo que tinha o fato de ser extrovertido?

— Hum... *Ainda não tava muito claro sobre a sexualidade, sobre gênero, sobre... o que eu realmente gostava nesse tempo, tipo, eu estava na 6ª série, eu achava que era mais uma coisa de... me reinventar, eu acho que tive desde cedo essa vontade de reinvenção, e de buscar um... eu estava entediado talvez, eu não lembro direito, entediado comigo mesmo, é... Sei lá, é até difícil pensar, eu lembro do momento exato aonde eu estava tipo brincando com as iniciais dos meus nomes, aí eu fiz Ra com Cunha e não deu certo, o Vi com Frei de Freires não deu certo até que o Rawi deu certo, aí eu pow! ok, agora é isso, sabe. Eu sai de cadeira em cadeira para os meus amigos falando: me chama de Rawi agora, meu nome é Rawi e tudo mais, aí pegou, que até os professores me chamavam de Rawi, os amigos e todos. Aí isso casou com essa parada da arte né, que eu nem fazia ideia de que ia ser tão forte assim na minha vida, porque o teatro só veio acho que na oitava série, tipo uns dois anos depois. E... eu esqueci tua pergunta inicial. (risos)*

— Não...era só se, assim, pra saber se...

— *Se tinha um motivo específico, né?*

— Isso, pra saber se essa fuga tinha um motivo específico. Mas eu acho que assim, como era algo da infância, da 6ª série, deve ser uma construção da nossa identidade, né? De se afirmar como pessoa, além do que os nossos pais deram aquele nome. O que a gente é, além do nome que os nossos pais nos deram? Eu preciso te confessar que antes de te conhecer pessoalmente eu vi alguém pronunciar teu nome corretamente, eu te chamava de “*rauí*”, porque eu lia com *w*, e pra mim era Rauí, Rauí, Rauí... e aí eu já não lembro mais se foi no Festival dos Rios ou no Amazônia Queer onde eu conheci o teu trabalho.

— *O do ano passado né?*

— Sim. (Vozes ao fundo). Sim! Sim! Lembrei agora, que ele falou, eu até escrevi um texto a algum tempo, sobre isso né, que eu ficava pensando quando foi que eu vi o trabalho do Rawi pela primeira vez? Ta vendo, as vezes eu divago, e meu olho, meu olhar vai pra outro lugar (risos dos dois). Eu não sei, mas acho que te contei que foi com a questão da Parada Gay, eu lembro da tua performance, tu entrou na moto.

— *(Risos) Simmm!*

— Aí coincidiu de ser com a moto do meu irmão e que estava dirigindo. E também ser a primeira Parada Gay que eu fui com minha família mesmo, assim, de ser aceito, minha mãe estava participando, minha mãe biológica. Eu tenho uma mãe de criação também. E dali em diante, eu comecei acompanhar teu trabalho pra cima e pra baixo. E tem sempre aquele lado, tipo ah... (uma pausa pra explicar porque eu falo demais onde achava que deveria estar ouvindo) eu converso muito fácil, eu puxo assuntos muito fáceis, eu sempre vivia sorrindo vendo assim tipo... (sorriso envergonhado)(Rawi também sorri) e não chego pra falar. Aí eu pensei: “nossa ele é um artista, e não sei, vai que eu falo e ele me ignora e tal”. (Risos) Então vamo lá, vamo seguindo, né...

— *Isso só vai acontecer se eu tiver muito na merda. (Risos) De eu ignorar alguém que vá falar comigo, ou se eu não prestar atenção, ou porque to sem olhos ou porque não prestar atenção, porque eu sou muito leso assim... Tipo, eu ando na rua,*

sabe, tipo no meu mundinho, dentro da minha cabeça, até porque quando essa parada de, de... isso aí eu já tô... já puxei outro gancho que me lembrou, tipo...

— Não, mas você pode ir indo, não tem problema.

— *Isso tipo, por exemplo, de andar na rua, de ter contato com as pessoas de fora, eu sempre fui a gayzinha, eu sempre transpareci ser, é uma bicha que é diferente, sei lá, de pessoas lgbt que se descobrem na juventude já... ou na adolescência. Eu sempre fui uma criança viada, e um menino afeminado, né. Mesmo, até quando eu me visto mais “boyzinho” assim, entre aspas (gesticula com as mãos). Com uma calça super streetwear e uma camisa largona, eu sei que as pessoas estão me olhando, tipo, porque eu sou a... um viado, né? Uma bicha andando na rua. E aí, era... eu sempre me moldei pra esses encontros com pessoas da rua assim, de andar de cara fechada, de mudar minha postura, quando alguém fica me olhando muito, eu olho pra pessoa. Hoje em dia eu já tenho uma atitude de enfrentamento né. De olhar pra pessoa! Assim... se a pessoa falar alguma coisa Ou quando tem caras que assoviam, tipo aqueles caras de, de, carro de... de caminhão de construção, aí já perguntam: “Aim, Quer meu número?” (Risos). Não é nem tipo, me sujeitando a isso. A pessoa acha que está me constrangendo? A minha arma vai ser constranger ela também, botar ela nesse mesmo lugar, sabe? Ou se ela acha que está me constrangendo, ela só está me reafirmando, sabe? O quão interessante e bonita eu sou para ela parar o dia dela e assoviar pra mim. (risos)*

— É interessante essa sua colocação. A gente entra numa temática que já passou também por mim.

— *Uhum.*

— Tipo... pras categorias de dentro da sigla LGBTQIA+, eu me encaixo muito no gay heteronormativizado, que tipo... “ai de boca calada passa fácil por hetero” e tal, inclusive já fui desconvidado de vários eventos (risos) porque, tipo... “eu não era gay o suficiente”, sabe?

— Ok!?... (Risos).

— Aí eu te entendo, nesse quesito de autoafirmação. Quando eu me assumi para minha família eu tinha 15 anos, aí foi todo aquele para pra acertar, minha família é

evangélica... e aí... teve essa questão de: “ai é pecado! Não é, e tal”. E eu também não me entendia, não tinha certeza absoluta.

— *Sim... (olhava fixamente com atenção).*

— E tipo, o respeito da minha família enquanto homossexual só veio quando eu comecei a me definir como viado.

— *Uhum. (Confirma com a cabeça).*

— Enquanto eu falava assim, que era homossexual, sempre vinha aquelas frases de: “Ai isso é só uma fase e vai passar”. Mas, a partir do momento que eu comecei a dizer “Não! Eu sou viado! É isso e acabou”.

— *Uhum. (Confirma com a cabeça).*

— Eles foram entendendo que não era uma fase. É quem eu sou, né. E aí, a gente pode entrar para o critério de falar sobre família.

— *Sim... (concorda com a cabeça enquanto sorri sem jeito).*

— Se tu se sentir à vontade, é claro.

— *Sim! (sorri)*

— Essa é a primeira entrevista, provavelmente irão ter outras. Fora as vezes que eu vou estar te acompanhando, fazendo anotações só de relance. Mas como ela ta sendo meio guiada e se quiser falar sobre família e a tua relação com eles, você pode falar.

— *É... eu morava lá no São José que é uma comunidade aqui da cidade, km 19, aonde boa parte da minha família mora também. E... lá é muito pequeno, né. E era bem mais pequeno quando eu era criança, então. Todas as casas perto, era casa de tios, era casa de parente, então era muito fácil notar o estranho no ninho, né. A pessoa que era diferente das outras. E desde criança era falado para minha mãe, para minha tia, de que eu ia ser gay, de que eu ia... porque todo mundo já desconfiava e tudo mais. A minha tia me pegou quando era criança, calçava uns saltos da minha mãe, vestia vestido da minha mãe, e aí começa as perguntas, e aí*

começa os questionamentos, e aí as perguntas, de tipo “ai e ai, quando é que vai ter uma namoradinha?” Isso já mais né, adolescente. Já não são querendo saber quando vai ter namorada, é... de um certo ponto de constrangimento, pra constranger, até às vezes sem intenção, é... não é nítida a palavra, mas tipo... não é intencional, querer constranger mesmo, de fato, mas vem disso, eu acho, também. É tipo, de querer colocar na parede né, tipo: “a fala ou não fala, diz logo”. Não sei qual era a intenção da galera de perguntar sabendo ou achando que não viria uma namoradinha daí, sabe?

— *É aquele condicionante, né. Dos tios que querem uma afirmação e só querem confirmar através do constrangimento mesmo, porque.*

— *É.*

— *Às vezes quando a gente é criança e não percebe o constrangimento, mas depois a gente fica se colocando no lugar de: “Pow, eu não sabia nem quem eu era como pessoa e que estava passando por tudo isso”.*

— *Sim, sim.*

— *É uma espécie de violência internalizada.*

— *Sim, e lá no São José o papo era desde criança, muito jovem. Eu vim morar pra cá com 7 anos e antes dos 7 anos, sei lá, com 5 ou 4 anos eu já sabia que eu tinha atração por meninos, eu sabia que era ali que o negócio estava, e isso é muito estranho até... Desde muito novo, assim... eu acho que também por isso que, cresceu uma criança viada (risos), por já ter essa coisa, né. Esse chamamento pelos meninos só de olhar, aí ficar meio assim e tudo mais. Ai ta, e ai minha família, né? Aí tinha essa tia, que era uma tia bem efusiva, nesse sentido assim, ela sempre me questionava. Mas por mais que ela me amasse muito, ela também me criou por um tempo, quando eu era bem bebê. E aí ela me perguntava se eu era time azul ou roza. Errrrrrr... Saca?(risos). Que saco (risos), e aí nesses momentos eu já ficava mais puto, eu já xingava e tudo mais. Aí que foi o momento lá na casa dos meus avós, que eu ia todo final de semana, eu já morava pra cá, comecei a me retrair muito, eu chegava e dormia o dia inteiro, passava tipo o domingo. Eu chegava e não falava nada, sabe? Eu ficava no celular o dia inteiro, aí eu fui começando a me*

distanciar dessa parte da minha família, né. E aí eu só vivia o que eu vivia aqui na cidade. E aí, só os meus pais que vieram descobrir... descobrir não, ter a certeza quando eu fiz 18 anos. Eu peguei e postei no facebook um textão (risos), que eu queria logo, não ter que falar um por um. Queria dizer logo de uma vez, assim... Eu já tinha falado pra essa minha tia que sempre me perguntava e eu peguei e disse, falei para uma prima e tudo mais, meus amigos todos já sabiam, todo mundo já sabia, assim é... E aí, com 18 anos eu postei esse textão no facebook, dizendo "ah... sou gay mesmo, se quiser espalhar aí pra família, espalha aí". E aí contei algumas... de como eu me sentia, né. E aí... tinha... eu não era... como eu posso dizer, tímido no Instagram. Hoje em dia eu sou muito mais reservado (risos) até do que antes. Eu postava uns nudes conceitual, foto da minha bunda, umas coisas assim nada haver pra minha idade inclusive, isso sei lá, com 16, 17, 18 anos. Eu tava assim... (estala os dedos).

— Quantos anos você tem hoje?

— 23.

— Eu tenho pra mim que eu só consegui ver o mundo de forma diferente depois dos vinte e poucos. Antes disso a gente...

— *Aham.*

— Vai chegar uma hora, provavelmente pra ti também, que tu vai olhar pra trás e vai falar "cara, o que é que eu to fazendo?". Tipo, tu já faz isso hoje...

— *Sim! (risos) Eu faço isso, eu tava fazendo isso, tipo, ontem?! (risos) Com o role de ontem. (risos) Mas é... e aí pegaram e falaram. Aí minha mãe viu mais fácil né, aí o único negócio dela foi meus avós, né. Que ela tinha medo do que meus avós iriam falar, né. "Ah, por serem mais velhos" e tal. (risos) E foi tipo... a parte mais tranquila de todo esse rolê foram os meus avós. Ela já sabia, ela já do papo entendeu? Ela só não tinha pra onde correr. Ela só não sabia da minha boca, mas ela já sabia... como era. Uma vez ela pegou um caderno meu onde estava escrito o nome do primeiro menino que eu gostei e tinha coraçõezinhos, assim. Aí ela me questionou, falou que tinha gente chegando pra falar pra minha tia, pra ela e que não sei o que... Aí eu fiquei só calado né (risos), ainda estava assim muito é... inseguro de falar, mas*

sabendo do rolê todo. E aí mostraram essa foto para o meu pai da minha bunda pra fora lá no instagram (risos).

— (risos) Essa foto ainda existe?

— *Existe! (risos) Ta arquivada porque ela é muito boa.*

— Olha... quem sabe ela não aparece por aí de novo! (risos)

— *Hum?*

— Quem sabe ela não aparece por aí de novo. (risos)

— *Uhum! É tipo, minha bunda ta pelo facebook, pelo facebook não, pelo youtube todo pelos clipes, parte dessa minha safadeza toda tá pra lá. Mas essa parte de nudes é tudo uma questão de autoafirmação, de sentir querido, de sentir desejado, etc. Ham... e aí... aí começou a parada toda né, porque no domingo que era aonde a gente estava, que é quando falaram pra ele, lá na casa da... da parte que era da parte da família dele. Aí ela já chegou... minha prima me falou, minha prima que morava numa casa lá, falou que “que aconteceu isso, isso e isso. Te prepara que teu pai vai falar contigo”. (risos) Isso num domingo. Nesse tempo minha mãe estava fazendo estágio e ela saía toda manhã, ficava a manhã toda fora e voltava. E eu ficava sozinho em casa e ele ia para o trabalho, ele ia sempre depois dela. Aí passou a semana toda para ele falar comigo, tipo assim, eu esperando a semana toda de domingo a sexta, ele veio falar comigo na sexta-feira, passou toda essa semana e eu assim: “é hoje, é hoje, é hoje”. Eu a Ludmilla lá né, é hoje. (risos)*

— (risos) Esperando a conversa com o pai.

— *Uhum. Aí chegou a bendita conversa, nessa sexta feira ele entrou no quarto, aí falou... trancou o quarto!, aí falou que queria conversar e tal. Aí ele sentou na cam. (risos)*

— (risos) Hoje a gente ri dessa conversa, a gente sorri, né. Mas eu imagino o nervosismo do dia.

— *É eu estava bem tenso (risos), fiquei tipo “bora lá, né”. “Estamos aqui (risos), não tem como fugir” (risos). E aí, ele sentou na cama da frente e eu sentei aqui parado,*

só que eu estava numa posição meio tipo “ham..” (entediado). Eu não estava afrontoso, porque eu sabia que se afronta-se o babado poderia sair meio que do meu controle. Ele estava controlado, não foi agressivo comigo.

— Isso tu tinha quantos anos?

— *Eu tinha 18, ele não foi agressivo comigo mas... meu pai eu acho que me bateu duas vezes na minha vi... duas ou três vezes no máximo na minha vida toda, só que ele sempre teve a posição muito dura, sabe, tipo assim, ele é escorpiano, sempre a última palavra é dele, ele sempre está certo, é pra ser sempre do jeito dele, é ele que trabalha em casa, que sustenta a casa, sabe tipo, essa posição do macho que domina tudo.*

— Que paga pela casa né?

— *Isso e eu também, desde criança, isso é muito louco, desde criança eu nunca tive uma relação muito boa, afetuosa com meu pai. Não sei se é porque durante a gravidez da minha mãe ele estava distante, meu pai ele era garimpeiro, ele ficava meses, nove meses, oito meses, cinco meses fora, e aí ele pegou pouquíssimo da gravidez da minha mãe, eu acho que ele me viu nascer, passou uns meses e aí ele já foi viajar, e aí eu fui ter contato real com ele já, sei lá, já com dois ou três anos nem sei direito. Só sei que ele tinha esses lapsos assim, sabe? Eu não sei se é por isso que eu tinha ciúmes da minha mãe com ele. Por eu ficar muito com ela, ele era meio estranho assim, esse role todo e aí eu nunca tive uma boa relação com ele de pai e filho e tudo mais. E aí ele sentou e chorou, chorou, chorou de soluçar... Chorou, ele já era da igreja da Assembleia de Deus.*

— A Assembleia de Deus é uma igreja recorrente na minha trajetória, não da minha família em si, mas... das pessoas que eu conheço, a Assembleia de Deus sempre está no meio. Ainda mais para a comunidade, o São José fica na Curuá-una?

— O São José fica na Cuiabá.

— Na Cuiabá?

— É.

— Hummmm... é mas a Assembleia de Deus nas comunidades ela é muito mais tradicional que a Assembleia de Deus dentro da cidade.

— Sim! *Minha bisavó era da Assembleia de Deus, minha avó é da Assembleia, meu avô não é porque ele nem gosta de igreja, ele é o estranho nesse sentido, né. Inclusive eu acho que se tivesse terreiro lá no São José, ele seria do terreiro, seria do candomblé, da umbanda, que é com certeza, o que mais ele se liga assim, com as evidências que eu tive, assim. Só que meu pai entrou na igreja depois que a mãe dele morreu, minha avó. E aí... aí é engraçado que a pessoa viveu a vida toda dela bebendo, fazendo as coisas que quer, fazendo sei lá as merdas que quer, aí depois entra na igreja e quer virar santo né, quer virar a pessoa mais certa, acreditam que é correto e etc. E aí ele chorou, chorou muito, falou que... só que ele falou muitas coisas duras assim, ele falou que eu tinha uma legião de demônios dentro de mim...*

— (risos).

— *Ele falou que eu estava no caminho do pecado, que eu não era mais filho dele, que eu tinha morrido pra ele, que era eu que estava destruindo a família, que não sei o que.... E aí, dessa parte foi bem triste, eu não chorei mas fiquei assim... (silêncio) calado na minha, respondi o que eu tinha que responder. Aí ele me perguntou se eu nunca tinha ficado com meninas, ele me perguntou porque eu não tinha falado antes, me perguntou assim, deixa eu tentar lembrar... aí eu fui respondendo de boa, tranquilo porque era ele que estava afetado, mais afetado do que eu e... ele orou na minha cabeça, pediu pra eu ajoelhar, ele orando e eu só assim tipo "I'm beautiful in my way, 'cause god makes no mistakes" (risos). Eu tava cantando Lady Gaga na minha cabeça. E, deixa eu ver o que mais. Nossa foi bem engraçado, quando ele saiu eu coloquei Shallow pra tocar e foi bem quando tinham lançado Shallow da Lady Gaga, engraçado isso. É, o que mais... deixa eu pensar. Aí ele começou a me dá intimatos, o problema era eu ser gay e fazer arte, fazer teatro. Nesse tempo eu fazia muito teatro, eu estava com grupo de teatro, tinha acabado... eu tava formando um grupo de teatro, meu. Aí ele começou a dá intimatos, você não vai fazer mais teatro, não é mais pra você fazer mais isso, tira todos os livros do teu quarto, o problema era ler, ter livros. Sabe?*

— (risos) Livros são coisas de gay. (risos)

— *Tira tudo daqui, desforma o teu quarto. O meu quarto sabe, tipo o quarto do adolescente, tipo para se expressar, eu tinha colado várias coisas, tinha vários livros, eu tinha que começar a encaixotar tudo e aí desde então eu vivo num modo meio parasitóide assim sabe, na minha casa.*

— Até hoje ele sustenta sua mãe dentro de casa?

— *Até hoje. É. Minha mãe se formou em pedagogia e tudo mais, mas ainda não conseguiu trabalho.*

— Nesse Brasilão que a gente vive, minha mãe também se formou em pedagogia, ela é terceirizada pela Prefeitura e tem um segundo emprego à noite para poder pagar as contas. Conheço a história da tua mãe, parecida com a da minha.

— *Então, aí eu vivo né, e hoje está um pouquinho mais tranquilo, tipo a gente não se fala e desde então a gente se falou só em momentos muito específicos. Quando ele veio de novo, depois de tipo... ele falava assim: “tu tens até o final do ano para tu conseguir um trabalho, parar de fazer o que tu faz e da um jeito na tua vida e virar gente, tem até o final do ano”. Aí eu “tá”, não sei se eu sou maluco ou se eu sou doido ou não tenho amor a vida, eu só ia vivendo e ia fazendo o que eu tinha que fazer, não procurava emprego fixo (risos). Porque eu sabia que assim que eu procurasse um emprego fixo eu teria que largar a arte, com a força né, que eu precisava, e eu não sei o que teria acontecido se eu tivesse feito isso né, largado o que eu tava fazendo pra ter um trabalho fixo ou ter saído de casa, sabe? Eu não sei como taria a minha vida hoje, porque eu teria que me bancar no mundo sozinho né, aí eu preferi me submeter a ser um parasita na casa dos meus pais, em prol de minimamente ir empurrando com a barriga o meu trabalho com a arte do que me lançar no mundo sem conseguir dar o meu máximo possível na arte, assim sabe? Hoje em dia a gente não se fala, ele só falava comigo quando tinha que dá esses intimatos, teve esse primeiro, aí eu acho que passou um ano ou um ano e meio sei lá, e teve o segundo de tipo, “olha tu tem que dá um jeito nisso, se não tu... vai sair de casa até esse prazo e não sei o que, não sei o que lá”. Aí a gente não se falava mais e tudo mais e tal. E aí... como é que é, eu queria falar uma coisa... só que ele não falava comigo, mas falava com minha mãe, tipo ele jogava as piadas dele pra minha mãe, falando que eu era vagabundo e tudo mais. Eu reconheço em parte, que*

tipo assim, querendo ou não eu sou um peso pra eles, sou uma pessoa de 23 anos sem trabalho fixo, que tenta viver um sonho, que está vivendo um sonho que é chegar no lugar, que é pencas difícil tipo, é um em um milhão pra chegar aonde eu quero chegar. É... dessa parte eu entendo, eu não consigo ajudar em casa, a família e meu pai é taxista e minha mãe não trabalha. (sorri sem jeito) Se eu for parar pra pensar mesmo, eu sou até..., é uma atitude minha egoísta, né? (baixa a voz triste) Mas eu não consigo abrir mão sabe, de querer chegar aonde eu quero chegar. Porque se eu chegar, eu sei que minha vida vai ser outra e a deles também. Então é isso que me mantém nisso assim, em tentar viver da arte mesmo, mas viver da arte mesmo em conseguir fazer muito isso, ser muito grande e é isso que é muito louco. Porque isso também tem esbarrado na realidade do agora, porque quando eu era mais jovem eu pensava: “não, eu vou conseguir, vai dar tudo certo, vai ser difícil, mas vai dar certo”. E tá, as coisas estão andando hoje em dia, nossa, muito mais do que antes, mas ainda assim para eu conseguir ter o mínimo de estabilidade é, e ajudar eles, é “vai ter que ralar o cu e se fuder muito” ainda sabe?

— Essa referência eu entendi. (risos) Olha não querendo ser confortador, mas sendo um pouco reconfortante, é... o Brasil tá uma bosta, pra todo mundo. Eu sempre olho pra isso, eu digo muito para o Paulo e pro Antonio até mesmo pros meus amigos, digo que eu fui um dos que caíram naquele conto de que “ahh, a universidade federal, estuda que vai mudar as coisas”. Cá estou eu estudando há 10 anos e vivendo de bolsa de estudos, entendeu? Da minha trajetória quando eu me assumi durante muitos anos eu passei esses mesmos problema contigo né, que tu teve e que ainda tem, é sempre a sombra do amanhã eu não posso mais ter um teto...

— *Uhum (concordou com a cabeça).*

— Porque meu pai que pode botar pra fora, só que como eu tenho duas mães, teve a questão de que quando eu tinha problema com uma mãe então ela dizia “vai pra casa da outra”, vai pra cá, pra lá... e 11 vezes vai de um lado para o outro. Eu nunca tive um espaço meu, eu sempre dividi o espaço com meus irmãos, e como eu sempre passei por esses lances de ser jogado de um lado para o outro, eu tive um problema pra criar aquela noção de que este é o meu lugar.

— *Uhum (concordou com a cabeça).*

— Os meus dezoito anos quando eu completei, eu já estava na faculdade, eu tinha acabado de entrar na faculdade. Eu lembro de uma vez que eu discuti com minha mãe, porque a minha mãe biológica nunca teve muitas condições e nem oportunidade de estudar, ela só foi estudar depois que o meu irmão mais novo completou dezoito anos. E a minha mãe de criação era concursada, hoje ela já é aposentada e ela ajudava a gente. Eu lembro que a noite quando a “merda bateu no ventilador”, foi porque eu fui falar para a minha mãe que eu ajudava ela em casa, fazia tudo o que tinha pra fazer e a única coisa que eu queria era que meu irmão guardasse a comida de noite, para não deixar em cima do fogão, pra não estragar. Aí teve todo um estardalhaço, uma confusão aí ela falou um monte de merda, na época o Paulo estava trabalhando de terceirizado e a gente sempre almoçava na rua, e aí ela falava: “aí, sempre estraga comida aqui em casa, traz ele pra almoçar aqui”. Então a gente passou a almoçar em casa e quando teve essa confusão ela resolveu dizer tipo assim: “Ai eu to eu estou sustentando tu e teu macho!”. E eu...

— *Aham (concordou com a cabeça).*

— Sempre fui uma pessoa pra fora, como as duas mães me criaram pra, tipo, “tudo que tu faz tu mostra a mão, tudo que tu fizer... taca a pedra e mostra a mão”. Quando ela falou isso eu disse: “Ta ficando doida?! A senhora que chamou a gente pra cá, a gente nem pediu, comíamos na rua, tá ficando maluca?! e outra coisa não é tu que paga a comida é a minha outra mãe”. Aí eu sei que nisso a gente discutiu e eu falei “chega! Pra mim não da”. Ai nisso que eu falei chega, a gente brigou, eu ameacei a processar ela e tal. E no final acabou que eu que expulsei minha mãe de casa. (risos)

— *(risos) Meu deus! (risos)*

— E fiquei com a casa... E pra mim, ali o sonho já tinha acabado, de estudar. Tipo ahh, só se um dia eu tivesse filhos e talvez eu seguisse esse sonho através deles. Mas pra mim acabou, e aí eu tive sorte na minha vida, sei que isso é de um em um milhão, de ter uma pessoa boa o bastante que nem o Paulo, que me diz “não eu vou te ajudar fica estudando e a gente vai dá um jeito” e até que vieram as bolsas de estudo.

— *Sim.*

— E aí estudar começou a se pagar (risos), não somente com minha alma, mas também com o dinheiro. Então tipo... essa trajetória eu imagino o que teu pai pensa, a geração dos nossos pais ela, ela é uma geração que cresceu no sentido que “você estuda um pouco, tem outras oportunidades, você vai fazer um mundo diferente, mas se você se esforçar e trabalhar”... porque a geração dele era, se esforçar um pouquinho compra uma casa, esforça um pouquinho e não sei o quê. Teu pai foi trabalhar no garimpo, um local que apesar das doenças e todos os riscos que tem ali, querendo ou não ele com sorte conseguia tirar um dinheiro dali.

— *E é um lugar muito machista né...*

— Sim! E então pra ele olhar para um filho que é artista, é tipo um vagabundo, que “não quer nada com nada na vida!”. Tipo assim.

— *Sim. Hoje ele já perdeu até a esperança, porque está mais tranquilo sabe (risos), ele perdeu a esperança de que eu vá mudar, como se fosse possível de que eu vou ser salvo, não sei se ele ainda pensa desse jeito, eu acho que sim, porque... porque se eu for olhar para todos esses 23 anos meu pai é muito irredutível, ele é muito... muito a última palavra é a dele, última ideia é a ideia dele e que é a certa e tudo mais. Não sei se com a idade chegando, não sei quando ele ficar mais velho, não sei se eu ficar rico (risos) vai ajudar, não sei. Minha mãe é tipo, que tipo assim, se não fosse a minha mãe esse babado aqui não estaria acontecendo. Porque é ela que me ajuda em tudo, assim, que tipo virou minha aliada, aliada de tudo mesmo. Porque eu almoço antes ou depois dele, eu tomo banho antes ou depois dele chegar ou ir embora, eu saía antes quando o quarto dele estava fechado, eu realmente vivia no regime onde a gente não tinha que se esbarrar, tudo tinha que ser feito em horários alternativos do que ele.*

— Ainda continua assim?

— *Continua um pouco. Tipo comida eu almoço no meu quarto ou é antes ou depois dele, sair... sair eu sempre fui muito de sair, com quatorze anos eu estava saindo e voltava de madrugada, então sabe, era até acostumado com minha mãe.*

— Se você fosse nomear essa relação, você diria que era marcada de homofobia? Ou também se tem a questão do trabalho, teu pai enxerga a arte como um não trabalho.

— *E ainda tem a coisa da igreja, que a arte é “coisa do demônio”, também sei lá, de fazer música, teatro e tudo mais.*

— Esse lado da assembleia eu já não conhecia. (risos)

— *Ah, mas é demais. Ainda mais pela arte que eu faço né, assim pelo... em como eu me apresento para as pessoas. Até hoje eu não sei se ele viu os vídeo-clipes, ele nunca me falou nada, duvido que alguém não tenha mostrado, então eu não sei assim.*

— Minimamente naquele... “olha o teu filho”.

— *É. Não sei como, que tipo, até porque eu estou na tv né?! (pausa)*

— Não não, eu só tô olhando porque ele acendeu né (celular), vai que ele tinha parado de gravar, a gente conversando e ai... (risos).

— *Ah ta. Eu to na TV Tapajós, né, que é tipo algo que... sei lá minhas tias que não tem instagram devem ver e ficar tipo assim, “ohhhh de vistidão da Dica Frazão, super bichinha” e aí eu não sei até que ponto ele sabe de tudo isso de fato né. Mas eu não sei se a mamãe fala alguma coisa pra ele. Minha mãe hoje em dia ela entende muito agora, está muito por dentro de tudo o que eu faço, ela acompanha, ela ver todo os meus stories lá, ela curti todas as minhas fotos, ela pergunta mais do que antes, ela entende que é o trabalho, entende tipo, que o que eu tou fazendo é pra conseguir e estou conseguindo chegar em outros espaços maiores, tipo a parada do Sons do Pará, a parada dos Festival dos Rios que foi algo que marcou muito ela, tipo das vizinhas falarem bem e que me viram na tv... E ela vai criando essa coisa assim de admiração e tudo mais. Aí a minha família do São José, depois que.. daquele post voltando lá atrás, post de 2018 a minha bisavó era viva ainda, e minha bisavó era muito da igreja, aí quando eu fui pra lá no domingo depois de todo mundo saber e com o “cu na mão”, sim “caralho, como que vai ser esse dia, que merda”. Minha bisavó me abraçou e falou assim, começou a chorar, não sei o que “meu filho eu soube de uma coisa, eu vou passar mal” e não sei o que. (risos) Pra*

mim... ela tinha tipo oitenta e pouco anos, oitenta e sete e aí o meu bisavó não falaram pra ele porque também ele já estava bem velhinho, a minha avó materna ela só me abraçou e chorou, chorou falando “eu te amo, eu te amo, eu te amo” e meu avô, o pai da minha mãe eu não sei, ele nunca falou nada, pra ele foi “Who cares”, tipo assim, “eu já sabia e nunca disse nada”. (risos)

— Sabe o que eu percebo, assim, voltando um pouco no tempo, e te contando alguns relatos também. Assim, esse trabalho ele também... ele também é uma forma de pegar a nossa trajetória como homossexual na Amazônia. Porque eu percebo que tem muita questão de alguns trabalhos que estão na capital, que ninguém está nem aí pra gente aqui no interior. Santarém é uma cidade relativamente grande, pra chamar de interior, mas ainda tem muitos marcadores, eu vejo que as trajetórias são muito próximas. Por exemplo, tu tevês ainda a proximidade com teus bisavós.

— *Sim.*

— Eu já não tive. Mas eu tive a proximidade com meus avós, porque aqui, como a gente essa cultura do interior, da família que vai crescendo e tal, a gente está muito próximo, tu por exemplo, é da comunidade de São José, a minha família é da Costa do Aritapera, é uma comunidade ribeirinha atravessando o rio e tal, umas 6 horas de barco. Então eu também tive esse choque com meus avós, eu gosto de ver isso, que a trajetória do gay amazônida ela é parecida porque os nossos núcleos familiares são parecidos. Eu lembro que quando eu me assumi a primeira coisa que eu passei foi minha mãe, primeiro ela mentiu pra mim, “a não está tudo bem” e não sei o que, não sei lá. Depois a gente teve uma conversa, nessa época eu e a minha mãe biológica, a gente não era muito amigos. Eu sempre digo pra ela e pra todo mundo que minha mãe biológica teve dois momentos na vida dela, uma que morreu que é a mãe que morre depois que se forma e a mãe que nasce depois que se forma.

— *Uhum.*

— Então a gente não se falava direito, a minha mãe de criação ela sempre esteve mais presente na minha vida, sempre foi o que mais importava e aí teve essa mentira, quando eu fui apresentar meu namorado na época, eu tinha 15 anos e ele 18 anos, aí teve todo aquele choque que “era pecado, que era errado”, não sei o que

tal, ameaça pra cá, ameaça pra lá, chamou ele de pedófilo e tal. Todas essas coisas teve.

— *Caralho. (reage em choque)*

— Quando foi o dia realmente, do “sair do armario”, como eu te falei como elas me criaram com esse negócio de “taca a pedra e não esconde a mão”, eu sempre fui enrustido porque nunca tinham me perguntado até o dia que me perguntaram.

— *Uhum, mas isso com 15?*

— É, em um churrasco de família. E tipo assim, eu estava de boa na rede comendo a minha comida e minha mãe senta e tal, “deixa eu te perguntar uma coisa, você está namorando com homem é?”. E a minha reação foi tipo, “Hummm...to mãe, tem algum problema?” e ela “Não, não que isso, tudo bem, eu gostei que você foi sincero comigo” e levantou e foi embora. Aí passou o tempo e chegou minha outra mãe, a Claudia é a biológica e a Telma é a mãe de criação. “A Telma me falou tal coisa, é verdade?” Eu falei “sim mãe é verdade, tem algum problema?” “Não, não está tudo ótimo” e só fez levantar e eu lá com o meu prato de comida, por eu, dormir e comer são meus esportes favoritos. (risos) E eu la comendo, quando eu dou, minha família entra pra casa da minha avó e tal e vai todo mundo pra dentro. Eu “puta que pariu, elas vão contar pra todo mundo”, a primeira coisa que eu pensei foi, os meus avós nunca mais vão falar comigo.

— *Aham.*

— Foi a primeira coisa que eu imaginei, porque os meus avós são daquela primeira Igreja Batista, que a mulher tem que usar véu...

— *Meu Deus.*

— Que não pode usar batom e tal, então tem todos esses paranauê. Aí começou tias chorarem para um lado, chorarem para o outro. Quando minha mãe engravidou de mim, ela tinha 19 anos e foi expulsa de casa e todas essas paradas aí, então meio que eu fui filho de todo mundo. Aí começou um chora pra cá, chora pra lá, eu lembro que a minha tia mais velha ficou foi brava e foi embora, ela não aceitava que meu tios estivessem fazendo todo aquele escândalo, “só porque o menino gosta de

homem”, porque meus primos tem um histórico de violência, alguns era usuários de droga, drogas mais pesadas.

— *E aí, toda essa comoção porque né...*

— E aí eu lembro das palavras da minha tia, que ela fala assim tipo: “eu queria que os meus filhos fossem tudo gay e sapatão, assim eu não tinha preocupação. Eu fico preocupada que vão me ligar dizendo que morreu por causa de droga, por causa de crime e não sei. E vocês estão fazendo todo esse escândalo” e pegou e foi embora. Aí eu lembro que meu avô fez exatamente igual ao teu, não falou nada, nunca e não tocamos nesse assunto, não falamos sobre o Bruno e literalmente..., o nome do meu primeiro namorado era Bruno (risos), e a minha avó me chamou no quarto dela e aí eu tive meu primeiro choque, a minha avó virou pra mim e falou: “meu filho tu tens idade pra saber o que é melhor pra tua vida, eu vou te amar do mesmo jeito, isso não vai mudar nada”. Cara... todas as vezes que dava problema com minha mãe, eu lembrava dessa frase da minha avó, isso me dava muito ódio, sempre fui movido pelo ódio, eu não vou aceitar, eu não vou me curvar pra minha mãe, porque se minha avó que era de uma geração passada, que passou por isso, que tem a igreja...

— *Sim...*

— E consegui me aceitar na hora que ela soube, eu não aceito que minha mãe seja homofóbica comigo, na época eu não sabia disso, não tinha essa nomenclatura “homofobia” comigo. Não aceito que minha mãe tenha preconceito, não aceito que minha mãe não me ame como eu sou. Então tipo assim, essas nossas trajetórias estão muito perto.

— *Sim...*

— Da família amazônica, porque isso é uma experiência que eu tenho com o Antônio. O Antônio é o meu marido mais novo, ele é do Sul, de Santa Catarina e lá as relações de famílias são diferentes da nossa, é um bagulho meio estranho. Eu digo, é meio sem afeto, meio distanciado e aí eu vou vendo que essas trajetórias vão se aproximando.

— *Sim (risos).*

— A gente vai meio que se identificando, se colocar um do lado do outro a gente vai vendo que só muda os detalhes. Os avós são importantes, crescer com a família morando toda perto...

— *Igrejaaaa.*

— Sim, a igreja! A igreja é um fator muito forte aqui.

— *Muito.*

— Eu tenho inclusive uma amiga que está fazendo a dissertação de mestrado sobre mulheres insubmissas dentro da Assembleia de Deus só que na Boa Esperança na Curuá-una.

— *Uhum. Insubmissas?*

— Isso, insubmissas porque lá na Assembleia de Deus da Boa Esperança, a mulher é sempre secundária, ela não pode ser pastora, ela não pode ser liderança, ela tem que estar ali sempre servindo, no máximo cantando no coral...

— *Ou ser a mulher do pastor, né?*

— Isso, mas nunca estar no poder, nunca estar no local de destaque. Vamos puxando alguns outros tópicos, a gente vai acabar voltando, não te esquento que a gente vai acabar voltando em vários assuntos. (risos)

— *Sim. (risos)*

— Depois quando eu transcrever as coisas tomam ordem. É... eu tenho uma amiga que quando eu tiver oportunidade eu vou te apresentar, ela é esposa da minha ex-orientadora de TCC. Eu descobri que ela é amiga da MC Tha, aí eu falei pra ela assim, “nossa eu posso me considerar potencialmente amigo de MC Tha”. (Risos)

— *(risos) Duas ligações e eu estou no quintal da Mc Tha. (risos)*

— (risos) Aí duas ligações eu estou no churrasco na casa de MC Tha, aí eu estava conversando com ela esses tempos sobre isso, sobre uma trajetória de artistas, o Jaloo ele é paraense, foi para São Paulo, fez amizade com a MC Tha, se lançou em internacional, a MC Tha está aí fazendo os trabalhos dela. O Rico Dalassam...

— *Sim! (concorda com a cabeça)*

— Então, na minha categoria de artistas, agora te falando como fã, eu te coloco junto com eles...

— (Sorri) Porra...

— O Rawi, Jaloo, a MC Tha são trabalhos de gay, viados e sapatão que estão ali batalhando, tipo não só pra sobreviver, mas tem uma política por trás do trabalho, querendo ou não, entendeu. E aí essa minha amiga estava falando sobre esses trabalhos e de como essa galera começou. Eu lembro que tem uma entrevista da MC Tha na internet que ela falou: “ah, eu conheci o Jaloo e fui buscar ele, desceu uma gay na dela, toda mirradinha, uma gay paraense descendo do avião” (risos) e que minha amiga estava falando que tem essa trajetória e que eu percebo também no teu trabalho. Eu sou meio que *stalker (risos)*, eu falo para o pessoal que eu olho, olho, olho e me meto em algumas coisas, mas a maior parte eu vou observando que é essa coletividade, na hora da produção. Eu também percebo os teus amigos por trás, a Bárbara, eu conheço o pai dela, eu a conheço por indireto, uma vez eu fui conversar com o pai dela e ela estava lá. O Ítalo que hoje é estilista e fora as outras pessoas, eu sempre fico olhando, é uma rede.

— *Sim, é uma rede.*

— A gente ver, por exemplo, nesse trabalho das LGBT's é um coletivo, porque a maioria começa assim, simples não tem alguém que caiu rico como do sertanejo, influenciado pelo agronegócio.

— *É assim que a gente se acha, só assim na verdade para dar conta dessa correnteza né, que puxa a gente para longe disso. Porque se não fosse pelos agrupamentos, por essas correntes que a gente vai unindo, nada disso ia acontecer, porque a gente não tem oportunidade. No começo para eu conseguir cantar eu tinha que produzir o meu próprio evento para conseguir ter espaço, eu tinha que me produzir e até hoje se pá, ainda é assim, hoje tem mais porque a gente foi dando braçada, braçada, braçada até chamar atenção ou até as pessoas entenderem o que a gente serve né. E mas só foi junto de muitos artistas, de muitas pessoas, de várias áreas assim pra conseguir isso desde o tempo do teatro, onde ninguém*

recebia nada por fazer teatro, onde ninguém conseguia ter o mínimo de dinheiro pra sobreviver. Hoje com a música é mais viável, mas nem um pouco tranquilo, quando digo mais viável é porque a pessoa paga, não significa que a pessoa paga bem, mas paga. Tem evento que paga, tem evento que não paga que é o famoso...

— “Divulga teu trabalho aí”.

— *É, “divulga teu trabalho”...*

— Divulga teu trabalho aí, mas tu não tem conta pra pagar, comida pra comprar...

— *É, não recebe nem um mimo. Mas essas pessoas são importantíssimas para que tudo isso aconteça, sem uma rede, por exemplo, eu posso ser a pessoa mais talentosa do mundo mas... o meu trabalho não existe se não tiver o Ítalo para dirigir os vídeo clips, fazer o roteiro, se não tiver a Bárbara para fotografar os vídeos clips, fotografar os ensaios para a capa, pro single. Não existe sem as produtoras que vão correr atrás de tudo, vão viabilizar os materiais, os locais, as autorizações, né. Sem a Luciana e o Caio vendo o figurino. Então, hoje quando a gente vai se apresentar para o show e é algo que eu vejo que é muito diferente, que as pessoas estranham, estranham no meu processo, quando eu tenho que fazer show com alguém, ou é um músico novo que entra na banda ou deixa eu ver, sei lá... é um evento que me convidam, a gente como equipe tem a preocupação não só de ir cantar, eu não vou só cantar, a gente tenta definir quando tem esse peso, também. Tipo para o Festival dos Rios a gente desenhou a luz para cada música, a gente viu o figurino, a gente fez os styles, a gente fez a maquiagem, tem o ensaio com a banda, teve que pagar o estúdio, e tem que ver que roupa a banda vai usar, eu vou mudar de look? Ou vou ficar com o mesmo? Que artistas a gente pode colaborar? No Festival dos Rios veio o Clauberson que é muito foda, que veio colaborar com a gente. Que no futuro vai colaborar com a gente, agora também é o Gustavo Henrique da (incompreensível) que é um artista visual da cidade que é muito foda, ele fez um chapéu rosa com olhos e a cobra verde...*

— Ai, eu acho aquele chapéu lindo, uma coisa linda.

— *Aquele chapéu é um absurdo, e aquilo que dá um peso do meu show, sabe? E eu acho que algumas pessoas elas se estranham com tanto que a gente se preocupa*

com esses detalhes assim, para o show não ser só a voz, só isso, é todo esse complemento, sabe? É a roupa que muda, é a cor única, se tu pegares desde o primeiro show que eu fiz do Facão até o último, tem semelhanças, tem coisas que se ligam, tem coisas que vão se ligando visualmente, sonoramente, na performance e tudo mais. A gente quer construir essa imagem, esse visual que as pessoas reconheçam, isso foi muito importante desde o início pra gente. Marcar mesmo algo que alguém veja e fale: “o Rawi, isso é o Rawi”, seja da questão do facão, do chapéu de palha. A questão do chapéu de palha e do facão são objetos comuns na nossa realidade, daqui, mas que a gente pega e diz: “não, não, nam, nam, nam, não, isso é nosso também, a gente vai botar ele do jeito que a gente quiser”.

— Vai ressignificar, né.

— *Vai ressignificar tudo isso.*

— O facão e o chapéu pra mim, eles marcam minha trajetória, porque os meus avós eram pescadores. O chapéu sempre tava lá na canoa e o facão estava lá para cortar aquele capim que fica boiando, sempre estava lá. Então tipo assim, é uma coisa que eu sempre falo para o pessoal, é uma mistura de nostalgia do sítio, do local que veio um artista santareno, amazônida e assim, muito comedida eu diria que dá de falar amazônida. Eu não sou tão viajado, então falar amazônida é dali...

— *É um recorte muito...*

— Local, ali da minha experiência, mas é isso. O acompanhamento dos artistas LGBT'S pra mim, ele começou com a Linn da Quebrada, tanto que meu TCC é sobre ela e a Urias. Começou assim, eu não gostava de funk, e era aquele “rosqueirinho” que “aí não, só o rock que presta e não sei o que”. E tinha... tem essa questão da identificação, primeiro eu me identifiquei com ela, é uma travesti cantando sobre viadagem e aí eu me identifico, conheci Johnny Hooker, conheci Jaloo e assim vai. Chega o Jaloo e começa a cantar as músicas da Gabi Amarantos.

— *Uhum!*

— E ai, cara... perto das distâncias desses artistas, o meu vizinho está cantando aqui, o cara mora na cidade que eu moro, entendeu?. O cara está fazendo os corres aqui junto com a gente. Inicialmente te conheci como Arte de Bicha, aí segui no

instagram, vai vendo a publicação, vai vendo tudo, a Arte de Bicha se transformou e entrou o Rawi o cantor, inclusivamente como cantor.

— *Sim!*

— E aí eu até penso bastante nessa questão de alterar o título desse projeto e colocar “arte de bicha” (risos), porque eu sempre falo que são artes. Escrever é uma arte, cantar é uma arte, isso são talentos, às vezes eu me julgo e falo que não “meu trabalho não está bom e tal” e outras pessoas leem e dizem “não, que isso, está ótimo”. (risos) Essa trajetória da performance às vezes eu fico olhando as fotos do palco e fico fazendo releitura minha mesma. Eu lembro do Festival dos Rios você estava com um chapeuzão, a tempestade, a cobra grande, o olho, os trovões e riscos, cada detalhe...

— *Sim! Dava de ver o trovão?! (risos)*

— Cara, dava! Cada detalhe dava pra ver e a luz negra fazia eles brilhar. Quando eu vou para um show teu, às vezes eu fecho o olho e danço, às vezes eu fico de boca aberta, aí eu fico ca-ra-lho

— Como que você consegue fechar os olhos no show do Rawi? Não dá nem pra piscar por conta dos detalhes. (Paulo pergunta)

— (Rawi sorri) É depois que eu tomo umas cervejas, aí eu começo a entrar nas músicas. (risos) E eu ficava assim: “caralhoouoo, mas e esse vestido? Não é só um vestido, é uma visagem, é uma entidade” (risos).

— *Eu entrei tão entidade, né? Depois eu vendo os vídeos parecia algo sei lá, a postura, porque eu abaixei meus ombros pra mostrar o chapéu.*

— Eu ia te perguntar se tu planejas isso ou deixa fluir?

— *Eu costumo não planejar, tipo... sei lá, quero parecer isso ou algo específico, sabe? Porque vai muito da hora. Esse vestido foi uma loucura inclusive, ele é, você conhece o Ian Canté?*

— Conheço o trabalho dele. Tipo, não conheço ele pessoalmente mas conheço o trabalho dele.

— *Ele é o vestido do Ian, eu vi o último trabalho dele no shopping, eu fiquei simplesmente... “gente, esse vestido é muito lindo, eu quero usar, quero usar”. Aí falei com ele, falei com o menino que estava com ele e aí eu usei, só que no show deu uma outra “panca” né, tipo desfilarmos ele numa passarela e fazer um show.*

— Sim! Fazer um show com luz negra, fumaça e efeitos.

— *Eu suei muito naquele vestido, pisei tanto na barra daquele vestido. Mas é engraçado porque às vezes isso é muito mais pela dinâmica do trabalho e como as coisas funcionam né, a gente faz muito, às vezes no agora, sabe tipo, tenho apresentação mas não temos dinheiro, aí faz com o que tem, faz com o que consegue.*

— Acessa essas redes né?

— *Acessa as redes e quem consegue ajudar a gente de tal forma. E aí a gente só vê quando está quase entrando no palco o resultado final, por exemplo, o look montado, a luva eu peguei de manhã antes de ir para Alter do Chão, o vestido eu só consegui pegar uma semana antes. O chapéu só ficou pronto... ficou pronto pra eu ver só no dia do show. E aí as imagens finais elas só são construídas tipo, na beira do palco quando estou entrando.*

— Amigo, come logo, porque se bobear aqui as moscas carregam. O vizinho cortou a árvore que espantava elas, já tinha muita mosca nessa casa, agora é demais. (risos)

— *Sem a árvore agora elas se mudam todas pra cá né? (risos)*

— Mas pode continuar falando o que você estava falando, é só pra você ir comendo se não...

— *(risos) Eu nem lembro do que eu estava falando. (risos)*

— Sobre isso do figurino só ser montado na hora do show.

— *Ah é! E isso é uma parada que agora a gente está tentando mudar essa dinâmica de trabalho, porque... parece que vai chegando... foi chegando num ponto que não dá mais para as coisas acontecerem do jeito que acontecem, sabe? Essas*

dinâmicas travadas ou as coisas muito em cima da hora e tudo mais. (risos) A gente está tentando ver como fazemos para deixar o nosso trabalho mais focado.

— Eu já te vi em produções deles, eu acho que em trabalhos do Ítalo, ele tem à Dzawi filmes...

— *Não, o Ítalo é da Mucura.*

— Ah, o Ítalo é da Mucura?

— *É.*

— Ah! É que eu sou muito perdido, assim... por favor, não se ofenda se alguma hora eu trocar nomes, porque eu sou horrível com nomes.

— *Não, que isso. Relaxa.*

— Mas, foi um trabalho que até a Maria Flor participou e tu tá lá também, e... eu sou péssimo com nomes pra lembrar agora, mas era sobre religiosidades. Sobre...

— *Ah! Dooo... é... “Ouço você falando...” Alguma coisa sobre...*

— Isso!

— *Que é um nome grande, né? Da Amanda Poça.*

— Isso! Eu vejo muito isso, como tem essa rede de vocês se ajudarem participando do trabalho dos outros, eu sou sempre observador, sempre estou observando, olhando, estando calado, porque não sei se eu posso ajudar ou se vou atrapalhar, mas sempre observando o trabalho de todo mundo. E aí agora estávamos falando sobre a questão dessa organização.

— *Se a gente quer que cresça, a nossa mentalidade também tem que se modificar pra esse crescimento, não dá mais para agir como no início, por exemplo, ah pega tudo que aparece, pega os que não tem cachê, pega... já que a gente precisa se mostrar, pega tudo, os que podem ser furada pega (risos) e aí a gente tá tentando mudar essa dinâmica nossa, porque querendo ou não tudo gera gasto, hoje em dia tudo está muito mais caro também. Para ir para a apresentação tem a locomoção, aí eu vou chegar lá com roupa do corpo? Como é que eu vou fazer? Tem que no*

mínimo montar algo, as pessoas já esperam isso também, porque também não é o meu papo não fazer isso.

— Isso é uma das coisas que eu tenho pra mim, quando observo esses trabalhos. No Festival dos Rios eu conheci um dos produtores, os organizadores eu conheço de vista, que também eu também faço bicos como técnico em informática e acabo conhecendo as pessoas assim, vou concertar os computadores das pessoas e “fulano de tal que faz o Festival dos Rios, fulano de tal que faz o Amazônia Queer” e acabou que o Gabriel Rego, ele era o meu colega de graduação, eu sempre falava pra ele: “Porra mano, eu tenho uma vontade de ir e tal, porra não tem transporte, não tem isso”. As vezes tem que emprestar uma moto, pega a moto da minha mãe emprestada, no último Festival dos Rios eu pedi a moto emprestada tipo eu fui de madrugada, ninguém me ofereceu um lugar pra dormir, desembolsar grana para pagar um local é caro. Aí eu falei para os meninos assim: “a gente vai e não bebe quando acabar a gente vem embora, vem devagarzinho na moto e chega pra cá depois a gente vai dormir”. Aí eu sempre falo pra ele assim, a questão de transporte, a localização. Alter do Chão é perto mas não é perto...

— *Não é perto mesmo, né.*

— Não é todo mundo que consegue um transporte, não é todo mundo que consegue pagar, a galera tem que pegar o ônibus. Eu sempre falo assim: “Pow, pega o pessoal do evento tenta puxar da Prefeitura os ônibus para ficarem até mais tarde pra ir prestigiar e tal”. Mas ele sempre falou que tentaram, porque parece que a cultura de Santarém está se desenvolvendo agora que ta abrindo os bares gay, tendo as boates, os pub’s...

— *Uhum.*

— Mas querendo ou não, é um empecilho, e no começo tudo estava localizado em Alter do Chão, tudo se resolvia, iniciava e terminava em Alter do Chão, querendo ou não é um empecilho. Principalmente pra vocês que estão começando, que tem que contar com ajuda, às vezes de patrocínio, às vezes alguns caras nem querem pagar transporte. Às vezes eu imagino essa galera falando: “vem mostrar o trabalho de vocês, mas não querem pagar nem o transporte”, entendeu?

— Não e aí (risos) isso nem tem como mais. Antes eu, quando acho que é viável, ainda rolava assim, porque sei lá... “é para um evento beneficente, ok perfeito”. A gente sabe que o dinheiro que a galera vai conseguir ali está destinado para ajudar alguém, ajudar um projeto e tudo mais, isso é perfeitamente aceitável e cabível. Agora em lugares aonde... eles vão lucrar com ingresso ou sei lá com bar, aí a gente vai estar se apresentando lá por um valor baixo. E aí, esse valor baixo as pessoas acham que é suficiente pra tudo, assim pra comer nem pensam isso, que a gente sente fome depois do show, sabe, sei lá. Já me apresentei no lugar onde... era R\$400,00 o cachê por 2h ou 2h e 30 min, era eu e mais três pessoas, aí o dinheiro já dá pra eu e mais dois músicos, sem contar a Bianca, a produtora e etc. (Pausa) E aí deu sei lá, cento e pouco pra cada, cento e trinta... alguma coisa assim. Aí divide esse valor para todos, aí tu tens que comer, tens que voltar de carro pra casa, pagar meu look, pagar os músicos e sobra o que?

— Pra reinvestir no projeto...

— Pra comprar algo pra... Pra comprar algo pra mim? É um dinheiro que é muito assim, muito fácil e muito rápido.

— A gente está entrando de novo em um outro tópico, mas todos esses tópicos que estamos conversando hoje a gente vai voltar, que é o espaço de Santarém. Que é umas das coisas que eu pensei quando estava problematizando e quero falar sobre isso. Santarém é uma cidade conservadora, isso não se pode negar, o Bolsonaro ganhou aqui em Santarém. Já teve casos de homofobia que foram noticiados, que morreram. Como é que tu vê essa parte da cidade na abertura dos shows? Sendo abertamente um artista queer que está ali? Vamos botar em palavras bem cruas, um artista viado se colocando.

— Sim.

— Tem a questão dos cachês, do espaço. Como você enxerga isso? Como a gente falou antes, tá abrindo esses bares, esses locais agora, mas a gente também sabe que o preconceito está dentro da comunidade. Como é que tu vê esta questão em Santarém?

— *Tem duas questões que me atravessam fortemente. Está questão da sexualidade, que querendo ou não eu vou ser nichado, né. Duvido que eu vá ser chamado para cantar no Mascotinho, no Mascote. Aí vai para os dois lados, um eu vejo pelo fato da minha arte ser muito queer para aquele lugar e a outra é pelo o meu próprio som, né. São duas coisas que me distanciam aqui na cidade. Eu já cantei na DeLux que é uma boate LGBTQIA+. Cantei uma vez lá, só que a gente sabe que a DeLux não é para o que eu faço, musicalmente, por mais que seja um lugar das gays, das bichas, das sapatonas e etc. Mas aí já foi o fator da minha música ser ao vivo numa boate, por mais que eu esteja cantando com “beat” lá, não vai ser a mesma coisa. Teve até um menino que foi engraçado, depois que eu terminei de me apresentar ele falou: “nossa que legal na boate um pouco de cultura”. (Gargalham).*

— *Aí eu: “ok, né”. Não é um comentário péssimo assim, foi um comentário engraçado (risos), será que eu fui tão cult assim?*

— *Tipo tu sentado no palco, cantando com um violão no colo... (cantarola)*

— *Sei lá né, o que a pessoa entende de cultura né.*

— *Rawi, acústico MTV.*

— *Né?! Não sei o que a pessoa entende como cultura. Mas aí... Esses lugares que eu canto são esses lugares que são aliados ou de pessoas LGBTQIA+, por exemplo, o Borô que foi o primeiro lugar grande que eu cantei.*

— *O Boro, é o do Espaço Alter-do-Chão?*

— *É, do Espaço Alter do Chão, isso foi em 2019 antes da pandemia, foi no carnaval, foi o meu primeiro carnaval. Foi em um lugar que eu ficava assim: “eu quero cantar nesse lugar, eu quero cantar nesse lugar”. Que era um lugar que eu gostava e nunca tinha ido, ou já, não lembro, talvez fui pouquíssimas vezes lá. E aí de cara eu cantei nesse lugar, aí eu fiquei assim “caralho mano que panca”. Já cantei no 7 Cores, já cantei... no Sonora, que é um lugar que abraça muitas vertentes da música.*

— *Eu adorei aquele ambiente.*

— *E lá é um lugar que foi onde eu fiz, meu assim, a última vez que foi um show que a galera mais interagiu, que mais “estava lá”.*

— O palco é próximo do público. Isso ajuda, né?

— *É e a galera foi sabendo que era eu, então as pessoas que foram lá elas já sabiam o que iriam encontrar, que é a diferença desses outros lugares pra onde eu vou me apresentar. Aí tem o episódio do Lá Casa, que eu me apresentei lá, que eu acho que era de carnaval também, no começo do ano. Aí no cartaz eu já assim, de suthianzinho, bem coladinho e tudo mais. Aí eu fui para o Lá Casa com uma calcinha vermelha aqui, bem puxadona, uma de crochê por cima da vermelha, um vestidinho de crochê só que parecia como se fosse uma malhadeira, todo furadão por cima e maquiado né, com brincão e tudo mais. Aí eu já cheguei e fiquei assim: “hummm, vamos lá né” (risos). Aí tem esse papo né, porra a pessoa me contrata para uma festa onde tem entre dois Dj’s, ela não sabe o que eu apresento, porque ela me contratou? É pelo hype? É pra fazer uma capa? Sou touken? Ter um artista LGBT? O que é? Qual é o papo?*

— O gay chaverinho, né?

— *É. É pra manter o status quo de bares LGBT da cidade? E fui, tinha pouca gente, ainda bem que alguns amigos meus foram pra me ajudar no processo (risos), mas eu já percebi que era um super rolê heteronormativo, um rolê onde tinha muito mais héteros que LGBT’s.*

— Deixa-me confessar que quando eu ouço “Lá Casa” tudo que eu penso é sertanejo.

— *Começou com a proposta de ser um bar LGBT, nem proposta de ser bar eu acho que tem.*

— Eu sou pouco rodado.

—*Eu não sei se vocês gostam do Lá Casa?*

— Acho gente nunca foi lá. Quando o La Casa estourou, todas as propagandas eram de sertanejo.

— *Mas no começo tinha sertanejo lá?*

— *Eu posso estar confundindo.*

— *Eu acho que você está confundindo. Não é o Caminho de Casa?*

— *Será? (risos) Existe um Caminho de Casa? (risos)*

— *Existe um Caminho de Casa? (risos) Você não está confundindo os dois lugares?*

— *(Risos) E isso eu achava que era só um lugar, mas tipo assim, agora estou sabendo que são dois. (risos)*

— *Logo no começo o Lá Casa era um bar LGBT, tanto que eu ia muito no começo lá. Eu me sentia super acolhido com o ambiente, com a vibe e tudo mais. Hoje em dia não bate mais a vibe. Sobre apresentação em si, eu sentia um negócio, uns olhares, assim quando tu é olhado, por mais que as pessoas te olhem por curiosidade porque você está num ambiente vestido de uma forma diferente da delas, óbvio. Era uma festa de carnaval, no mínimo o que eu esperava lá era pessoas seminuas e eu fui seminu. Ponto.*

— *(Risos)*

— *Tinha acabado de vir da praia também, permaneci na vibe praia. Só que os olhares eram muito mais esquisitos, do tipo “o que é isso, porque essa pessoa está aqui, o que está acontecendo?” E de gays também teve um menino que passou por mim uma hora que olhou dos pés à cabeça com aquele olhar assim, do tipo, “quem essa bicha pensa que é?” Sabe? Um olhar estranho assim, acho que não consigo nem descrever porque nunca esbocei esse olhar pra ninguém. Aí comecei a cantar e meus amigos, claro né, estavam cantando comigo. A galera tipo out, fora do que eu estava propondo, claro que tinha umas duas ou três pessoas que estavam assistindo. Aí começou um cara lá que já estava bêbado já, começou a falar, acho... (pausa pensativo) como que era? Parei pra falar... pra falar alguma coisa que era...*

— *(Igor olha se o celular ainda está gravando) Caralho, tem uma hora já né?*

— Não não, tô só olhando se ainda está gravando (risos). Não te esquenta, enquanto ainda tiver memória a gente segue gravando. É porque o meu medo é ele parar de gravar e a gente perder algo que falou.

— *(Risos) Hum, entendi. E aí, ele falou alguma coisa tipo “que música ruim, não sei o que, não sei lá”, só sei que ele reclamou da música. Aí eu falei assim: “olha que pena né, você vai ter que escutar, estou aqui cantando e vou terminar meu set e tudo mais”. E aí, ele reclamou no lado dele, aí meus amigos já fecharam a cara assim, e a galera já ficou tipo... (expressão de choque). E quando eu fui cantar minha última música, porque o dono de lá pediu para eu encerrar o meu show, a galera não estava cantando, não estava botando fé, e esse brother aí começou a falar, aí eu fui dizer que era minha última música, ele disse “que bom, tomara que acabe logo essa música chata”, não sei o que, ele falava alto mesmo. Ele falava alto, e lá é tipo do tamanho daqui assim, é como se fosse uma casa mesmo lá. Não lembro que falei, mas foi mais ou menos “ai que pena, bora ver daqui a cinco anos onde eu vou estar e tu onde vai estar”, querendo dar uma lacrada pra eu não ficar puta (risos). Aí eu terminei meu show, aí a parada da cachaça de jambu foi missão falha né, eu fui dá para as pessoas tomarem, achando que elas iriam super querer, porque uma dose é R\$5,00 ou R\$10,00 uma muito boa.*

— Aquela cachaça que tu serve pras pessoas no show é de Jambu?

— É de Jambu. (risos).

— Eu não sabia, não imaginei.

— *É sério (risos).*

— Nunca imaginei, eu achava que como tava todo mundo ali curtindo o show, ia ser pinga mesmo, pra todo mundo ficar bem louca. (risos)

— *(Risos) E aí, poucas pessoas tomaram, umas três ou quatro pessoas tomaram, fora os meus amigos. Eu acho muito estranho, estava acostumado com a galera gritar na hora de distribuir a cachaça, faziam fila e já ir de boca aberta pra beira do palco e tudo mais. E aí a gente entende, foi depois daí que eu percebi que nem todo o lugar eu devo cantar, nem todo lugar eu tenho que me apresentar, por mais que sejam lugares que abracem isso. Será que estão abraçando realmente? Ele pediu*

para eu antecipar o fim do meu show, por quê? Ele me contratou, o dinheiro dele está tão fácil assim? Pra ele terminar... deve tá né? Porque vai gente lá. (risos) E até agora esse foi um único lugar explícito assim, de acontecer algo explícito, de ficar essa parada pesada assim, e aí eu ficava tentando entender se foi por conta de como eu estava, ou foi por conta da música ou se foi o conjunto, foi o que? Só que depois eu fiquei tipo “fodasse” também, se eu me abalar, eu perco mais do que ele. Eu tenho que só, não... não... tipo, eu só processo e deixo, vou continuar fazendo o que eu faço. Vou continuar me expressando, colocando a minha calcinha (risos), por mais que eu nem goste tanto, é muito incômodo (risos), prefiro uma cueca mesmo. Todos os outros lugares foram mais tranquilos. Desde o Sonora, mesmo quando não é o meu show mesmo. No Borô, até quando não é um show meu mesmo. No Festival dos Rios, eu soube de uma amiga que estava lá atrás, o cara estava tipo assim me escroteando enquanto eu estava apresentando, odiando, falando abertamente o quanto estava sendo ruim, o quanto ele queria que acabasse o quanto ele tava odiando o rolê. E a gente lá frente vivendo a loucura que foi aquele momento pra mim.

— Eu estava lá, mas eu não vi isso. Mas também eu estava mais lá pra trás, próximo do...

— *Ali por onde fica umas cadeiras, né?*

— Isso. Eu vou te dizer um negócio: Eu tenho pra mim, que dependendo do show quem fica na cadeira é mais *playboy*, a galera que diz “ai, eu sou *cult*” e quer beber sentadinho. Mas claro né, eu sou uma bicha velha (risos) beirando os trinta, eu sempre procuro uma cadeira porque minha coluna não aguenta. (risos) Mas, é muito de se esperar realmente, são as pessoas que a gente já espera. Os velhos bolsonaristas, os velhos reaçã...

— *Exatamente...*

— Porque assim, no Festival dos Rios eu estava lá na plateia. Eu estava lá no show do Sonora. O teu show no Sonora foi a primeira vez que eu fui no Sonora e são espaços diferenciados. O Espaço Festival dos Rios é chão de terra, de praia, da galera está ali bebendo, eu vi que tinha algumas pessoas com geleira, estavam curtindo a música e tal, ai quando tu começou a dar cachaça e tal eu fiquei: “eu

quero, eu quero”, mas a galera aglomerou, eu estava meio assim... com a questão do covid, aí eu falei “está bom, eu não vou”. (risos) Eu sei que quando eu pisquei a cachaça acabou.

— *Foi rápido lá olha...*

— Quem estava ali meio que aglomerado na frente do teu palco, estava lá curtindo o show e tal, a galera estava cantando junto.

— *Sim!*

— Quem estava, estava se divertindo. O Antônio que é nosso marido, ele pegou uma cantada de uma moça bissexual. (risos) E ele ficou todo sem graça, agora tu imagina, se o Paulo já é calado o Antonio é mais ainda. E ele ficava cochichando pra mim: “o que tá rolando aqui? O que eu respondo pra ela?” e eu “ela tá bêbada, só responde qualquer coisa” (risos). E daqui a pouco a menina começa a conversar comigo também, e eu falando pra ela “não, é que a gente é um trisal, e tu chegou logo no mais tímido do trisal” (risos). Nisso ela começa a falar do trisal dela também, que ela tinha uma namorada e um namorado... Ai o namorado dela apareceu dizendo pra ela ficar quieta, que ela estava muito bêbada e nun sei o que lá... Mas tipo assim, todo mundo estava lá, estava se divertindo, entendeu?

— *Sim!*

— E eu acho que isso depende do espaço. Por exemplo, se você fosse se apresentar no Mascotinho que tem esse negócio de cadeirinha, de sentar, a galera que vai lá, o cara está tocando violãozinho, um negócio meio acústico... então eu acho que são esses espaços que propiciam, são as pessoas que ocupam lá. O La Casa, assim como a pessoa que estava lá no meio do bar, do Espaço Alter do Chão, são perfis clássicos.

— *Que eu ainda vou encontrar muito, muito, muito, não dá pra evitar. Não dá pra eu ir fazer shows pensando que essas pessoas vão está lá.*

— Para cada uma que reclama, tem 30, 40 pessoas que estão se divertindo e que amam estar lá.

— *Sim. Isso é mais no que eu fiquei ligado no sentido de pensar que “caraca, nem tudo é como parece pra gente”. Eu estou lá em cima do palco, eu vou vendo as pessoas, eu vou vendo as coisas acontecerem, as pessoas se falando, as pessoas que estão mais dentro do negócio, das que estão mais observando, das que estão cantando loucamente. E saber que existem essas pessoas que ficam incomodadas. O incômodo vem de algum lugar né? Ele vem por alguma razão, que bom que incomoda, que bom que essa pessoa sai do eixo, essa pessoa precisa verbalizar o quanto ela está odiando. Olha isso, às vezes tu pensas na tua cabeça coisas... tipo, perversas sobre tudo né. Sei lá, a mente é uma loucura, mas tu verbalizar é muito querer botar pra fora, é muito querer achar os teus... Nem sei explicar, sei lá, estou divagando sobre isso.*

— Não mana, algo mexe né? Seja positivo ou negativamente. Assim como mexe com pessoas... algumas me fogem os nomes, mas algumas músicas do teu cd do Facão, elas mexem muito comigo, aí eu começo com... “máquina de estrelas”, essa música ela mexe eu não sei porque.

— *Sei qual é (risos).*

— Aquela música ela mexe (risos), e eu não sei porque, mas toda vez que é ao vivo ela mexe mais ainda, de fechar os olhos e cantar junto. Então eu acho, assim como a tua arte vai mexer com a gente no sentido positivo, ela vai mexer também negativamente nessas pessoas.

— *Uhum.*

— Às vezes pode ser um motor de ignição para uma mudança. Às vezes pode ser para externar uma violência, ou alguma coisa assim. São trajetórias, é de se saber que tua arte está chegando. De todas as formas ela está afetando as pessoas.

— *Sim, acho que isso é o principal. Não tem como não, e é uma loucura... É engraçado, eu fiquei pensando agora, posso estar equivocado, mas no line up do Festival dos Rios eu sou o único artista queer LGBTQIA+, no palco que está cantando.*

— Abertamente...

— Não pensando em músicos da banda, tipo assim o nome no line up. Eu não consigo lembrar de outra pessoa, assim como em vários outros festivais, me dá até uma... uma sensação de isolamento às vezes também, sabe? no cenário artístico de outro cantor LGBTQIA+. Claro, tem a Luciana Maria, só vejo uma agora. Tem quem mais será? Onde estão essas pessoas, não queria que fosse só eu, talvez seria mais fácil.

— Quem é a Luciana?

— A Luciana Maria, do cabelo curtinho.

— Não sei se eu conheço ela.

— Mas aí é... é isso né, tipo “onde estão essas pessoas meu deus?”. Não queria que fosse só eu, talvez fosse um pouco mais fácil. Sei lá.

— Sabe, tipo... Tem essa questão da pressão que estar lá sozinho, mas também tem a questão de você está lá abrindo...

— Uhum.

— Abrindo esses locais... Sabe, tem uma das minhas artistas que eu gosto desde a adolescência, eu curto muito ela, que é a Pitty, eu sou muito fã da Pitty. Tipo tem essas, que às vezes ela faz. Que é de tipo... de às vezes vai para o show e a tua colega não está lá, ela não foi convidada, aí tipo assim, tu chamar, “vem cantar uma música com a gente. E olha gente, essa aqui é a Luciana e tal, ela vai cantar essa música comigo”. Eu te entendo, a pressão de estar sozinho, mas também tem o lance de dizer “eu estou aqui, o que a gente faz com esses espaços?”

— Sim, é a questão de estar abrindo, né?

— Porque assim, mesmo que tu não pares pra pensar em todas as implicações do Rawi artista, do Rawi queer, do Rawi quando está performando ali em cima e como isso impacta na vida das pessoas. A gente tem essas trajetórias sendo impactadas. Por exemplo, da minha infância que eu sou um pouco mais velho que tu, eu sempre falo para o Paulo que a gente é muito heteronormativo, não é por outra coisa, é porque nós não tínhamos imagens de gays...

— *Referencia né?*

— Pra se referenciar, tudo que nós tínhamos eram piadas...

— *Só referência cômica né? E Piada.*

— Isso, a piada, o que era desrespeitado, o que era violentado e não tínhamos referência naquela época.

— *Hoje, pelo menos que bom né, que a realidade nunca é uma coisa só, ela nunca é só boa, por mais que a gente tenha tanta referência, tantas caos ao mesmo tempo.*

— A gente pode entrar em outro tópico também, mas isso depende de ti, se tu tiver com tempo, pra não ser tão massante também.

— *Por mim, eu to de boa.*

— Então a gente pode ir conversando justamente sobre isso, sobre as inspirações. Por exemplo, eu olho o Ney Matogrosso. Falou em gay performando é Ney Matogrosso, as referências são dele ali, pra mim tem o Renato Russo, o Cazuza... Hoje a gente tem a Pablo, a Gloria Groove, pra essa geração que está aí, tem uns artistas que estão muito perto.

— *Tem muitos né? Não é só um ali.*

— Aí a mesma coisa eu te falo, não é o Cazuza cantando em São Paulo, é o Rawi, que é praticamente o meu vizinho (risos) que está cantando aqui, na mesma cidade que eu. Aí eu queria falar contigo sobre isso, sobre inspirações. Eu vejo também no palco a tua performance a questão da reginalidade e tal, mas a presença de palco está ali, ela vem de uma inspiração, mas também pode ser que não. Você não precisa dizer pra mim uma coisa que não é (risos), se for não tem problema. Quando tu pensas assim, em quem tu te inspiras, quem tu admiras?

— *É... Eu acho que a primeira pessoa que eu vi e que eu me lembro ver performar de fato assim, que minha memória quando eu busco, sempre que me pergunta qual foi minha primeira inspiração é a Lady Gaga (risos), isso é muito clichê de se falar.*

— Mas é a Lady Gaga...

— *Ela é incrível. (risos)*

— E outra coisa né, ela é global, de levantar uma bandeira, de falar sobre, de fazer um CD inteiro pra gente, meu Deus! *Born this way* é o melhor cd do universo. E quem concorda respira e quem não concorda morra.

— *Ela foi a primeira vez que eu vi tipo, uma performance pela MTV, na finada MTV Brasil, e aí eu falei “caraca eu quero fazer uma parada assim”, uma parada que eu esteja no palco.*

— Isso explica muita coisa, porque a tua apresentação é uma coisa diferente, é sempre uma performance. É uma performance, não é só um show. Muito mais do que o artista que vai lá, canta a música é só isso vai embora e acabou. Você pode tanto ouvir a música quanto ouvir a música e assistir. (Paulo fala ao fundo).

— *Simm...*

— E isso vem muito da Lady Gaga, quando ela se apresentava era sempre assim... (Paulo)

— *Tinha o teatro, um negócio...*

— Isso, ela saía ensanguentada, com um vestido de carne, era sempre uma apresentação, um show mesmo. Era essa expressão, essa referência que eu ainda não tinha pegado que é dela. (Paulo)

— *Mas tem, tinha... eu tenho muito... o primeiro clipe que eu vi dela na MTV foi you and I, aí eu acho que eu vi a performance de you and I também. E eu fiquei, “caralho, ela vai para o palco com perfeccionismo, ela deve ser absurdamente perfeccionista”, mas ainda assim tem uma loucura que é só do palco, uma loucura muito real daquele momento ali, vê que ela está tipo, se ela morrer depois daquilo, ok! Ela fez aquilo, ela entregou tudo. E aí, eu acho que eu tento buscar essa sensação, dá loucura do palco, de não ser o artista que ensaia com dançarinos, por mais que ela tenha isso, a turnê que ela tá tendo agora, é coreografia atrás de coreografia. Mas eu não me vejo nesse lugar de coreografia, de tudo perfeitinho, eu gosto de descobrir também o que vai acontecer da performance na hora da performance no palco em si. Aí ela foi a pessoa que me deu esse impulso da loucura*

e de também querer me vestir feito mais maluco também, de me expressar de forma mais maluca no palco e na vida também. Por que se eu pudesse me vestir e se não fosse tão quente...

— A coreografia eu vejo muito como o *tiktok* entrando em todos os lugares, ele apresenta uma dancinha, e aí a gente cresceu vendo a Lady Gaga performar e tal, tem toda uma apresentação... Gente eu tento pegar assim a Banda Calypso é uma performance ali, dança pra cá, dançar pra li, pendura e gira e tal, são coisas bem diferenciada que são nossas.

— *Nossa demais. E que são nossas que tem todo um enredo, um enredo assim... por exemplo, tem várias trocas de look, de performance e tudo mais. Eu escutei por um tempo, bastante tempo a Pitty no ensino médio, eu era zoadado por escutar Pitty, não era fácil a ideia porque eu era zoadado por escutar Pitty.*

— Eu acho que foi nos primeiros cd's ali, que teu ensino médio já deveria se no terceiro disco por aí.

— *Eu não sei, mas eu peguei... o admirável é o o primeiro?*

— É sim.

— *O admirável eu peguei, não quando ele lançou né? Porque quando eu estava escutando essas músicas eu tinha que baixar pelo 4shared ou pegar por bluetooth. Então tem muita coisa desse tempo de quando eu era jovem, que eu não assisti, não consegui ouvir, eu não tinha como, os da Gaga inclusive. Eu fui escutar mesmo, mesmo, mesmo, mesmo sei lá quando eu tinha um pocket, eu já tinha como ver youtube e essas coisas, mas antes disso a tv de casa era de tubão que só tem a parabólica e é isso sabe...*

— Eu tenho muito dessa cultura... às vezes é muito fácil, eu tenho o problema com nome né? Hoje já tem o spotify, e essa nova geração é “eu vou ouvir Facção que abre os caminhos, esta música que eu vou ouvir”, pá e decora o nome. Eu não, eu vou lá no teu perfil do youtube e vejo *playlist* do Rawi e play, aí vou fazer as minhas coisas, eu estou ouvindo a música, cantando a música, quando a música começou eu sei a melodia e começo a cantar, mas se me pergunta o nome eu não sei dizer. Fora isso, quando tem o clipe, tem o vídeo e tal que eu boto é igual filme, eu paro, sento e fico

ali assistindo, mas isso é muito da nova geração esse acesso. E a gente via o trabalho chegar aos pedaços. E hoje...

— *Sim, sempre cortado...*

— E é uma coisa que eu sempre falo, hoje essa geração nova que já nasceu com o spotify, com tudo assim... nunca vão saber (risos) o trabalho que era achar ou passar...

— *Passar um álbum inteiro... (risos)*

— É! Por bluetooth, naquela época tinha o infravermelho que era lentíssimo. Ou então ficar lá no *4shared* procurando a música de verdade... porque tinha sempre os *troll* que botava qualquer outra coisa com o nome da música.

— *Nossa, era uma merda isso... (risos) E aí, eu escutei Pitty, sei lá, acho que escutei na 8ª série, sei lá, Slipknot, System Of Down. (risos)*

— Como eu acompanhei, eu acompanhei e estou na expectativa como teu fã, estou na expectativa do próximo cd. (risos) Eu acompanhei aqueles ensaios que você estava fazendo naquele estúdio, eu cheguei em casa e falei para os meninos, o próximo cd do Rawi vai ser um punk rock melódico amazônica emo, dá um negócio que meu Deus, eu quero pronto.

— *(risos) Meu Deus, o que que é aquilo né? (risos).*

— Porque assim, eu acompanho os trabalhos dos artistas, eu sempre falo para o pessoal que às vezes quando o artista fica para sempre no mesmo estilozinho, uma hora eu não sei mais se estou ouvindo o último cd que parece o primeiro, eu adoro ver essas transformações. Aí eu vendo vocês produzindo lives, tem hora que tem uma bateria pesada, uma guitarra assim...

— *Eu não sei nem se vai ser aquilo, tipo eu não sei quando eu vou fazer meu próximo álbum que é o Arte de Bicha, o nome do próximo é esse, que era pra ser o primeiro. Só que ai... né. Esse próximo álbum era pra ser meu projeto mais ambicioso digamos assim, vocalmente, sonoramente, visualmente. O quanto mais estabilizado eu tiver, mais dinheiro eu tiver é melhor, dá pra fazer esse projeto, não*

sei quando ele vai sair. Já tenho todas as músicas escritas dele, que “boto gay” faz parte desse álbum, “crua e nua”, só que não sei a sonoridade que vai está no final, não sei se vai continuar tipo orgânico, mas eu acho que não, vai ser uma mistura de orgânico com... começaram a fugir as palavras da minha mente... orgânico e eletrônico, uma mistura bem maluca. Só que eu já tenho uns visuais assim, que fico pensando “puta que pariu, eu vou precisar de muito dinheiro pra fazer o vídeo clipe dessa era”. Que no mínimo eu queria... tem uma música que eu nunca cantei ela, eu só tenho a letra, eu queria apenas construir uma cuia gigante pra eu estar dentro né, do tamanho de uma caixa d’água de 500 litros, toda desenhada do jeito que a cuia é, eu queria fazer um chapéu de palha, sei lá uns três metros de diâmetro assim, para quando eu girasse sei lá, para coisas absurdas.

— Amigo, uma coisa que eu quero te perguntar, com um chapéu de palha de três metros tu vais conseguir aguentar isso em cima da tua cabeça?

— *Maninho, aí tem outras coisas dessa área aí que eu não sei.*

— Não perca esses projetos, que tipo... anota, sei lá se não fizer agora, faz em outro momento. Porque assim tu vais falando e eu vou imaginando, são projetos muito bons. Voltando lá no Slipknot, dá pra ver a referência ali... (risos)

— *Voltando sobre as bandas que eu escutei tipo na 8ª série e no ensino médio, esse tempo todo aí, essa minha adolescência e juventude, acho que tipo até o terceiro ano, eu escutava muita música internacional, muita gente de fora, muito mais do que daqui, nossa, muito mais assim. Escutava Lady Gaga, Beyoncé, Jessie J, esses popzinhos 2018, sabe umas coisinhas meio nada a ver.*

— Taylor Swift?

— *Não, Taylor Swift não. (risos)*

— A primeira fase da Taylor pra mim nunca existiu.

— *Eu não gosto da Taylor, nunca ouvi. Aí eu fui começando a descobrir uma galera mais alternativa depois que eu sai do ensino médio. A galera do ensino médio era sei lá, tipo, os gays que tinham sempre escutavam sertanejo ou escutavam forró. Nunca teve essa coisa do hoje em dia que eu vejo, do alternativo, da gente está*

dentro desse movimento da música alternativa, de espalhar música alternativa das pessoas LGBTQIA+. Naquele tempo era muito difícil de produzir né, hoje nós produz no quarto. A minha música foi produzida num quarto, no quarto do Andrew, depois que a gente foi gravar as vozes no estúdio. Mas, fora isso, foi tudo no notebook dele dentro do quarto da casa dele fazendo a música. Hoje em dia minhas referências é Linn da Quebrada, é a Urias e essa primeira parte do álbum dela...

— Isso, me olhe com cara de julgamento, eu ainda não ouvi esse.

— *Desse último né? A parte 1.*

— Eu ouvi a Urias exaustivamente pra fazer meu TCC.

— *E eu gosto muito da Arca também, ela é da Colômbia, eu acho que ela é da Colômbia, uma artista trans, a musica dela é experimental e é uma panca, uma loucura sabe, hiper pop, pc music, é um pancadão, quando você escuta e diz que “porra é essa” rrsrs. Eu tento pegar umas coisas dela porque eu gosto da loucura que ela faz. Nossa a Gabi, o Jaloo com certeza. A Gabi foi a primeira pessoa que eu entendi que eu falei assim: “Oooohhh, alguém aqui do Norte pode ficar famosa” (risos), pode acontecer também, aí o Jaloo foi o segundo, que eu fiquei tipo, “Caralho, tá, alguém dessa geração”, quando eu descobri o Jaloo em 2016 eu fiquei “caralho mano, que bom que tem uma pessoa daqui fazendo isso também, turnê internacional, produção”.*

— Ele tem 34, vai fazer 35. Tem a mesma idade que eu, chocado. Nem parece. (Paulo)

— *O Ney já é uma parada, ele chegava pra mim como uma entidade, no sentido que eu sabia quem era o Ney, nunca tinha escutado necessariamente músicas do Ney, eu não ia baixar com 13 anos, a não ser que eu tivesse a influência para baixar as músicas do Ney, ninguém chegou comigo e disse “nossa isso é boa música, baixa e escuta”, eu não tenho uma família que é musical, meu avô tocava violão, mas tocava Luís Gonzaga e músicas do nordeste, ele era cearense então ele tocava músicas que ele gostava. Os meus pais não são musicais, nunca vi eles escutando música a não ser hino da igreja. Eu fui descobrir muita gente depois quando eu comecei a me importar mais com isso, comecei a escutar música brasileira, música em língua*

portuguesa. Aí o Ney veio mais forte assim quando começaram a me apontar que eu parecia o Ney, que eu lembrava o Ney no palco (risos), e eu recebi isso sempre muito lisonjeado porque o Ney Matogrosso é uma lenda viva, ele é muito foda. Porque o Ney é uma pessoa que abriu os caminhos para a arte queer, arte performática de homens que se vestem exageradamente lindos e tal. Aí que eu fui tomar mais noção de quem ele era, eu fui um pouco mais atrás e fui me reconhecendo também, assistindo coisas dele e vendo tipo, “ok! Parece bastante”. Eu tenho a noção também de que parece porque eu sou magro, ele é magro, eu sou branco, ele é branco, ambos são calvos sei lá, ele mais velho, eu mais novo. Então tem umas similaridades visuais, para além da performance do corpo mesmo, de como eu me movo, de como eu me jogo e me exponho também, aí acaba tendo essa similaridade. Aí já falando também do Johnny Hooker eu adoro ele.

— O Johnny lançou um CD maravilhoso, as músicas estão na minha cabeça, fiquei com medo de falar e as gays dizerem que não gostaram. (risos)(Paulo).

— Mas gente, as gays... e onde tem gay tem paz? (risos)

— Tem paz?! (risos). Mas é isso fica claro nas minhas performances o jeito que eu construo o show é influenciado pelas divas pop's né (risos), isso não tem como não falar dessa coisa do look, essa coisa de não chegar pronto no show... de só aparecer pronto para o público só quando eu subir no palco... de tirar a roupa depois do show. Porque a roupa é do show não é roupa para o público me abraçar e me vê e tal, foto é com outra roupa. Pensar na luz, de pensar como será a entrada do show porque pra mim a entrada é uma das partes mais fundamentais, porque é o primeiro minuto onde pra quem não te conhece decide se vai ficar ou não, se vai gostar ou não, a primeira impressão, o primeiro choque, o primeiro deleite, são as primeiras muitas coisas a entrada de um show. Por isso que eu tento fazer ela sempre muito marcante, e isso vem das divas né. Não consigo ter pessoas mais claras assim, tem mais as pessoas de agora, só a Rosa Lia... tem porra... Potiguara Bardo... sou pessimos com nome...

— É como o Igor falou né, a gente só vai ouvindo a playlist. A gente não decora mais o nome da música, nome dos artistas em si... (Paulo).

— *Simm (risos), e eu sou pessimo com nome de pessoa, nome de musica. Mas são tantas pessoas que eu gosto muito, tem a Nina Simone, por um tempo eu escutei as músicas dela e gostava de cantar Nina Simone, gostava de cantar blues, gostava que encaixava na minha voz, e aí eu acho que vem no meio de tudo isso. Essa última música que eu lancei aquela bateria lá e toda uma bateria que tem em uma música da Bjork, escutei e achei essa bateria muito boa, eu quero esse ritmo da bateria. Eu imaginei indo por essa área do experimental é o que me faz extremamente feliz, eu não sei vai acontecer né, meus desejos são um pouco por aí, de fazer um pop experimental colocar pra conversar esses estilos que normalmente não conversam, que nem “boto gay” que tem toda aquela pegadinha de carimbó e o fundo é um blues assim. E eu gosto dessas transformações. Não sei se vai acontecer, mas meus desejos ficam por aí, de fazer alguma coisa que fica nesse limiar entre experimental e pop, porque eu preciso pagar minhas contas.*

— Qualquer coisa, faz que nem a Lady Gaga, toca umas coisas diferentes... um sertanejo só pra ganhar um dinheiro tocando em Santarém (risos) (Paulo).

— *(Risos) Essa parada de sair daqui de Santarém ela é real, não sei quando isso vai acontecer, é um passo daqueles barra pesada, eu nunca morei fora, se eu passei uma semana fora de Santarém foi muito, eu não sei como minha mente vai lidar, sem nada, não sei o que vai acontecer. Eu me vejo saindo quando eu tiver estabilidade como artista sabe, que tipo, que eu decida morar em Belém..., vai que eu vou morar em Belém, porque é o primeiro lugar que eu vejo dando esse passo daqui pra Belém, porque ainda é o mesmo universo mesmo não sendo. Mas é... o que eu vou fazer lá? Não posso chegar lá e ter que reconstruir toda minha carreira, não posso chegar lá e ter que ser.. por isso que eu estou tentando tomar atitudes que me façam já ser meio que reconhecido lá. Por isso que eu botei nos Sons do Pará que está passando lá, estou tentando ter mais conexão com artistas de Belém, botar no álbum do artista de lá.*

— É assim que começa.

— *Vou pra lá em novembro, mas eu acho que ano que vem eu ainda não vou, teu mestrado é até ano que vem? Porque eu acho que ano que vem eu ainda não vou. As coisas, elas podem tipo assim, virar de cabeça para baixo (risos), a gente nunca*

sabe né. Mas esse é o meu desejo, por isso que eu nunca pensei em sair daqui antes disso tudo, porque pra mim é um prazer ter conseguido fazer meu álbum na minha cidade, fazer com o produtor que é daqui, gravar um filme com as pessoas daqui. Isso é parte da revolução, não é eu sair daqui pra fazer a revolução lá fora, voltar pra cá e ser reconhecido por alguns e ser desprezados por outros, porque eu saí daqui, por mais que isso vá acontecer, as pessoas só vão me aplaudir mesmo, não digo meus amigos, as outras que são alheias a isso, elas só vão entender mesmo quando eu for embora, quando eu for reconhecido, por exemplo, lá em São Paulo aí que elas vão se ligar, aí que a TV Tapajós vai querer realmente fazer uma entrevista comigo.

— No dia que o ingresso pro teu show custar 300 reais, aí vão lembrar, “porra quando ele tocava lá no Sonora eu não fui”.

— *Por 10 reais! (risos) Mas é isso estou dando esses passos, em novembro vou lá pra Belém, cantar no rolê lá, não posso falar porque o rolê não é meu, vou convidado por esse outro artista. Aí estou torcendo né, pra esse role de Belém, aí as portas vão se abrindo, as janelas, alguém me ver lá e diz: aí que massa, nunca se sabe.*

Pesquisador e Rawi: Tendo apenas um bate papo final com o entrevistado, falando sobre marcar outros encontros e agradecimentos.

Possibilidades de existência política, representatividade e dissidências.

A moral controla o cotidiano e enjaula as possibilidades de ser e estar no mundo dos indivíduos, os papéis sociais de cada um são definidos em dois pólos, um feminino e um masculino. Colocando as possibilidades em uma reta imaginária, não estável e nem tão pouco hierarquizante, este binarismo exclui todas as possibilidades existentes entre os dois extremos, de um lado estaria localizado o sujeito feminino cisgênero³⁰ heteronormativo e do outro o masculino cisgênero heteronormativo. As demais possibilidades são empurradas à marginalidade, um local de inferioridade social e político que muitas vezes é invisibilizado ou apenas

³⁰ Cisgênero é a pessoa que ao nascer baseada em sua genitália foi determinado como homem ou mulher e posteriormente teve sua identidade condizente com esta determinação.

utilizado como trampolim para ascensão social daqueles que performam um destes dois pólos, tudo isso em detrimento de um coletivo plural que não se enquadra neste padrão binário (BOURDIEU, 2014)

Dentes estes sujeitos marginalizados, algumas vezes surgem identidades que se utilizando de suas produções - sejam elas artísticas, acadêmicas ou burocráticas - propõe novas possibilidades, e articulam consigo, consciente ou inconscientemente, novas possibilidades de se pensar os espaços sociais de uma sociedade hierarquicamente organizada sob um vies machista, cisgênero, misógeno e lgbtfóbico. Podemos citar facilmente, Erika Hilton deputada pelo estado de São Paulo, que está sempre tomando os holofotes da grande mídia para as questões indispensáveis às pessoas trans, mas também a todos os sujeitos LGBTQIAPN+. Seu trabalho é de grande importância e resistência quando pensamos sobre a proposição de novas políticas de inclusão e reconhecimento de um povo historicamente violentado.

Cazuza em sua obra “Ideologia” lançada em 1988, canta sobre seus inimigos estarem no poder e como seus prazeres passam então a ser considerados risco de vida a partir da epidemia de HIV. Renato Russo, vocalista da banda Legião Urbana cantava abertamente sobre amores, em sua canção “Meninos e Meninas” lançada em 1989 nos fala sobre bissexualidade e como amores podem mudar e se transformar a todo momento mas sempre estão sujeitos ao julgamento de uma sociedade que até hoje continua desrespeitosa e violenta. Cada um trabalhando com assuntos que estavam presentes em suas vidas naquele momento.

Jaloo, outro exemplo que pode ser utilizado como pessoa que em sua obra traz alguns questionamentos sobre sua vivência, na sua música “Pa Parará”, com um ritmo que lembra o tecnomelody³¹ e sua batida eletrônica, fala algumas expressões facilmente reproduzidas nos mercados municipais quando alguém anuncia alguma promoção e deixa bem demarcado sua origem étnica paraense e como este estilo musical é “coisa doida que só tem no Pará”. Mesmo com ele sendo um dos muitos artistas que migraram de suas regiões de origem para construir suas carreiras em São Paulo.

A todo momento podemos encontrar sujeitos que pretendem participar de maneira ativa de uma nova sociedade que consiga entender e compreender as

³¹ Estilo musical paraense que mistura sons eletrônicos com ritmos tradicionais da cultura amazônica, muito apreciado na capital Belém e cidades que mantêm relações mais diretas com ela.

necessidades de cada coletivo em suas especificidades ou mesmo de forma indireta, propor possibilidades novas de existência junto à coletividade. Ainda assim, nem todos os sujeitos querem se adequar nos padrões que já estão definidos no meio social, a proposição de novas políticas e organizações sociais são a forma destas pessoas de questionarem o sistema ao qual estão inseridos. Outros, propõe dar visibilidade a questões que são ignoradas mesmo dentro dos coletivos, o próprio movimento LGBTQIAPN+ possui algumas questões que precisam ser debatidas e melhor compreendidas no que diz respeito a suas lutas e reivindicações.

Como exemplo podemos colocar as questões de masculinidades hegemônicas, que performam marcadores de violência que subjagam aquelas que são tidas como aproximadas ao feminino; questões sobre liberdade sexual e afetiva, além de prevenção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis; transexualidade e identidade de gênero; além das noções de família e inúmeras questões que quanto mais nos propomos a mergulhar no meio e observar atentamente aparecem como reflexo de questões maiores que estão presentes no todo e que se entrelaçam com outros sistemas de opressão e podem ser percebidos no âmbito microssocial de cada coletivo.

Então, onde entra Rawi nesta história? Rawi, ao se apresentar carrega consigo dois marcadores que nos falam muito sobre ele, a estética amazônica, com alguns acessórios e outras vezes com artes e efeitos de luz que lembram os mitos e lendas amazônicos, como a cobra grande e o boto, ao mesmo tempo que questiona sua identidade de gênero, com vestimentas tidas como femininas, *mini shorts*, vestidos, camisetas de alcinha, calcinha saias. A cada apresentação há uma nova possibilidade de questionamento sendo proposta ao público e ao espaço que ele está ocupando. Ao acompanhar algumas de suas performances, pude perceber como esta tensão questionadora se apresentava no palco junto com Rawi, por vezes, suas roupas ataçaram a sexualidade e o desejo, junto com músicas que falam sobre amores não correspondidos³² e danças quase teatrais que remetem ao sexo por meio de correntes, caras e bocas e um corpo contido dentro de uma roupa apertada que delinea todas suas curvas.

³² Em “Que baita climão” Rawi fala sobre um menino de sorriso bonito e como matou seu cupido, cansado das ilusões de um amor prometido e idealizado. A música pode ser ouvida no Youtube no seguinte link [RAWI - Que Baita Climão!](#)

Aonde pretendo chegar com tudo que falo até aqui, a primeira impressão que temos ao observar um coletivo é sua suposta identidade homogênea, mas em cada grupo social múltiplas são as identidades dos que fazem parte da organização tanto quanto são os números destes indivíduos. Assim, suas formas de organização e proposição política também se tornam múltiplas, e aquilo que comumente podemos considerar como mero ato banal e corriqueiro pode configurar-se como uma proposição política de resistência.

Resistência aqui, me refiro ao termo foucaultiano onde resistir é mais do que apenas dizer não às opressões que incidem sobre os sujeitos, mas também através de atitudes, produções e organizações produzir ativamente novas possibilidades para encerrar e enfrentar a violência que a todo momento se reafirma sobre os mesmos. Muitos sujeitos se organizam politicamente no sentido partidário desta palavra, outros estão produzindo artes que sejam capazes de fomentar o imaginário popular de uma sociedade sem violência étnica de qualquer natureza.

Seja nas páginas do Diário Oficial de nosso país, seja nas redes através principalmente do *instagram*, ou mesmo nos serviços de *streaming* com suas músicas e vídeos, o que se propõe com obras ditas desprovidas de ação política é a possibilidade de imaginarmos um mundo através da perspectiva de sujeitos LGBTQIAPN+, um mundo que nem de longe será perfeito, mas que esteja abertamente disposto a pensar as inúmeras possibilidades que um mundo de binarizado possa oferecer.

Uma das ferramentas iniciais que podem ser utilizadas por nosso coletivo e que observo sempre nos olhares desconcertados daqueles que estão vendo pela primeira vez uma apresentação mais “afrontosa” de Rawi é o incômodo. Enquanto ele performa sua identidade questionadora no palco, abre uma reflexão mental dentro de quem não está acostumado a viver além dos limites hegemônicos do que é ser homem e mulher. Esta reflexão através do incômodo é algo que talvez possa levar a produção de uma nova mentalidade nestes sujeitos, ou mesmo deixar abertamente marcada em suas consciências a existência de pessoas que diferem deles. Mesmo aqueles que apenas se retiram dos locais, ou mesmo os que diferem comentários negativos, são diretamente impactados pela mera presença de alguém como Rawi nos ambientes.

Através da entrevista com Rawi, pude observar mais uma questão interessante de se abordar quando pensamos sobre identidades no plural. Os

sujeitos complexos como são, em seus múltiplos circuitos sociais podem transformar e adequar essas identidades baseados nas necessidades e possibilidades que estes circuitos possibilitam. A identidade questionadora é uma destas possibilidades, mas a ainda outras identidades que surgem em ambientes onde a violência e a repressão se materializam de forma concreta.

Mas mesmo Rawi sendo bem entendido quanto a sua identidade, há a transição entre o que sobe ao palco e o que anda pelas ruas e divide casa com seus pais. Sua identidade é transformada, assumindo papéis distintos a cada ocasião. Ao subir no palco, Rawi é extrovertido, questionador, muitos diriam que afrontoso. Já ao voltar para casa, outra identidade assume, uma que tenta mediar os conflitos entre ele e seus pais, principalmente a figura paterna. Mas há também outro Rawi, um que caminha sozinho pelas ruas da cidade e tem um cuidado redobrado com a violência que pode sofrer por performar uma masculinidade dissidente.

Estas identidades, flutuam ao redor de um “eu” que se mantém fixo, revelando a multiplicidade de adequações que o sujeito faz a depender do ambiente social ao qual está inserido. Cada meio tem sua forma de se impor aos sujeitos que fazem parte dele, e esta imposição material que Bernard Lahire (REUILLARD, [2015](#)) tenta nos falar quando diz que a construção social da realidade não é somente fundamentada na subjetividade dos sujeitos, mas também na materialidade das instituições, coisas e “textos” que se impõe sobre os sujeitos.

Havendo então está imposição do meio sob o sujeito, Rawi passa a performar uma identidade para cada ambiente, onde lhe é permitido ser distinto ele o é com maestria, questiona e se transforma a cada apresentação, os riscos que assume por ser “diferente” são controlados enquanto possibilidades vindas de um público que em sua maioria se propôs a estar ali para ver seu trabalho e que já sabe o que pode esperar das apresentações.

Na rua há a violência que não possui nenhuma forma de ser controlada por ele, sua identidade é então transformada e ressignificada com marcadores mais condizentes com as expectativas e cobranças que a cidade e os sujeitos que convivem nela lhe impõe. Ao caminhar pela rua, sua tentativa de “esconder” alguns marcadores é observada e algumas vezes reprovada pelo olhar punitivo dos outros. Nem sempre encontra uma retaliação física, mas vez ou outra encontra a desaprovação verbal em forma de piadas, comentários discriminatórios.

Mas onde está a materialidade destas imposições? Toda sociedade constrói seus ideais de comportamento e expressão de gênero, dependendo do quão destoante um sujeito possa ser, mecanismos de repressão são ativados na forma de comentários negativos, olhares tortos, desaprovação, a negação de sua humanidade enquanto sujeito de direito ou mesmo de reconhecimento como parte do meio. Quando falamos de religiosidades, é fácil observar a materialização nas expressões preconceituosas, nos terreiros que são destruídos e nas pedras que atiram contra estes sujeitos. Aos sujeitos LGBTQIAPN+, a violência também é desmedida, mesmo que em algumas sociedades mais do que outras, não é difícil encontrar relatos e histórias de pessoas que foram mortas por serem diferentes, ou por se envolverem em romances proibidos e escondidos com outros sujeitos que escondem suas sexualidades e quando estão com medo acabam matando seus parceiros.

Estas histórias são o que dão materialidade aos sistemas de repressão coercitiva que destroem e violentam corpos dissidentes, a violência é sempre uma possibilidade que bate à porta, seja ela física ou psicológica. O controle é exercido pelo meio e internalizado no âmago das subjetividades, se fazendo presente nos momentos de solidão ou de reflexão. Ser distinto, muitas das vezes é colocar um alvo em suas costas e abrir margem para todo tipo de violência que a hegemonia possa pensar para aplicar em sujeitos fragilizados.

Mas como essas questões são internalizadas tanto pelos sujeitos dissidentes quanto pelos demais que performam uma pretensa normalidade? A cultura é a principal fonte de formação subjetiva de todos que fazem parte de um meio social, é através dela que se propagam valores morais e éticos que serão reproduzidos, mantidos ou extirpados do meio social. Em uma sociedade conectada como a de 2023, a todo momento somos bombardeados por novas ideologias e subtextos que nos fazem internalizar o que a hegemonia espera que tenhamos como valores comuns.

Estas mensagens e subtextos são direcionados ao nosso inconsciente e vão construindo e firmando cada vez mais as noções pré estabelecidas sobre quem pode e quem não pode agir de determinada maneira, ao mesmo tempo que constroem e reafirmam a noção de quem é humano e quem não é. O que possibilita a abordagem violenta de certos corpos. A exemplo disso temos a construção de um imaginário onde o vilão tem sempre algum marcador identitário que o distingue dos

heróis, seja uma grande cicatriz em seu rosto ou mesmo sua forma extravagante e *queer* de se vestir.

A esse processo de construção de um padrão identitário que tomamos como vilão dos meios sociais, principalmente no que diz respeito a homossexuais, damos o nome de “código *queer*”, ou em inglês, *queer coding*. Este código é o subtexto de produções culturais que dão a entender que um sujeito é homossexual, seja um romance não concretizado, uma dança com um vestido, roupas excêntricas ou mesmo cortes de cabelos diferentes e coloridos. Estes subtextos estão muito ligados aos vilões, e vão assim construindo uma noção negativa dos sujeitos LGBTQIAPN+. Onde a sensação de desgosto, desaprovação ou mesmo o jugo do caráter de alguém é pré estabelecida pelas relações simbólicas que traçamos entre os sujeitos que convivemos e os personagens que fizeram parte de todas as histórias que consumimos.

Biografia Errática, sujeitos performáticos e os papéis sociais

Por que pensar uma biografia errática? Todo sujeito em seu pleno potencial político e social performa a todo momento condutas que foi levado a acreditar por meio da cultura ao qual está inserido como sendo as mais corretas ou adequadas para a posição social ao qual ocupa. Tal qual um ator em um palco, este vai seguindo aos comandos que o meio espera e exige dele passivamente ou ativamente por meio das retaliações sociais.

Esses papéis ou mesmo representações de si são formuladas a partir de um local e um espaço no tempo muito bem delimitado (GOFFMAN, 2009). Ao se estar na condição de estudante universitário, o meio se sobrepõe às vontades do sujeito e coloca atrás da aprovação ou desaprovação do outros, como forma de confirmar ou receber o reconhecimento do coletivo. Goffman nos coloca ainda a possibilidade de que o papel assumido pelo sujeito, só recebe esse reconhecimento através da aprovação coletiva, desde as vestimentas, aos símbolos e condutas. Todas estas coisas são imbuídas de simbolismo, este que por sua vez domina o imaginário social e se perpetua.

Para um advogado espera-se que durante o exercício de seu ofício este use roupas sociais, terno e gravata, enquanto o médico ou mesmo outro trabalhador de laboratório jaleco que deve ser mantido limpo de forma a comprovar a sua

seriedade com estes trabalhos. Do mecânico, a expectativa são mãos sujas de graxa e roupas igualmente sujas. Tentamos imaginar por um momento que ambos troquem de lugares e mantenham os padrões comportamentais de sua função anterior. Certamente teriam suas capacidades e a seriedade de suas atividades questionadas.

Da mesma forma os papéis de gênero são colocados e cobrados de todos os sujeitos, suas diferenças são dadas principalmente quando levamos em consideração a sociedade ao qual estamos analisando, mas pode muito bem diferir de acordo com a classe social, bairros dentro da mesma cidade. Ou mesmo os múltiplos ambientes que um único sujeito - como é o nosso caso - transita ao longo da sua história ou mesmo do dia a dia.

A noção de performance enquanto ato social, é pensada através da obra de Goffman como sendo as adaptações que o sujeito faz em sua identidade de forma a demonstrar para o outro a significação de suas atitudes. Adequações que carregam ao serem compreendidas pelo outro dão sentido de valor ao sujeito tanto quando colocam este em uma posição de reconhecimento pelos demais.

Talvez seja difícil enxergar como esta relação afeta a identidade dos sujeitos a nível pessoal, uma vez que as analogias comumente utilizadas para explicar essa relação entre as imposições sociais e os sujeitos são as de relações de trabalho, onde as condutas são regradas não somente como forma de receber o reconhecimento mas também de garantir a seriedade da profissão e o mínimo de segurança aos outros como no caso de médicos, farmacêuticos, professores e etc.

Mas assim como as expectativas sobre as profissões, a forma impositiva e coercitiva que as instituições subjagam os sujeitos e delimitam as possibilidades baseada apenas no que se espera para eles. Essas imposições são os papéis de gênero, atributos, condutas e atitudes que se esperam de mulheres e homens. A quem performa identidades femininas espera-se um desejo pela maternidade, dedicação total ao casamento, abandono dos sonhos e anseios pessoais em função da família e etc. Para o masculino, a ideia de realização profissional, ser o provedor da família, uso desmedido de violência, conter seus sentimentos, não cuidar da saúde, etc.

Falo aqui de maneira generalista, esses tópicos dos papéis de gênero podem e são alterados a depender do ambiente social. Ser homem ou mulher em uma cidade do interior é diferente do que se espera em uma grande capital, da

mesma forma que em locais que a religião dominante é distinta essas noções também se alteram.

Para Butler (2015), as formas de experienciar a realidade são limitadas antecipadamente por “regimes de verdade” que definem o que será ou não reconhecido como uma possibilidade. As normas sociais, existentes anterior e posterior a nossa entrada no sistema social, referenciam e guiam nossas decisões, mesmo que imperceptivelmente, dando a falsa ideia de escolha. Assim, o sujeito pode achar que está vivenciando a sua plena escolha, mas na verdade segue um roteiro definido pelos sistemas e estruturas de poder que precederam sua formação.

Pensando então, em uma agência política dos sujeitos submetidos aos mais variados sistemas de controle e repressão, a proposição de biografia errática, ou mesmo uma biografia que vagueia de forma inconstante, não possuindo uma materialidade bem determinada, sua constituição é moldada a todo momento, a depender dos espaços ao qual os indivíduos estão ocupando em determinado tempo. Seus usos são antes de tudo táticas de sobrevivência e auto cuidado, mas também podem ser questionadores do *status quo* de uma sociedade.

Pensando de maneira *Queer*, enquanto identidade política engajada e questionadora. Não surpreende a existência de sujeitos que como Rawi, assumem para si múltiplas possibilidades de sobrevivência. Os caminhos são tortuosos e muitas vezes solitários, o que torna mais necessário ainda que um sujeito desviante desenvolva suas técnicas de sobrevivência, sendo capaz de performar minimamente o desejado pela hegemonia e talvez, uma forma de conseguir estar vivo para lutar um outro dia. Ao passo que essa existência, por si só, abre caminho para outros sujeitos que ao se encontrarem questionando o sistema, podem por meio da vivência dos outros, pensarem novas possibilidades sobre suas trajetórias.

Um sujeito que escolhe de maneira consciente reprimir parte de sua identidade para que possa sobreviver a determinado momento e ainda se faz capaz de em momento oportuno questionar e apontar os problemas da sociedade em que vive, é um potencial agente de resistência nos termos foucaultianos desta palavra, capaz de não somente negar as violências, mas também propor táticas para a construção de um mundo onde os demais não precisem passar por estas situações.

Esta forma de atuação política não é uma escolha simples, ao colocar-se em contraposição às instituições sociais, o sujeito corre o risco de ter sua humanidade colocada em cheque. Quando este sujeito questiona a forma como as

normas se colocam para ele, está pensando nas formas de humanidade que o sistema consegue abrigar e quais esse sistema enquanto produto e produtor das sociabilidades pode ser obrigado a possibilitar. Para Butler (2015), o risco é um fator que o sujeito questionador assume ao se colocar nesta posição, pode ser que sua existência seja colocada de lado, e passe então a não ser reconhecível como parte da sociedade, e ao ser desumanizado, normaliza-se a violência destinada a estes corpos.

A capacidade de se adaptar e transformar sua identidade nos espaços é também uma tática de reconhecimento pelos demais indivíduos. Como uma roupa que vestimos pode simbolizar nossas capacidades de execução ou seriedade das atividades de uma profissão. Os comportamentos, jeitos, vestes, falas e demais marcadores de diferença que o sujeito assume nestas relações podem garantir a ele o direito de questionar, ou mesmo de permanecer existindo naquele lugar em uma disputa semiótica (SANTAELLA e NOTH, 2021). Mesmo que em solidão ou sempre temeroso, é por si só uma subjetividade complexa. Reflete de certas maneiras o “armário” e o “fora do armário”, duas identidades distintas que ao longo do tempo vão se misturando como técnica propositiva de sobrevivência.

A capacidade do indivíduo de ser reconhecido como “humano”, uma categoria que engloba sujeitos de direitos e ao qual são direcionados os cuidados e considerações do meio, é uma noção que também se transforma a depender da sociedade e onde esta sociedade se localiza. Talvez a noção mais comum de humanidade seja a capacidade do indivíduo de ser produtivo na vertente capitalista desta palavra. Quem não é capaz de produzir para sustentar a si e aos seus, logo é um vagabundo, e assim relegado ao papel de sujeito marginalizado da sociedade que pode ser descartado e morto, vítima de um sistema de poder que decide quem pode viver e morrer, baseando-se na sua noção de humanidade.

CAPÍTULO 3 - A "experiência" queer em espaço urbano no interior da Amazônia

Mesmo quando a potencialização máxima do controle e do poder que é a morte não se aplicam aos sujeitos dissidentes do sistema imposto, há outras formas de desumanização e negação do direito de ser reconhecido como sujeito parte do coletivo. Nos discursos pouco a pouco são cortadas as falas que abrangem estes indivíduos, ou mesmo quando estes são quem profere as falas, suas questões são minimizadas ou colocadas em segundo plano, surgindo sempre um segundo plano, uma eterna possibilidade de ter suas questões debatidas, que nunca se materializa.

Assim, o que se aplica aos sujeitos tanto quanto aos discursos que este sustenta e reproduz é o controle através do se permitir morrer, tanto física quanto psicologicamente. Por meio das atitudes e colocações dos demais sujeitos para com os dissidentes, sua humanidade é questionada e colocada em cheque. Onde é o ponto máximo que se pode alcançar sendo negro? Sendo homosexual? Sendo um homossexual afeminado? E por quanto tempo se é permitido que alguém assim fale? São questões que permeiam a subjetividade dos sujeitos dissidentes, após a leitura das atitudes coletivas e do simbolismo por trás dela, é fácil se sentir deslocado ou não pertencente a aquele lugar.

Essas questões, da solitude do discurso questionador, assim como o pertencimento ao coletivo e a busca por esse reconhecimento, aparecem no trabalho de Butler (2015) como o risco assumido pelos sujeitos ao questionarem quem podem ser diante do sistema ao qual estão inseridos. Para Foucault (1976) essa questão do controle sobre a vida é uma reformulação do biopoder exercido por quem controla a sociedade, onde antes haviam os senhores e estes decidiam sobre o fim da vida de seus subalternos, na sociedade capitalista neoliberal, o corpo dos sujeitos é visto como máquina e quanto mais docilizado, melhor é o seu desempenho dentro do sistema. Onde antes os mecanismos de poder eram usados para produzir a morte direta, agora estão diretamente envolvidos na escolha de quem pode-se deixar morrer para a manutenção do poder de outros.

Mais do que a morte material, o meio social produz a morte simbólica do outro, e está por sua vez produz o sentimento de repressão que os sujeitos marginalizados ao se depararem com este simbolismo sentem. Desde o poder relatar suas violações perante os iguais em busca de reparação e entendimento, até

a possibilidade de se apresentar em um palco completo como todos os demais artistas.

Segundo Relato - Um Reencontro na Orla

No dia 28 de Novembro de 2022, Rawi se apresentou no palco do Festival Tapajós Vivo (figura 13), o palco foi montado sobre as areias da praia que se forma em frente a cidade de Santarém durante o verão amazônico onde o rio Tapajós baixa o nível de suas águas, especificamente no perímetro em frente ao [Centro Cultural João Fona](#). Vale ressaltar que entre os santarenos é comum referir-se como “Orla”³³ a todo o encontro da cidade com o rio, trajeto de aproximadamente 3,6 km entre o [Bosque Vera Paz](#) até a praça São Sebastião, onde se localiza o centro cultural. Ele estava entre as principais atrações culturais da noite, junto com outros cantores, poetas e uma atriz. O que se segue é o relato sobre a noite e a performance de Rawi.

Durante a tarde, como de costume para alguém que convive com distúrbio de ansiedade, nada mais normal que eu estar completamente agitado e preocupado com o decorrer da noite. Juntando a esta ansiedade incessante, há uma dinâmica diferenciada para quem tem um relacionamento com mais de uma pessoa, mas só possui uma moto para transportar a todos. É preciso sempre ir e voltar mais de uma vez se quiser economizar o dinheiro do “uber”³⁴. Mas dessa vez, pedi que meu marido mais velho me deixasse na Orla e retornasse em casa para buscar nosso companheiro. Saí de casa um pouco atrasado, como de costume, por volta das 18:50, segui o trajeto definido pelo mapa como sendo o mais rápido. Ao longo do caminho pensava o quão atrasado eu poderia estar, simplesmente considerando a possibilidade de perder parte da apresentação de Rawi.

Ao chegar no centro cultural, por volta das 19:25h, a primeira observação que pude fazer foi a baixa iluminação de onde supus estar localizado o palco, o que já me pareceu estranho para um evento de conscientização ambiental sobre a importância da preservação do rio Tapajós. Homens da empresa privada, que cuida

³³ Posteriormente a Orla foi estendida por todo o Cais de Arrimo da cidade em obra do governo municipal, aumentando consideravelmente a abrangência do que significa “ir à orla”, ou como no caso deste trabalho “se apresentar na orla”.

³⁴ Uber, nome da empresa de transporte por aplicativo, virou expressão para designar o ato de se deslocar pela cidade com os motoristas de qualquer empresa que trabalhe nesta modalidade. “Vou pegar um uber e já chego”.

da energia elétrica, ainda estavam mexendo no poste, talvez tentando resolver algum problema que tenha ocorrido com o fornecimento de energia do palco ou mesmo fazendo a ligação naquele momento. Nada de novo para quem costuma acompanhar as apresentações locais, e essa cena me fez pensar sobre o quão precária ainda é a estrutura para eventos em locais como a praia, ainda mais em Santarém que comumente se utiliza destes espaços durante a seca do rio para os mais variados eventos.

Figura 13 - Divulgação do Festival Tapajós Vivo no *Instagram*.



Fonte: Instagram do Movimento Tapajós Vivo (@tapajosvivo), 2022.

O palco (figura 14) deveria ter aproximadamente 2x4m, com uma espécie de trave de metal onde se fixaram as luzes de festa e ornamentações feitas de chapéus de palha e remos. O fundo, como que uma cortina de teatro era azul claro com flores amarelas e no seu centro havia o símbolo do movimento Tapajós Vivo. Na frente, como uma rampa para a área da praia, uma faixa alaranjada com escritas na cor branca dizia “festival tapajós vivo” e novamente ao seu lado o brasão do

movimento. A sua direita, um peixe cinza com escamas ajudava a compor a decoração do palco próximo as caixas de som. Ao lado esquerdo de quem observa o palco de frente, haviam seis cavaletes de madeira, onde artistas exibiam suas obras, pinturas, roupas e alguns artesanatos.

Figura 14 - A praia, o show e o público.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.

A expectativa pelo festival aumentava a cada momento, mais pessoas se dirigiam à frente do palco e começavam a se organizar sobre toalhas que traziam consigo. Alguns com suas caixas térmicas, isopores, com suas cervejas, outros traziam cadeiras de praia, no modelo clássico que se encontram nos centros comerciais da cidade, em ferro branco e assento de um tecido plástico, geralmente com listras coloridas e braços brancos. Os que não possuíam toalhas trabalhadas se organizavam em sobre tecidos de chita com suas flores características, sentavam nos troncos de madeira que o rio depositava a margem da praia, ou mesmo ficavam em pé, em rodas de amigos enquanto conversavam e fumavam seus cigarros.

O evento propriamente iniciou-se às 20:09, por ter morado a vida inteira nesta cidade, sei o quanto isso impactaria o final do mesmo. Os ônibus para os bairros mais distantes não costumam rodar até tarde da noite, mesmo com a

iniciativa privada sempre reajustando as passagens com a desculpa de altos custos de manutenção e toda a ladainha que os liberais possam usar para tentar justificar sua busca incansável por lucros cada vez maiores em detrimento do interesse da classe trabalhadora, depois de um certo horário, dependendo do seu bairro, é impossível voltar para casa utilizando o transporte público.

A primeira artista a se apresentar foi a [DJ Pedrita](#), acompanhada de um trio de mulheres que não consegui identificar, juntas cantaram uma música do grupo Rosa Neon com a participação do Djonga, intitulada “vai devagar”³⁵. Logo após esta música, o responsável pelo festival subiu ao palco e utilizou o microfone para fazer uma saudação ao rio Tapajós, como entidade física e mística que provém e sustenta toda a região, lembrando que o festival por mais alegre que seja também é um encontro de pessoas que se importam com a preservação do rio e da região.

Logo após a fala do padre, Rawi sobe ao palco pela primeira vez na noite, canta com Dj Pedrita sua música “arrei uma arapuca”, uma versão um pouco mais eletrônica que a gravada em estúdio para o seu álbum. Logo após, a DJ apresenta um remix de Chuva³⁶, música de Gaby Amarantos. Não sou muito ouvinte de *remixes*³⁷, mas é incrível perceber como um pouco mais de referências acabam transformando a experiência com elas. Dj Pedrita ressaltou a música de Gaby com instrumentos típicos, quase como se transformasse algo que já pertence a nossa região, ainda mais regionalizado.

Logo após esta música, quem se apresentou foi a comediante [Patricia Branches](#), com sua personagem Merandulina, uma mulher ribeirinha, com seu sotaque e trejeitos de pescadora. Ela fazia piadas e andava pela praia interagindo com a platéia que se divertia com suas histórias. Aos poucos as pessoas foram perdendo a vergonha de demonstrar afetos em público, casais de todos os sexos foram se aproximando mais e mais, os ombros serviam de apoio para cabeças cansadas.

Outro artista a se apresentar nesta noite foi o cantor e produtor musical Andrew Só (Figura 15). Cantou algumas músicas autorais, como seu nome artístico diz ele se apresenta sozinho em palco com uma guitarra e um pedestal para seu

³⁵ Videoclipe disponível em [YouTube](#) ROSA NEON feat. Djonga - Vai Devagar .

³⁶ Música disponível em [YouTube](#) Gaby Amarantos - Chuva [Áudio Oficial]

³⁷ Remixes são releituras da melodia, ritmo ou mesmo velocidade de uma música, comumente feito por DJ's que criam novas versões dos grandes sucessos do momento.

microfone. Sendo a música que mais me marcou naquela apresentação “bajara”³⁸, onde ele fala sobre o vai e vem dos pescadores em seus barcos enquanto cuidam das malhadeiras tentando manter os botos afastados. Ele também trabalhou na produção do primeiro álbum de estúdio de Rawi, lembro de termos trocado algumas palavras em um dos ensaios que pude acompanhar, Andrew aparece ainda nas falas de Rawi durante as entrevistas.

Figura 15 - Andrew Só.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.

Era aproximadamente 21:30h, o cansaço já começava a me cobrar o preço de uma longa jornada de estudos e depois vir ao festival. A coluna já pedia por descanso, enquanto eu seguia de um lado para o outro na praia tentando fotografar os artistas, pensava que deveria ter trago comigo um remédio para dores musculares. Havia muito tempo que o cansaço não castigava minhas costas daquele jeito, e a fome começava a dar seus sinais também. Talvez, se tudo tivesse corrido como o planejado, e o festival tivesse iniciado às 18:00h, estaria nesse momento me organizando para retornarmos para casa.

³⁸ A música de Andrew possui um videoclipe caseiro lançado em 2019 e disponível no [Youtube](#).

Enquanto as poetisas declamavam seus versos, chamei meus maridos, que observavam atentamente meu desconforto, para procurarmos algo que acalmasse pelo menos o estômago vazio. Como de costume na Orla, haviam barracas de batata frita, com os mais diversos molhos e queijo coalho ralado, escolhi uma delas e então segui comendo e observando as declamações de longe. O horário já começava a dispersar a plateia, as pessoas que muito provavelmente não tinham transporte particular começavam a se direcionar para a praça, onde fica localizado o ponto de ônibus mais próximo. Como disse antes, no fundo, todos sabiam que isto ocorreria devido ao horário e a deficiência do transporte público em Santarém, talvez esta tenha sido a razão de pensarem em iniciar o festival ao pôr do sol.

Após a apresentação das poetisas, subiram ao Palco ainda [Caboquinho](#) cantando com seu violão e em seguida, [Dan Selassie](#) ambos artistas da amazônia, mas a música apresentada por ambos que mais me chamou atenção foi de Dan, sobre a especulação imobiliária em Alter do Chão, vila balneária famosa nacional e internacionalmente. É perceptivo aqui como o cansaço começou a afetar minha capacidade de observação, mas ainda que agora os casais estivessem em frente ao palco dançando, eu continuava me questionando sobre a escolha de manter o show de Rawi, potencialmente como o último da noite, a cada momento mais pessoas iam embora. Se mantinham as que estavam dançando e rodopiando ao som do carimbó, mas era notável o esvaziamento do festival devido ao horário.

DJ Pedrita volta ao palco, achei que tocaria mais uma *setlist* de seus remixes, meu corpo implorava por descanso, mas o que me mantinha ali era o pertencimento de todo o relato a esta dissertação, o palco começou a ser desmontado (figura 16) e ao cansaço se juntou a indignação. Eram aproximadamente 23:21h, quando isto começou, mesmo com a praia consideravelmente esvaziada, há nessa situação uma mensagem que fica pairando no ar, um desrespeito a subjetividade desviante que foi utilizada como atrativo para o festival e nada mais. Rawi, então é o último a se apresentar na noite, sobe ao palco com a DJ, e o desmonte continua.

Rawi usava bermuda branca, uma blusa bege com alças finas e uma única manga comprida, esta que descia por seu braço direito feita em um tecido translúcido que ao se movimentar e com ajuda do vento que soprava do rio naquela noite movimentavam-se como penas. Junto ao microfone, ele segurava um coração

vermelho feito de arame, presente que recebeu de um artesão ambulante que estava ali prestigiando sua apresentação.

Figura 16 - O palco sendo desmontado.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.

A cortina do palco já havia sido removida, o peixe que ficava à direita do palco já não estava mais lá, o equipamento dos outros artistas já haviam sido carregados em direção ao transporte que os levaria para algum lugar, no início da apresentação enquanto os trabalhadores desmontam tudo que se fazia possível, o equipamento da DJ também foi desligado, o que os artistas levaram “na esportiva” e reiniciaram como se nada tivesse ocorrido. Rawi se apresentou por 22 minutos, cantou 5 de suas músicas, que colocarei aqui seguindo a ordem da performance: furta-cor (bandoleiro), armei uma arapuca, boca na boca, baita climão e boto gay. Sendo a última, parte do seu novo álbum em produção.

Há um subtexto nessa situação, quais os motivos para esta pressa em desmontar o palco? Durante toda a noite o céu prometeu uma chuva amazônica, forte e constante, mas ela ficou o tempo todo que estivemos ali apenas nessa promessa. Os equipamentos sim, são sensíveis a água, mas nenhuma das apresentações foi apressada ou mesmo a programação alterada para caber no novo horário, o atraso já iria afetar o término do festival. Rawi, foi colocado como última atração pelo grande número de pessoas que gostam de suas músicas, mas ao

mesmo tempo, são pessoas majoritariamente de classe baixa, que dependem do transporte público. Era sabido então que todos os ocorridos até ali afetariam o número de espectadores de sua apresentação.

O palco sendo desmontado enquanto eles se apresentavam é mais uma forma subjetiva de agressão ao sujeito *Queer* e ao corpo feminino que ali performaram. Mas vou focar aqui, na subjetividade de Rawi, uma vez que a DJ já havia tido sua performance solo executada e sem nenhum tipo de interrupção. A minha leitura inicial foi a de que não retiraram o chão do palco porque ele estava sobre o mesmo, do contrário, Rawi teria terminado sua apresentação sobre a areia e sem amplificadores para sua voz.

A principal questão aqui é a seguinte: se por acaso, o último artista a se apresentar não fosse ele, ou fosse alguém com um pouco mais de influência política na cidade, tudo isto teria sido diferente? Sabe-se muito bem qual é a resposta para este questionamento. O corpo *Queer* não é lido como digno de respeito, tão pouco como integrante do grupo, um igual. Ele é o outro, e como tal, tudo o que pertence a norma não se aplica sobre ele. A mensagem subjetiva que se coloca nesta situação é de que “sua apresentação é menos importante que as demais”, ao passo que se utiliza da identidade *Queer*, para levantar uma bandeira de representatividade e inclusão social LGBTQIAPN+ que não condiz com as atitudes de quem está à frente do evento. Esta não é uma afirmação de que X ou Y sejam homofóbicos, mas a colocação de que a ideia de inferioridade e possibilidade de se menosprezar esta impregnada no pensamento coletivo, de tal forma que cria a possibilidade de se manter os sujeitos subalternos em posições de passividade nestas violências subjetivas, tão danosas quanto qualquer ato físico.

Ao fim da apresentação de Rawi, o cumprimentei atrás do que restara do palco, e lhe disse que só não haviam retirado o chão por ele estar em cima. Recebendo um sorriso sem graça e uma frase que não consegui registrar, a leitura que fiz de Rawi é que de certa forma, ele estava acostumado a este tipo de situação. Com um abraço me despedi, lhe contei que havia gravado toda a sua performance e que se ele quisesse, eu poderia lhe enviar. Fui então para a beira da rua, ficar na calçada aguardando meu marido vir me buscar após deixar nosso outro marido em casa. Os chuviscos anunciavam a chegada da tão temida chuva e o vento frio embalava uma mente entristecida com a situação. Era hora do descanso.

“Toda colocada³⁹”: identidade queer amazônica

O rio Amazonas é uma das bacias hidrográficas mais importantes do mundo, desde a vazante das águas quanto à diversidade biológica. Soma-se a isso, a rica sociobiodiversidade que se encontra na região, desde períodos pré-colombianos, apresentando informações sobre a sua organização social regional, padrões de comércio, a abundância de alimentos, e o mundo material (STENBORG; SCHAANI; LIMA, 2012). O estudo arqueológico de Silveira e Schaan (2005) defende que populações assentadas próximas às beiradas de rios na Amazônia se instalaram nestes espaços com interesse na obtenção de proteínas para a dieta alimentar, tese esta que reforça a ideia de numerosa população varzeira antes da chegada do invasor europeu.

Assim como essas populações que se assentaram nas regiões internas do rio Amazonas e em suas margens, uma categoria social aqui também se estabeleceu, varzeiro, uma subcategoria daquilo que se entende por ribeirinho. A partir da perspectiva antropológica e da autodeclaração dos nativos, deve se respeitar esta categoria e seu surgimento a partir do ponto de vista destes sujeitos. Podem se encontrar ainda variações, a depender da região e da variação linguística sendo algumas delas: varzeiro, varzeiro, varzeiros, ribeirinhos.

Após o período de invasão europeia, principalmente a de povos ibéricos, a população da região sofreu uma grave interferência nos hábitos, costumes e práticas socioculturais. As intensas trocas econômicas impostas pelos portugueses, e as filiações culturais forçadas destas populações para não serem extintas, transformou a denominação destes povos que se instalam nas ilhotas e furos do rio Amazonas passando então a serem referidas pelo colonizador como caboclos. Essa nova categoria social foi resultado da penetração da evangelização católica e a integração forçada de indígenas, da força de trabalho escrava e sua dispersão no território longínquo da várzea em fuga do domínio do branco.

Segundo Cardoso (2023) a população varzeira amazônica em 2018 contabilizava em mais de 234 mil famílias, que vivem principalmente da pesca artesanal destinada ao consumo familiar e da venda para o mercado das cidades, além da agricultura e plantio de culturas anuais como milho, melancia, mandioca e feijão. Os pulsos de inundação e vazante ditam o ritmo social e ecossistêmico da

³⁹ No pajubá, quer dizer paramentada com maquiagem pesada, roupas *camp* e pronta para atacar.

região, tendo fartura de peixe no inverno e abundância de frutas e cereais no período da seca e a produção da farinha *baguda*⁴⁰.

A identidade do varzeiro articula-se pela relação entre o espaço natural e as relações intersubjetivas entre sujeitos culturalmente localizados, contudo essa mediação dá-se pelo domínio, uso e usufruto do território. Compreende-se a identidade como uma negociação entre o passado e o presente, cuja identificação é construída pela imaginação e realização (BHABHA, 1998; HARRIS, 2006). A identidade é uma categoria social fluida, móvel e que passa por escalonamentos ao longo do tempo e do espaço; sendo assim, a identidade é sociohistórica. Ela se circunscreve na história e é aprimorada pelas condições internas e fluxos externos que moldam e revelam novos agenciamentos, fazendo do presente um contínuo artefato para a produção do “futuro”.

Os fluxos socioeconômicos desta população estão diretamente relacionados com o pulso de inundação e vazante dos rios, durante a inundação as comunidades organizam-se na utilização de embarcações e canoas para trocarem produtos e outros serviços entre si. Enquanto na vazante, o rio Amazonas renova as terras que serão plantadas no próximo ciclo, ou mesmo servirão de pasto para a criação de animais (CARDOSO, 2023). Houve um importante ciclo econômico na várzea, relacionado a produção da juta (*Corchorus capsularis*) (DOS SANTOS e DE CARVALHO, 2015; DOS SANTOS, 2018) e de sua fibra para a confecção de sacas para o acondicionamento de cereais. Durante este período uma importante associação em Santarém foi a Tecejuta (TRISTAN, 2022).

No período da seca, os varzeiros usam terçados que são instrumentos semelhantes a um facão e servem para *bosquear*⁴¹ o mato e facilitar o uso da enxada para a plantação da lavoura. Esta ferramenta também foi utilizada para a colheita da juta. O sol constante da região norte e que se intensifica durante o verão amazônico, que vai de julho até novembro de cada ano, força os varzeiros a usarem largos chapéus de palha para proteger dos raios solares.

Não somente como ferramenta de trabalho e sobrevivência, Santos (2019) pensa o terçado como objeto de poder entre os pescadores varzeiros. Uma extensão do corpo que pode ser utilizado para proteção, como a arma de um herói

⁴⁰ Farinha produzida na várzea cujos grãos são maiores que os facilmente encontráveis nas feiras das cidades amazônicas.

⁴¹ Ato de derrubar com terçado o mato rasteiro, preservando as árvores altas e médias.

mítico. Mesmo este herói mítico dos rios e várzeas possui uma vestimenta condizente com seu espaço de sociabilidade.

Então percebi que o terçado é um objeto de poder e ao mesmo tempo de proteção também e que ele está incorporado, de certa forma ao corpo do pescador. Fiquei a imaginar o pescador como um herói mítico, pois todo herói possui uma arma, e a do pescador é o terçado (SANTOS, 2019, p. 77).

Roupas simples geralmente feitas de algodão, hoje mais comum o uso de roupas de malha, bermuda, sandália ou bota de borracha; mulheres usam vestidos ou calças de brim, chapéu de palha, camisas de manga longa, terçado. Sendo assim, o terçado é um instrumento fundamental para a vida cotidiana na várzea porque abrem caminhos onde o mato cresce; também para proteger de possíveis predadores e répteis, como jararaca do norte (*Bothrops atrox*), surucucu (*Lachesis muta*) ou cascavel (*Crotalus durissus*).

A produção econômica varzeira é compreendida pela divisão social de gênero, distribuindo papéis para homens e mulheres, a princípio. Aos homens cabe a tarefa da lavoura, abrir caminhos, cuidar da criação do gado, levar a produção de cereais e frutas para a venda nos beiradões do rio ou até mesmo viajar de *bajaras*⁴² para Santarém, onde tem o público consumidor. As mulheres dedicam-se ao trato do peixe, ao cuidado das lavouras suspensas (canteiros), criação das crianças e também ajudar na atividade pesqueira.

A criação de pirarucus (*Arapaima gigas*) em lagos naturais tem sido importante gerador de renda para o varzeiro, o que força a coesão social e a colaboração coletiva para que se evite a entrada de invasores nos lagos (FERREIRA, 2020; FERREIRA e DA SILVA, 2018). A dieta alimentar do varzeiro é rica em nutrientes, pois o tambaqui, o acari, o tucunaré, o tracajá e pequenas aves são opções à mesa, sempre acompanhadas de farinha *baguda* e caldos. O arroz plantado nas baixadas e furos é fundamental na construção do prato varzeiro. Banana, jerimum, laranja, bacuri da várzea são as frutas mais comuns. Em algumas comunidades possuem plantio de laranja, o que gera muitos conflitos no período da cheia por dificultar a armação de malhadeiras e o uso de tarrafas (SILVA; FERREIRA, 2018).

⁴² Embarcações típicas das regiões de várzea. São motorizadas e tem cobertura para proteção do sol.

Politicamente, os varzeiros têm alcançado conquistas ao longo do século XX e XXI, muito embora essa população tenha tido protagonismo na Revolta Cabana no século XIX (1831 - 1840) (REIS, 1962). O papel da Igreja Católica como mobilizadora e facilitadora na construção de lideranças locais é um dado a ser pontuado, relevante nas lutas sociais entre os anos 70 e 80, através de Pastorais da Pesca. Os arranjos institucionais da Igreja Católica, instituições públicas, Colônias de pescadores e acordos políticos com lideranças regionais e estaduais têm tornado possível a vida dessas populações fora da cidade e trabalhando para a cidade. Nesse período estima-se que as práticas homoeróticas eram quase que impossíveis, forçando a saída desses indivíduos para grandes centros como Manaus e Belém, para que a família jamais soubesse a respeito de suas relações sexuais e afetivas.

É preciso pontuar que ainda hoje falar de sexualidades fora do modelo heteronormativo em contexto varzeiro é um tabu. Práticas homoeróticas são tecidas, mas em completa discrição e distante do olhar de todos. A entrada a partir dos anos dois mil das igrejas neopentecostais nessas comunidades varzeiras resultou num enfraquecimento institucional da Igreja Católica. A repressão sexual e do prazer são a tônica dessas filiações religiosas, não que na católica não existisse; apenas se adensou e impôs limites quase físicos. A masculinidade é enaltecida e a sexualidade é vista sob o ponto de vista biológico reprodutivo, copular para dar continuidade genética do casal. O sexo fortuito é visto como indesejado e recai sobre a mulher a repressão e julgamento, parte constitutiva de uma sociedade machista e fundamentalista da leitura da Bíblia. Mas essa repressão é apenas uma fachada para que se torne possível viver num grupo social reduzido e em que todos se conhecem. Com o avançar da noite e a limitação da disponibilidade de energia elétrica até às dez da noite, tudo pode acontecer. E acontece.

As rupturas, as incongruências, os paradoxos e as filiações são características nodais das relações sociais, e na várzea não seria diferente. Ao mesmo tempo em que estes sujeitos criam uma fachada moral alicerçada na Bíblia, práticas sociais que as contradizem são igualmente distribuídas e vividas. Isso também pode ser estendido ao mundo das cosmogonias e crenças anteriores à chegada do invasor. A crença na existência dos encantados, das misturas - os denominados fantasmas ou *eguns*⁴³, no candomblé, na umbanda e no tambor de

⁴³ Espíritos de mortos.

mina - dos povos dos fundos e na panema⁴⁴ são parte do sistema sociocultural da vida do varzeiro e ela persiste apesar do processo de catolicização e evangelização. Na mesma mesa pairam a Bíblia e o fumo para os encantados.

Os mitos e as lendas fazem parte das culturas amazônicas, interferindo na formação de sua identidade, na sua cultura, nos seus modos de ver e viver a vida. Eles são apresentados como uma tentativa de explicar a realidade, como resposta e explicação da origem do mundo, ou então explicar o que não é explicável, como os mistérios da floresta, das águas, ou o que é reproduzido através de cerimônias religiosas, que por sua vez, mantêm vivo o mito, dentro dessa visão (SANTOS, 2019, p.67).

Nesse sentido, o modo de ver e sentir o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa e os diferentes comportamentos sociais são produtos da herança cultural do homem amazônida, ou seja, são o resultado da operação de uma determinada cultura. Nesse sentido, é preciso entender essa cultura amazônida como sistema de símbolos e significados, que as regras sobre relações e modos de comportamentos (SANTOS, 2019, p. 69).

Os varzeiros têm profunda crença na existência dos botos. Não o boto, o mamífero aquático, mas o ser encantado que é um ser-síntese desse entrelaçamento entre humanos e não-humanos. Têm o boto cor-de-rosa e o boto tucuxi (cinza) que representam duas formas simbólicas de vida, a dualidade do bem e do mal. Geralmente o boto sai do lago na noite de lua e vai em busca de uma mulher para encantá-la e engravidá-la.

As narrativas sobre as visagens na Amazônia são compreendidas como um lugar privilegiado de análise da vida social da comunidade e de sua relação com suas terras, e principalmente com o rio. Elas estão diretamente associadas ao universo das assombrosas aparições e das histórias do tempo da Cabanagem, os comunitários remetem essas aparições aos espíritos cabanos, o caso do fogo que aparece misteriosamente (SANTOS, p. 72-73).

O filho dele terá essa dualidade terra-água e será perseguido pelo “pai”, que mora no lago. Alho, arruda e outras encantarias são usadas para afastar o boto de mulheres menstruadas ou em idade sexual. Mas não somente o boto homem sai do rio para encantar as mulheres. Os pescadores da várzea relatam que existem as botas que os encantam quando estão a pescar no lago e acordam desnudos e saciados sexualmente. Sendo assim, o boto simbolicamente representa a dualidade, a ambiguidade, a sexualidade bissexuada.

⁴⁴ Adoecimento ou falta de sorte ocasionada pelo mau olhado de pescador.

Sendo essa também uma condição de interdito, nesse caso entre o homem (ser racional) com o animal (fêmea do boto), pois para o ato sexual acontecer, a Bota não precisa se transformar em mulher, este é realizado na forma de animal, e logo em seguida ao ato, a bota é morta pelo homem que lhe deu prazer, impedindo assim que a história se espalhe, ou impedindo a concepção e sucessão da espécie (SANTOS, p. 156).

O antropólogo Maurice Godelier (1981) informa que as relações que os humanos estabelecem com a natureza são de natureza material e invisível. A crença nas relações simbólicas com a floresta, o rio, a montanha faz com que as práticas socioculturais sejam encetadas por um feixe de relações complexo e dialogal. As sociedades humanas têm a capacidade de simbolizar o mundo exterior através de uma linguagem peculiar, que é a sígnica. As árvores não são apenas árvores; os lagos não são apenas lagos. O vento não é apenas uma condição física do tempo. São mais que isso. São interferência de uma vontade ou interesse de seres invisíveis que tornam as coisas mais do que são.

A cognição dos pescadores e pescadoras são construídos ao longo da relação temporal-espacial para poder controlar e dominar o espaço não apenas fisicamente, mas simbolicamente. O território não é apenas uma dimensão física, dada; ele encarna o *habitat* e o lugar onde habitam os encantados (ALMEIDA, 2021). Estudos como o de Mauro Almeida têm apontado que a estrutura social da crença nos encantados é um forte elemento de preservação dos estoques naturais e uma forma sofisticada de manter e assegurar caça e recursos pesqueiros para os anos seguintes. As normas, as regras sociais e os interditos são parte de uma totalidade que torna a gestão ambiental e o manejo dos recursos viável do ponto de vista vivencial.

A observação da lua, a subida das águas, dos comportamentos alimentares e comportamentos físicos dos peixes, os sons da natureza revelam a maneira desses povos se relacionarem com a natureza, dessa forma eles conseguem identificar cardumes, identificar os pirarucus fêmeas, dos machos, que tipo de frutos cada peixe come, e assim por diante. Além de terem uma audição apurada, pois eles conseguem identificar os peixes através do som que eles fazem quando estão se alimentando. Somente uma experiência de vida que faz com que os pescadores se relacionem desse modo com a natureza (SANTOS: 2019, p. 160)

Os seres do fundo representam uma categoria social distinta que habita o fundo do rio e que raramente entra em contato com os humanos. Dizem os varzeiros

que há uma cidade encantada no fundo do rio e dos lagos e que certos sujeitos são encantados e levados para lá e nunca mais são vistos pela comunidade. Viraram encantados (JÈROME; SILVA, 2020). Esses sujeitos não são considerados mortos, mas foram escolhidos pelos povos do fundo por uma razão que atravessa merecimento e pertencimento àquele povo.

Na cultura varzeira também tem a crença nos *engerados* que são sujeitos que vivem na comunidade, está na condição de vizinho e que na noite de lua se transforma em porco, cachorro ou outro bicho. Essas pessoas são temidas e vistas como estranhas e de hábitos incomuns. Geralmente esses animais engerados são vistos nas lavouras, nas estradas de piçarras, ou mesmo na beira do rio. Podem atacar, ferir. Creem os varzeiros que o feitiço só é rompido caso atire no animal-pessoa. Para Wawzyniak (2003), o engeramento pode fornecer a chave para compreender as representações de pessoa, saúde e corpo dessa população e seu significado será buscado no interior de um sistema cosmológico que postula a permutabilidade dos seres entre si – homens e animais.

Ser varzeiro expressa um modo de ser e estar no mundo. Ou mundos, no plural. É a resiliência e persistência para viver num território seco-molhado, são seres anfíbios. Vivem na água e na terra. Esse modo de ser e estar no mundo pode ser pensado como uma forma de vida simples, cuja cadeia produtiva visa a manutenção da vida e a permanência no território. Há sempre o risco de terras caídas, resultado da força das correntes fluviais que derrubam barrancos e podem carregar consigo casas e animais. É nesse contexto sociocultural que Rawi se inspira e bebe da água para cantar e expressar sua identidade *queer*. Fala, comunica-se com o mundo, a partir do lugar que *está*: a Amazônia.

Ser um sujeito politicamente engajado no interior da Amazônia

As formas que a luta política LGBTQIAPN+ se desenvolve é tão plural quanto qualquer outra, múltipla como seus atores sociais. Cada sujeito tem suas formas de conduzir a sua luta, seus valores e teorias sobre como enfrentaremos os sistemas de opressão e as instituições que dão materialidade às violências materiais e subjetivas que nos são impostas.

Ser um ativista político na amazônia, ou como chamei ao longo deste trabalho um sujeito *Queer* amazônida, é ao mesmo tempo estar politicamente engajado nas questões da comunidade LGBTQIAPN+ mas ao mesmo tempo

acompanhar e participar das lutas sociais pela preservação da floresta, mas não somente das árvores, a biodiversidade animal e cultural deste território é altamente complexa e variada. Muito dificilmente um sujeito desta região irá se identificar apenas com uma pauta política, mas isso não quer dizer que não haja desengajamento.

Dentro da comunidade LGBTQIAPN+, o dissenso sobre as pautas do movimento é facilmente perceptível quando se discute o que são famílias, por exemplo. Muitos integrantes do grupo discordam da possibilidade de pensarmos outras possibilidades e arranjos familiares que não sejam meras imitações do que o sistema capitalista cisgênero heteronormativo nos apresenta. As discordâncias teóricas de visões sobre o movimento abrangem desde as letras da sigla até o nome das atividades, enquanto uns lutam para que a Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ seja vista como um movimento coletivo, ainda há quem teime em chamá-la de Parada Gay. Quanto mais dentro do movimento estamos, mais percebemos essas dissidências políticas e as disputas que surgem pelo controle da pauta.

No cenário amazônico, mais especificamente no cenário político santareno, não é diferente. Enquanto movimento social progressista, ainda temos muito que melhorar no que diz respeito a entender nossas lutas e quem são nossos aliados. Uma discordância metodológica não pode ser motivo para dividirmos os movimentos em subnúcleos e assim enfraquecemos a mobilização política do todo. Mas infelizmente, é o que comumente acontece por aqui. Em uma cidade de médio porte como Santarém, você acaba por esbarrar em todos os agentes sociais em algum momento, o que facilita o “cancelamento” de um sujeito dissidente.

Assim, a biografia errática, aquela que se transforma e se ressignifica a todo momento é uma constância a quem tenta sobreviver no meio da militância política santarena. Saber modular o discurso, entregar o que esperam de você nos momentos oportunos, assim como a forma de agir e se portar em determinados espaços, é uma tática de sobrevivência em uma sociedade interiorana de poucas oportunidades formais de trabalho, onde o “quem indica” é mais importante que as suas qualificações.

É preciso que todos nós, enquanto sujeitos ativos nesta luta, tenhamos noção das violências que reproduzimos para com os outros membros dos nossos coletivos. Mesmo que isso pareça fazer parte de um campo utópico, onde todos sejamos capazes de despertar consciência de nossos privilégios e dos pontos onde

devemos continuar trabalhando para aprimorar não somente a nossa própria subjetividade, mas também o trato com a luta coletiva. Este passo da melhoria é um passo largo em direção a construção de uma organização política que pense diretamente sobre o coletivo e pouco pense nos privilégios e ganhos próprios.

Pensar coletivamente talvez possa partir da possibilidade de pensar espaços de acolhimento verdadeiro, onde os sujeitos possam narrar suas histórias de vida, luta, sofrimento, alegrias. Compartilhando experiências tanto positivas quanto negativas, a fim de por meio do sentido de coletividade e igualdade pensar a luta pelo direito de existir de forma mais acolhedora e talvez livres da categorização hierárquica onde uns são mais dignos de reconhecimento que outros.

Essa possibilidade de construção de uma luta que seja capaz de acolher os seus militantes, ainda que dentro das possibilidades do movimento, é pensada a partir da perspectiva de construção colaborativa da carreira artística de Rawi. Enquanto sujeito individual, ele seria facilmente subjugado pelo sistema que nos oprime, mas com a rede de apoio que construiu com seus companheiros de luta e vida, a possibilidade de continuar ativo artística e politicamente foi aberta.

Em junho de 2023, Rawi foi premiado como Artista Revelação do Prêmio Amazônia de Música⁴⁵ na capital do estado, Belém. Ao discursar sobre a premiação, lembrou das pessoas que o apoiaram ao longo da trajetória até ali e da importância que esta rede de afetos teve no desenvolvimento de seu trabalho. Sejam os seus fãs, seja sua mãe, ou os amigos artistas que ele cativou ao longo da trajetória.

A proposta de um *queer* amazônida que deixo aqui, é a de se pensar coletivamente todas as pautas e lutas políticas que envolvem a região, desde as questões territoriais, étnicas, raciais, feministas e etc. Pensar proposições que partam da vivência amazônica e do senso de pertencimento coletivo, de um espaço múltiplo. Onde as discordâncias pontuais dentro do movimento sejam vistas como meras potencialidades de se pensar dialeticamente os caminhos a serem seguidos e não de se segmentar o movimento ainda mais enfraquecendo assim as suas possibilidades de luta e incentivando a violência contra nós mesmos.

Pensar no bem coletivo, talvez seja a forma de propor uma decolonialidade que seja capaz de descentralizar a figura da luta do entorno de um líder. Mas sermos capazes de nos entendermos como sujeitos de agência e

⁴⁵O prêmio de Rawi foi notícia no portal G1, e pode ser lida neste link: [Santareno Rawi é o 'Artista Revelação' do Prêmio Amazônia de Música | Santarém e Região | G1](#)

resistência para além do discurso esvaziado e capazes de propor ações que tenham realmente impacto nas lutas da região e dos povos que habitam nela.

Penso que a proposta deste movimento *queer* amazônico a partir de um pensamento coletivo, é a busca pelo ressurgimento do sentimento de comunidade e coletividade. A partir do acolhimento, reconhecimento do outro como humano e da tentativa de entender as complexidades das múltiplas identidades cabíveis dentro da sigla LGBTQIAPN+, retomar os sentidos de resistência como proposição de trabalhos ativos de combate a discriminação e de repensar as estruturas fundamentais de uma sociedade patriarcal e violenta.

Resgatar ainda a noção de empoderamento, não como a ideia esvaziada de que protagonismo individual e obtenção de poder para uma única pessoa, e está simbolizar uma vitória para todo um coletivo. Mas sim, como a teoria social ligada ao trabalho de desenvolver e recuperar as potencialidades de sujeitos que foram vitimados durante toda uma vida pelos sistemas opressores. (BERTH, [2019](#)) Empoderar sujeitos como a proposição de um resgate não somente intelectual e material, através da capacitação e permitir o acesso destes sujeitos a tudo que se proponha a fomentar a emancipação e sua transformação em sujeitos ativos politicamente.

Principais dificuldades encontradas: nem tudo é purpurina

Antes mesmo da entrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade na UFOPA, ao qual me encontro vinculado enquanto redijo esta dissertação, sempre me questioneei sobre como este tópico seria construído dentro do trabalho. Em todas as leituras dos trabalhos mais conhecidos da antropologia, principalmente os com caráter etnográfico, sempre fiquei curioso sobre os momentos de dificuldades enfrentados pelos pesquisadores que não apareciam nos seus textos, mas faziam parte das páginas de seus diários de campo. Nunca cogitei a possibilidade de fingir que este processo de escrita foi acompanhado das “mil maravilhas” mas tampouco imaginei as questões que tive que lidar durante sua elaboração e ainda lidarei ao longo de toda uma jornada acadêmica.

O primeiro momento de encontro com as disciplinas que constituem a grade curricular do programa me foram bem distintos, sei que dizem que devemos sempre consultar o programa antes de nos matricularmos e tudo o mais, mas que

fique aqui salientado que não tive essa atenção. Meu ponto principal na hora de escolher o PPGCS como o programa de pós-graduação ao qual eu iria concorrer a vaga foi o fato dele estar situado na minha cidade e eu não ter condições financeiras de me manter em outra. Aqui está localizado o trabalho do meu marido que está junto comigo desde 2012, o Instituto Federal ao qual meu segundo marido estava vinculado cursando Técnico em Guia de Turismo. Minha família tanto biológica quanto afetiva, meus amigos e meus clientes do trabalho informal que exerço como técnico de informática. Sair de Santarém, definitivamente não estava dentro das minhas possibilidades.

Voltemos às disciplinas da grade curricular do programa⁴⁶, até o final de 2022, a mesma é constituída por: metodologia de pesquisa científica; seminário de pesquisa; saberes locais, espaços naturais e processos produtivos: diálogos entre teoria e práticas sociais; técnicas instrumentais de caracterização arqueométrica; economia e gestão dos recursos naturais; direitos humanos socioambientais; direitos humanos e gestão alternativa de conflitos; etnografia; planejamento, finanças públicas e desenvolvimento econômico; antropologia da natureza; direitos humanos do consumo e sustentabilidade; estatística aplicada às ciências sociais; geoarqueologia e biomarcadores; economia do crime: teoria e prática; gestão e ordenamento territorial.

Em sua maioria disciplinas voltadas ou para pessoas graduadas em Direito, sendo que o quadro de docentes do programa todos os semestres antes do início das aulas decide quais as matérias que serão ofertadas e por quais professores. Havendo a possibilidade de alguma destas passar o ano sem ser ofertada por falta de interesse tanto do corpo docente como discente do programa. Esse fato por si só, já é algo que atrapalha o desenvolvimento da pesquisa em seu período inicial, onde quase sempre nos dedicamos ao levantamento bibliográfico e aumento do nosso referencial teórico enquanto pesquisadores, uma vez que precisamos dedicar grande parte do tempo dos dois primeiros semestres a leitura e produção dos trabalhos para estas matérias.

Em meio a estas dificuldades de conseguir organizar o tempo entre a vida pessoal, os estudos para as matérias, escritas de artigos que acabaram ou engavetados ou deletados em algum momento, algumas crises de ansiedade e

⁴⁶ A grade curricular do PPGCS pode ser consultada no [site do programa](#) vinculado ao portal da Universidade Federal do Oeste do Pará.

síndrome do impostor. Outro caso atravessou meu caminho nessa jornada enquanto pesquisador mestrando, descubro um caso grave de saúde envolvendo meu núcleo familiar e por consequência acabei descobrindo que minha saúde física não era tão diferente da mental. Colesterol em níveis alarmantes que segundo o enfermeiro poderiam me levar a um infarto por níveis de stress, coisa bem comum na pós graduação, inflamação no fígado nível três, talvez ocasionada pela infecção de Covid-19 que me ocorreu próximo ao início das vacinações. Vale ressaltar que os dois primeiros semestres da pós-graduação ocorreram ainda em regime *online* devido a pandemia e este também é um fato importante a se levar em consideração quando pensamos no aproveitamento das disciplinas. Enfim, descobri que a idade havia chegado para cobrar meu sedentarismo que desde o ensino médio tomou conta do meu padrão físico.

Então começo uma nova jornada, acordar cedo para ir para a fila do posto de saúde a fim de conseguir realizar os exames, procurar atividades físicas que se tornassem prazerosas para que não as abandonasse com o tempo, mudar alimentação. Tudo isso enquanto lidava com os trabalhos da pós, um psicológico extremamente fragilizado com a gravidade de tudo que estava ocorrendo ao meu redor, a cobrança pessoal, acadêmica e social sobre ser produtivo na mesma lógica capitalista. Onde todo o meu trabalho e esforço deve ser materializado em algum produto que aqueles acima de mim possam tocar e tirar algum valor. Não sobrando tanto espaço para os cuidados pessoais, um tanto quanto desesperador perceber que neste processo produtivo, a subjetividade e o auto-cuidado são sempre colocados em segundo plano, sejam nas relações de trabalho, ou mesmo na relação que desenvolvemos com nós mesmos e interiorizamos através das palavras que nos são repetidas a todo momento pelo meio ao qual estamos inseridos.

Por quê coloco a questão do dialeto como importante nestas cobranças em busca da produtividade capitalista, onde o eu sempre é contraposto ao ritmo de produção do outro e surge sempre esta disputa pela produção incessante e que não possibilita necessariamente a emancipação do trabalhador / pesquisador? Porque a linguagem é a que cria sentidos e significados, através da sua reafirmação histórica entre os indivíduos (FRIGOTTO e CIAVATTA, [2003](#)), que vão apreendendo esses sentidos e então através destas relações subjetivas e intersubjetivas vão fortificando a sensação de que o tempo de pausa para o autocuidado é um tempo “improdutivo”. Mas não seria a saúde e o bem estar como resultado deste momento, um produto

gerador de valor para o indivíduo adoecido? Ao sujeito trabalhador, base da relação de poder estabelecida no processo produtivo, sobra sempre o mínimo daquilo que ele produz, neste caso um número ou dado em um lattes, seria então negativa a possibilidade de produzir algo a mais do que o necessário para si?

Ao comunicar a minha orientadora da época, recebi alguns comentários inapropriados, mas que foram desconsiderados a primeiro momento devido à proximidade de relações, não somente profissionais mas também pessoais. Deixei de lado um orgulho ferido e abalado pelo psicológico fragilizado e não consegui perceber naquelas palavras o que hoje nomeio como heteronormatividade compulsória, um rastro das imposições sociais colocadas aos sujeitos LGBTQIAPN+ para serem seguidas em troca de alguns direitos como o reconhecimento de sua subjetividade moldada pelos padrões heterossexuais, como monogamia compulsoria, pudor sexual e demais controles sobre a vida sexual, afetiva, psicológica e social dos sujeitos que acabam sobre sua subjugação.

Há também neste atrito, mais um exemplo da reafirmação social do sujeito no encontro entre a sua subjetividade e a subjetividade do outro. Onde deveria haver acolhimento e reconhecimento de minha humanidade, houve a contraposição entre o que eu sou e quero ser e o que a sociedade espera que um sujeito como eu seja. E nesta relação intersubjetiva, houve um atrito de resistência entre o que se esperava e o que se recebeu. Deste atrito, surgiu uma nova consciência sobre as relações estabelecidas no espaço universitário, uma vez que este local é um micro reflexo da sociedade como um todo, não é possível estabelecer um relação de igualdade onde os sujeitos são hierarquizados sobre as lógicas do poder dominante.

Mais tarde, recebi o acolhimento do Professor Miguel Aparício, na época coordenador do PPGCS, o mesmo recebeu com empatia minhas colocações e me ofereceu as opções possíveis diante o regulamento da pós-graduação. Sendo a mais viável, tirar uma licença de 6 meses para cuidar exclusivamente da minha saúde, o que não foi de meu agrado, uma vez que a licença me obrigaria a abandonar as matérias em curso no semestre e teria de voltar a fazê-las posteriormente, implicando ainda no aumento da duração dos estudos pelos mesmos 6 meses, só que sem nenhuma remuneração.

Em meio a tantos processos e sofrimentos, decidi então que, para não abandonar a pós-graduação, dedicaria meu tempo exclusivamente aos trabalhos e

estudos das matérias e ao cuidado com minha saúde. Algumas motivações foram importantes para esta decisão, primeiro porque não teria condições financeiras nenhuma para devolver as bolsas de estudos que já havia recebido até aquele momento. Segundo, se por qualquer motivo que seja, eu chegasse a falecer ou adoecesse em níveis mais graves não teria a menor possibilidade de terminar o mestrado. Terceiro, a cadeira de mestrando era e é minha, muito me desanima ter tido esses pensamentos, em meio às dificuldades, de desistir e abandonar algo que pessoas como eu lutam para conseguir. Terminar o mestrado e lutar para alcançar locais de poder e assim transformar a academia é uma luta coletiva, por mais que eu tenha pensado em tudo isso sozinho, às vezes dividindo este pensamento com meus maridos ou amigos, eu sempre tive noção do que queria com este título.

Acertados sobre os passos que eu tomei a partir dali, houve novos desencontros. Mesmo a orientadora sabendo de todos os meus processos e então tendo deixado a escrita da dissertação de lado durante aquele semestre, ao fim dele me foi cobrada uma produção ao qual não tive dedicação e orientação alguma. Afinal, estava totalmente focado nos cuidados com a saúde e tentando não reprovar nas matérias.

Em minha última reunião com a orientadora anterior, me foram prometidos referenciais que nunca chegaram, e devido a sua ausência constante somada a outros fatores que não documentarei aqui, decidi então que era hora de uma última conversa franca, sobre todos os problemas relatados e a necessidade de substituição de orientação. A relação distanciada que se fez do começo da pandemia até meados de setembro de 2022, não estava funcionando para mim. E antes que me causasse mais problemas além dos psicológicos e morais, decidi terminar esta relação de trabalho, com muitas dificuldades e demora para conseguir marcar outra reunião oficial, acabei encerrando esta relação por ligação telefônica, depois de vários desentendimentos, falas atravessadas e uma comunicação muito mal estabelecida. As consequências disso? Mais problemas psicológicos, mais síndromes do impostor, relações de amizade que não tinham ligação nenhuma com a relação profissional que se findava, e todas as demais consequências de ser “cancelado” pela militância da qual eu fazia - ou pelo menos achava que fazia - parte.

Passado este momento de turbulências profissionais e emocionais, há o reencontro com o professor Rubens Elias, com quem já havia tido aula durante a

graduação em Antropologia. Nesse período estagiei com o presente orientador como monitor do Laboratório de Ensino do Instituto de Ciências da Sociedade. Rubens se demonstrou interessado em minha pesquisa desde o momento que a apresentei para ele durante a matéria de "Seminários de Pesquisa" no segundo semestre do mestrado, suas dicas e conselhos foram imprescindíveis para melhor formulação daquilo que seria a evolução do meu projeto de pesquisa até chegar aqui. Informado sobre minha necessidade de nova orientação, ele se dispôs a dar continuidade na mesma, e encarar este desafio comigo. Os prazos estavam cada vez mais apertados e devido às dificuldades o desenvolvimento deste material também estava atrasado. Havia apenas rascunhado o esqueleto deste trabalho com ajuda de Rubens Elias - que atualmente é meu orientador - tomando algumas notas sobre possíveis referenciais teóricos, quais caminhos possíveis de se traçar com a pesquisa.

A partir do primeiro encontro com Rubens, passei a observar como se constitui uma relação de orientação verdadeiramente dedicada. Os problemas materiais como acesso à gravador, câmera fotográfica e demais necessidades que que surgiam eram comunicadas e solucionadas de maneira coletiva. Ter um orientador constantemente lendo o texto produzido, fazendo sugestões de leitura e correções necessárias parecia um mundo completamente diferente do que me era tido como "normal".

A todo momento uma voz ansiosa e insegura comparava as duas experiências e ficava se questionando os motivos por serem tão distintas, por um lado havia um processo solitário e de abandono que constantemente demandava produção de conhecimentos sem discussões sobre o tema. E do outro um acompanhamento presente, que sabia ao mesmo tempo dar espaço para as necessidades que as crises de ansiedade exigiam de mim. Crises essas que foram diminuindo ao longo de debates que foram possibilitados pela ampliação que fizemos da biblioteca do Núcleo e a criação de uma nova normalidade dentro da relação de orientação.

Fazer uma escolha conjunta com Rubens de quais livros deveriam estar no acervo do grupo me possibilitou ter mais autoconfiança sobre meus conhecimentos dentro dos estudos de gênero. Além disso, me fez sentir mais parte do grupo. Agora entendo um pouco melhor as possibilidades e como funciona um

núcleo de pesquisa que se apoia e se propõe a debater a temática de todos. Pude então usufruir da sala do núcleo, onde por longas tardes e noites produzimos.

Todo este processo, ajudou na reconstrução de uma autoestima que se esfacelou durante o primeiro ano de curso e orientação deficiente e ausente. Diria mais, comparando aos momentos que vieram após a substituição, nunca houve orientação no sentido capacitador e estimulante das potencialidades dos alunos. Todas as limitações que possuía tomaram proporções enormes em minha vida, uma vez que não conseguia entender como que eu havia chegado até o mestrado, mas não conseguia escrever sobre meu tema, receita perfeita para o aumento da síndrome do impostor que havia se instalado em mim.

Neste processo construtivo de uma relação de trabalho, há ainda um encontro de subjetividades. Rubens é também um homem negro homossexual, e foi capaz de me fornecer o acolhimento necessário que, junto com horas e mais horas de terapia, reconstituíram minha vontade de dar continuidade aos estudos. Passamos então a desenvolver vários projetos paralelos ao desenvolvimento desta pesquisa, sendo um deles o documentário “Da vida das plantas”⁴⁷, disponível no canal do *Youtube* do NUPEAM (Núcleo de Pesquisa Socioambiental dos Recursos Hídricos e Pesqueiros da Amazônia), cadastrado no CNPQ e com a coordenação do meu orientador. O respeito e a reciprocidade nas questões pessoais e profissionais foram coisas que jamais esquecerei ao longo de toda minha trajetória enquanto pesquisador.

Dentre todos os trabalhos que submetemos pelo Núcleo, gostaria de destacar a produção de um relatório de conflitos nas comunidades da Floresta Nacional do Tapajós e a publicação de dois livros frutos de um Projeto de Extensão que Rubens já estava desenvolvendo com alunos de graduação do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Ambientais e que pude colaborar ao longo do desenvolvimento dos textos e idas a campo.

E por falar em campo, durante o processo de delimitação do que seria este “campo” onde realizei a pesquisa, a principal dúvida que não me abandonava era: quando e onde eu deveria estar acompanhando Rawi? Meus amigos sempre compartilhavam as divulgações de suas apresentações comigo, mas nem todas eram possíveis de eu estar presente. A primeira foi sua apresentação durante o

⁴⁷ O documentário pode ser assistido no link <https://youtu.be/9pKaTxAwRok>, tendo aproximadamente 13 minutos de duração.

Sairé 2022, não tinha dinheiro para custear a gasolina para ir de Santarém até Alter do Chão, aproximadamente 36 km de distância. Entendo que em teoria, o dinheiro que recebi da bolsa FAPESPA é destinado ao custeio das despesas do desenvolvimento desta pesquisa, mas como pessoa negra, desde o começo de minha vida acadêmica, as bolsas de estudo sempre serviram e continuam servindo para minha sobrevivência, como aluguel, supermercado, conta de energia e etc. Além dos custos de se manter na universidade. Inúmeras foram as vezes que ouvi questionamentos de meus pares sobre o destino de minha bolsa, como por exemplo quando relatei sobre o uso de meu telefone pessoal como gravador para as entrevistas, "cadê tua bolsa? porque você não compra o gravador X, Y, Z ?" Gravadores que chegavam a custar o valor de dois meses da bolsa de mestrado.

Esta questão da aproximação é algo recorrente nas pesquisas urbanas de antropologia, ao mesmo tempo que estamos próximos do "objeto", estamos distante materialmente dele. Alguns espaços necessitam de mais aporte financeiro para serem acessados, outros de transportes particulares uma vez que o transporte público em Santarém é debilitado. Mesmo tão próximos, há sempre um universo inteiro de questões e problemas sociais que dificultam a realização de um trabalho amplo e dedicado, nas páginas clássicas, pouco se fala sobre os financiadores dos grandes trabalhos.

Todas as situações relatadas até aqui, impactaram na minha saúde mental, e nos questionamentos que levantava a mim mesmo sobre minhas capacidades enquanto pesquisador e cientista social. Há um local de questionamento relegado às pessoas negras, que é fruto de uma sociedade racista como a brasileira, um local de solidão e visão negativa de si mesmo que gera sofrimento e adoecimento (BERNARDO e TOZATTO, [2022](#)). Adoecimentos que só podem ser amenizados através da busca por tratamento e acompanhamento psicológico com pessoas que entendem das questões raciais impostas sobre corpos negros. A sensação de não pertencimento ao espaço acadêmico, a incapacidade de produzir ciência e a solidão em meio ao processo de escrita são coisas comuns aos pesquisadores negros, e a partir de alguns pontos de violência material e simbólica, são acionados os mecanismos internalizados do racismo na subjetividade que nos jogam em um imenso poço de sofrimento social.

Por ter passado momentos parecidos durante a escrita de meu TCC, tive forças necessárias para buscar ajuda, e sabia exatamente onde procurá-la. Me

inscrevi para participar de sessões de terapia com os acadêmicos de Psicologia da Fundação Esperança, instituição vinculada ao Instituto Esperança de Ensino Superior - [IESPES](#), onde fiz terapia durante a escrita de meu trabalho de conclusão de curso. Vale ressaltar que, se tivesse tido acompanhamento psicológico ao longo da graduação, acredito que teria tido uma jornada bem distinta, sabendo desta possibilidade ao longo dos 5 anos de curso.

Fica aqui também uma crítica à UFOPA enquanto instituição que se diz zelar pela saúde mental de todas as pessoas que fazem parte dela. Deve urgentemente construir uma parceria ativa com instituições de psicologia e psiquiatria, sejam elas acadêmicas ou não seriam de grande ajuda na manutenção do bem estar de todos. Uma vez que os psicólogos vinculados a ela não são capazes de suprir toda a demanda da universidade.

Fazendo a escrita destes momentos, e trazendo dentro das minhas possibilidades os relatos de forma ética e sem exposições desnecessárias dos maiores detalhes destes “entraves”, me sinto como Ruth Landes ([2002](#)) ao descobrir que seus calçados não se dariam bem nas ladeiras de uma Salvador coberta de calçadas de pedra, nos momentos em que ela sentava-se para escrever e nos relata as situações de ser uma mulher independente em um Brasil ditatorial e machista. Só que em 2023, momento em que sento aqui assim como ela, e tento traduzir minimamente as dificuldades que um corpo negro passa dentro da academia para conquistar um diploma de mestrado e produzir esta dissertação.

Mesmo que meu campo não envolva um território estrangeiro, o aprendizado de outra língua, o distanciamento da universidade ao qual estou vinculado, distanciamento familiar e todas as outras questões que os mais diversos campos da antropologia fazem aparecer ao longo do desenvolvimento de pesquisas com cunho etnográfico. Jamais imaginei que todas estas questões apareceriam, de forma que não acho justo comigo e com todos aqueles que venham a ler este trabalho, omitir ou mesmo tentar disfarçar as dificuldades encontradas até aqui. A universidade como um todo, seu corpo docente, discente e administrativo, assim como suas unidades físicas precisa se transformar. Entender que não mais é constituída por pessoas de uma casta social elevada, que não tem nenhuma outra preocupação na vida a não ser a de produzir, cumprir os prazos e finalizar o mestrado, ou seja lá qual for a jornada empreendida dentro deste espaço

acadêmico. Tão pouco alimentar e manter viva a ideia de que toda a trajetória acadêmica é um mar de rosas.

Pessoas reais, com problemas reais atravessam todos os dias os caminhos das universidades, sejam LGBTQIA+, sejam mulheres cis e trans, pessoas negras que enfrentam diariamente o racismo estrutural (ALMEIDA, [2019](#)), dificuldades financeiras, psicológicas e de saúde produzem a todo momento trabalhos incríveis sobre as mais diversas áreas do conhecimento. Mas nas humanidades, onde mais se pode perceber o pesquisador dentro de sua produção, há de se fazer perceber também as lágrimas que são derramadas ao longo da escrita destes trabalhos, para que aqueles que vierem depois de nós saibam quão dificultoso era e ainda é o caminho em que escolhemos transitar.

Uma nota de atualização - sobre dificuldades contínuas

Retorno novamente a este tópico, acho que até a versão final deste trabalho ser entregue na biblioteca da universidade várias vezes precisarei voltar aqui. Alguns questionamentos surgem ao longo das pesquisas de referencial sobre meus pensamentos acerca da temática e outras correlatas que costumo fazer quando o cansaço mental é direcionado ao tema debatido em questão.

Primeiramente, quando relato a você leitor, essa trajetória tortuosa e recheada de violências simbólicas, eu jamais pretendo lhe motivar a desistir do sonho acadêmico; pelo contrário, gostaria de propor um exercício de narrar aquilo que vivenciamos verdadeiramente em nosso caminho, para além das felicidades do momento final. Manter viva a memória de todo um sistema ao qual enfrentamos como forma de materializar nossas dores para que elas nunca sejam esquecidas. E através da consciência propormos novas possibilidades para os espaços de poder que alcançamos. Mesmo que sem um cargo ou função propriamente, estamos sempre em uma posição hierárquica superior a alguém, uma vez que vivemos em uma sociedade racializada de classes.

Durante a realização de meu Estágio Docência nesta instituição, outros sistemas de opressão operaram sob minha subjetividade e de certo modo também sobre a subjetividade de meu orientador, uma vez que ambos somos negros e homossexuais. Tentando, de forma breve, resumir as questões que me levantaram a

narrar este fato no corpo deste trabalho, o ponto principal é a ausência de normatização do estágio realizado dentro da UFOPA.

Não há nenhuma normativa que proíba um aluno de pós-graduação regularmente matriculado de ministrar aulas previamente planejadas e deliberadas entre a turma e o professor que acompanha o estágio. Em uma das noites em que o curso ocorreu, fui deliberadamente impedido de ministrar as aulas, sendo alegado que eu não possuía autorização, tão pouco a qualificação necessária para estar em sala desacompanhado, o que desestabilizou mais uma vez minha saúde mental e em busca de respostas para o ocorrido, decidi procurar a ouvidoria da universidade⁴⁸.

Passados os prazos, minha queixa foi respondida através de uma reunião com representantes da instituição, o diretor do Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural ao qual está vinculado o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Ambientais. Onde descobri a ausência de regulamentação e a total arbitrariedade no que havia acontecido comigo, o servidor envolvido no caso não podia ter tomado a decisão de impedir as aulas sozinho, tão pouco liberar a turma que estava sob minha responsabilidade. Posterior ao fim do estágio e antes da resposta final da ouvidoria, soube de uma situação idêntica a minha, um pós graduando ministrava livremente as aulas sem a presença de um professor neste mesmo curso de graduação. Mas havia uma grande diferença: tanto o aluno quanto o professor, não são pessoas negras, tão pouco possuem uma identidade homossexual desviante.

Você deve estar se perguntando, onde quero chegar com este relato de violência? Que mais uma vez atravessa este trabalho e permeia minha mente enquanto escrevo sobre as relações entre subjetividades. Cida Bento (2022), em seu livro “o pacto da branquitude”, enfatiza a existência de um pacto narcísico da subjetividade das pessoas pertencentes aos grupos dominantes que reproduzem um ideal de identificação entre os seus iguais, que consciente ou inconscientemente decidem se “proteger” da presença e acesso dos grupos minoritários a certos locais de poder, ou a certos benefícios sociais.

Um corpo negro, assumidamente homossexual, ocupando espaços incomoda, dois então não se pode imaginar quais os mecanismos acionados na subjetividade racista e homofóbica. Há então de se perceber que independente de onde estivermos, sempre serão acionadas contra nós, ferramentas de controle que

⁴⁸ O e-mail com a íntegra da denúncia e sua resposta pode ser encontrado no Anexo 3.

sobrepõem múltiplos sistemas de opressão e formas de violência. Rememorando este caminho sinuoso, proponho então que consigamos através da identificação. Pensar novos caminhos, e novas possibilidades de existência e resistência.

Pensar uma possibilidade de produção *queer*, que não somente combate às opressões subjetivas e materiais impostas em nossas trajetórias, como também possa manter viva a memória do que passamos até chegarmos onde chegamos. Relembrar, manter viva a memória do que nos foi causado, possibilita que estejamos sempre prontos para enfrentar as novas formas que os antigos desafios se apresentam em nosso caminho. Pensar o mundo através de uma perspectiva consciente, questionadora e politicamente ativa e comprometida com a mudança.

Considerações finais ou o texto que nunca finda

É nesse contexto que Rawi construiu sua persona como sujeito queer amazônida, agregando esteticamente ao seu *self* elementos peculiares da cultura varzeira amazônica. Segundo Giddens a construção da identidade é distribuída de forma plural na modernidade. Isso torna imperativa a busca de uma autoidentidade, aquela que distingue um sujeito no meio de tantos outros. Essa autoidentidade de Rawi é singularizada por uma construção estética que cruza elementos como terçado, chapéu de palha, roupas de pescador, purpurina, gloss e muita *fechação*⁴⁹.

A autoidentidade de Rawi dialoga com o próprio fluxo das águas e sua dimensão simbólica. A sua identidade fluida “brinca” com os elementos da masculinidade, colocando-a de cabeça para baixo (*upside down*). A subjetividade aí se enuncia e coloca Rawi no meio do palco da condição da identidade *queer* na modernidade: ela inverte, subverte, recria, apropria, quebra padrões estabelecidos pelo *mainstream* social.

O “eu” subjetivo para Giddens (2013) é monitorado pelos reflexos da ação. O *self* se desdobra e introjeta artefatos da memória e corpo. A memória em Rawi é objetivada pelos elementos simbólicos da vida rural, no caso a varzeira. O rural é um espaço social pouco compreendido quando falamos em Amazônia e muitas vezes invisibilizado. Rawi retoma o rural com a força do seu terçado que abre caminhos. Esses caminhos aqui são pensados a partir da ideia de um *self* que se liberta das amarras do ego e salta para a realização do princípio do prazer.

⁴⁹ Ato esplendoroso feito pelo sujeito para causar impacto na sua percepção.

O “self” é visto como um projeto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável. Nós somos não o que somos, mas sim o que fazemos de nós. Não seria verdade dizer que o “self” é entendido como inteiramente vazio de conteúdo, pois há processos psicológicos de autoformação, e necessidades psicológicas, que fornecem os parâmetros para a reorganização do “self”. De outro modo, porém, aquilo em que o indivíduo se torna dependente dos esforços reconstrutivos em que se empenha. Estes são muito mais do que o simples “tentar conhecer-se melhor”: o autoconhecimento está subordinado ao objetivo mais englobante e fundamental de construir e reconstruir um sentimento de identidade coerente e recompensador (BENDER e KOELZER: 2017, p.28)

Quase que no ato de encantar e metamorfosear-se, o momento em Rafael se transfigurou em Rawi, passou a agregar em si os marcadores da identidade varzeira amazônida apresentadas aqui. Entre as resistências e lutas pelo direito ao território, existem o encanto, os encantados e o mundo do fundo. Suas performances são a materialidade das potencialidades que este território tem e as possibilidades para a sua construção intersubjetiva em múltiplas dualidades, passado e presente, várzea e terra firme, místico e profano.

Assim como os encantados que arrastam para o fundo do rio, a apresentação de Rawi é um processo de/para encantar o público e levá-los para um mundo de possibilidades questionadoras. Tensionando os limites de um corpo que se coloca como o ponto de atrito entre a binariedade hegemônica e um sujeito que se recusa a adequar-se a esta. E assim como os varzeiros deste território, permanece na luta pelo direito de existir e fazer parte de um território em disputa, corpos e afetos em disputa. Território que se materializa nos “limites” que um corpo-político pode ter.

Como o rio que hora cobre a terra para renová-la com vida para o momento de sua ausência, Rawi é entidade que se manifesta *agênero*, potencializando o terreno em disputa constante pelo controle social e as subjetividades desviantes. Entre o masculino e o feminino, uma potência transformadora e instigante que encanta o público com olhar de serpente de fogo (figura 17).

O *queer amazônida* é então o encontro de múltiplos caminhos e trajetórias, de um povo que está constantemente em um processo de luta, buscando conquistar seu direito de existir, e preservar a natureza que está diretamente ligada a sua existência. A intersecção entre uma história varzeira e urbana, que ao mesmo

tempo carrega em si a urbanidade de uma sexualidade e identidade desviantes, e a tradição de uma luta coletiva.

Figura 17: O encanto se inicia, a cobra grande veio para te buscar.



Fonte: Instagram do artista (@artedebicha), 2022. A autoria: Barbara Vale.

Este encantado personificado é talvez o herói mítico de Santos (2019), que com seu facão que abre caminhos, corta as lutas materiais contra a intolerância, hegemonia sexual e de gênero. Mas que também toca o encantado, abrindo caminhos por entre o mau olhado, a inveja e o quebranto de quem desumaniza sujeitos dissidentes. Assim como os encantados dos rios e florestas protegem os seus territórios e instigam a unificação da identidade varzeira, Rawi instaura questionamentos em seu público. Onde é o limite da identidade amazônica, quão

plural e abrangente pode ser a luta de um povo que aprendeu através da coletividade a resistir às opressões que os colonizadores impuseram sobre eles?

Enquanto manifestação de uma sexualidade desviante e marginal, o incômodo é provocado pela recusa em ficar na escuridão, conter-se em um local obscuro que é ao mesmo tempo componente materializador de um sexo proibido, de afetos rápidos e inomináveis. Longe do poder controlador, existir é um incômodo, sair das trevas para luz dos holofotes de um palco é um processo de exposição à violência retaliadora, mas os instrumentos de proteção se fazem presentes. O facão que ao mesmo tempo é ferramenta de defesa e ataque, une-se ao chapéu de palha que deixa sob os olhos uma escuridão confortante.

Nesta dualidade analítica, bem e mal, luz e trevas, superfície e fundo, rio e terra, há a contraposição entre a hegemonia e o insurgente. A luz sendo o poder violento exercido de cima sobre o sujeito, enquanto as sombras que o chapéu produz é a lembrança de um conforto trazido pelo território social de origem, onde o sujeito encontra as forças necessárias para o enfrentamento, talvez até uma forma de adentrar este universo repressor com as possibilidades existenciais de um local que acolhe, transforma e dá forças. Nas sombras, há um universo desconhecido pelo opressor e que pode ser transformado em instrumento de transformação, da mesma forma que não se pode separar a floresta, os rios e lagos da existência varzeira.

E as hipóteses iniciais? Este trabalho mostrou-se muito mais complexo e interessante de se analisar do que o esperado inicialmente. Talvez um primeiro passo em um universo de possibilidades tão rico e interessante como o amazônico, com seus povos múltiplos e pluriculturais. Minha primeira hipótese era a da construção da identidade *queer* amazônica através do entrelaçamento intersubjetivo do sujeito com a sociedade e os circuitos que este integra dentro da mesma. Rawi enquanto sujeito estudado, me permite consolidar esta hipótese a partir de sua biografia, que constantemente se transforma e repensa suas possibilidades através dos entrelaçamentos que ele vai construindo e solidificando ao longo de sua jornada. Ser ou mesmo estar, algo nomeável ou que ainda precise ser nomeado dentro de um coletivo é constantemente trabalhado e pensado dentro das possibilidades materiais que são colocadas para os sujeitos. E as relações que Rawi construiu para si, transformou e ressignificou são as portas que se abrem para estas novas realidades da mesma maneira que são o firmamento que sustenta todo o seu

engajamento político. O lugar de acolhimento que o recebe sempre que é preciso descansar para uma próxima apresentação, luta política ou mesmo questões de cunho pessoal.

A segunda hipótese, era das possibilidades que se abriam através das performances de sujeitos LGBTQIAPN+ no meio social para os demais indivíduos que tinham a possibilidade de acessar estes trabalhos. Não somente Rawi é a materialização deste impacto, quando nos revela que sua identidade é pensada a partir do local que ele ocupa, mas também das possibilidades apresentadas por outros artistas *queer*, que questionam a hegemonia e foram então apresentados a ele pelas mídias. Seu trabalho também é um desses agentes de transformação, ele possui seus fãs mirins que são filhos de amigos ou mesmo filhos de pessoas que prestigiam seu trabalho. E em conversas rápidas com os pais de uma dessas crianças, pude perceber como através do exemplo visual da identidade de Rawi era trabalhada a inserção para este indivíduo de temáticas que antes eram vistas como *tabu* pelos pais. A exemplo das possibilidades acerca das identidades de gênero, como também afetivas que um sujeito com agência construída através da visão libertária pode ter.

Por fim, este é talvez apenas meu primeiro passo dentro das temáticas possíveis de estudo dentro das questões de gênero e sexualidade no contexto amazônico. Campo este que se mostra rico e diverso tanto quanto a sigla que representa esta comunidade. Espero que você, que tem acesso a este trabalho, e esteja ou não pensando em desenvolver pesquisas nesta área possa através dele encontrar algum tipo de inspiração, mais do que as teorias aqui aplicadas e debatidas. E possa ainda ir além, propondo uma nova escrita *queer*, que possa dobrar as brechas deixadas pela hegemonia, para então pensar através do nosso olhar outras formas de ocupar a academia e produzir novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **“O que é interseccionalidade?”** Belo Horizonte - MG: Letramento: Justificando, 2018.
- ALCANTARA, João André da Silva. **As (des) construções do macho nordestino em videoclipes: um estudo das performances de Daniel Peixoto e Johnny Hooker.** 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- ALMEIDA, Luciana Schleder. PANDEMIA, “AGRO” E “SOFRÊNCIA”: JORNALISMO, PROPAGANDA E ENTRETENIMENTO NO DEBATE PÚBLICO SOBRE O MODELO AGRÍCOLA. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 34, p. 367-383, 2021.
- ALMEIDA, Mauro. **Caipora e outros conflitos ontológicos.** Ubu Editora, 2021.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ALVES, Cláudio Eduardo R. Mulheres cisgênero e mulheres transgênero: existe um modelo legítimo de mulher. **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, v. 11, 2017.
- BARBOSA, Jonismar Alves; MOREIRA, Eliane Cristina Pinto. Impactos Socioambientais da expansão do agronegócio da soja na região de Santarém-PA e a crise dos instrumentos de governança ambiental. **Revista Jurídica da FA7**, v. 14, n. 1, p. 73-87, 2017.
- BENDER, Mateus; KOELZER, Larissa Papaleo. A TRAJETÓRIA DO SELF E AS VIOLÊNCIAS PSICOLÓGICAS NO AMBIENTE DE TRABALHO. **Revista Laborativa**, v. 6, n. 2, p. 23-38, 2017.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** Companhia das Letras, 2022.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERNARDO, Luany Dias; TOZATTO, Alessandra. RACISMO E SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL: NOTAS PARA UMA PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 12, p. 436-459, 2022.
- BERTH, Joice **“O que é empoderamento?”** Coleção Feminismos Plurais. Grupo Editorial Letramento, Belo Horizonte, 2019.
- BESERRA, B. **Sob a sombra de Carmen Miranda e do carnaval: brasileiras em Los Angeles.** Cadernos Pagu, [S. l.], n. 28, p. 313–344, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644808>
Acesso em: 18 de setembro de 2023.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BISPO, Antonio. “**Colonização, quilombos: modos e significados**”. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI-UnB/CNPq). Brasília, DF, 2015.

BITTENCOURT, Luiza et al. Gênero e performance na benção do lacre de Liniker. **Interfaces Científicas-Humanas e Sociais**, v. 6, n. 2, p. 223-232, 2017.

BOITO JR, Armando et al. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica marxista**, v. 50, p. 111-119, 2020.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Editora Bestbolso, 2014.

_____, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Editora Perspectiva, 2006.

BRAH, Avtar. “Diferença, Diversidade, Diferenciação”. In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2006. n.26 p.329-376.

BRANCO, Guilherme Castelo. **As resistências ao poder em Michel Foucault**. *Trans/form/ação*, v. 24, p. 237-248, 2001.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Cadernos de leituras**, 1988.

_____, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

_____, Judith. **Relatar a si mesmo**. Autêntica, 2015.

CARDOSO FILHO, Jorge et al. Pablio Vittar, Gloria Groove e suas performances: fluxos audiovisuais e temporalidades na cultura pop. **Revista Contracampo**, v. 37, n. 3, 2018.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **cadernos pagu**, p. 65-99, 2007.

CIRINO, Oscar. **O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault**. *Mental* [en linea]. 2007, V(8), 77-89 ISSN: 1679-4427. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42050806> . Acesso em: 18 de setembro de 2023.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. 320p.

COLLING, Leandro. **A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade**. *Sala Preta*, v. 18, n. 1, p. 152-167, 2018.

COSTA, Angelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano. O casamento "homoafetivo" e a política da sexualidade: implicações do afeto como justificativa das uniões de pessoas do mesmo sexo. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 1, p. 137-150, 2015.

DA SILVEIRA, Maura Imazio; PAHL SCHAAN, Denise. Onde a Amazônia encontra o mar: estudando os sambaquis do Pará. **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 67-79, 2005. DOI: 10.24885/sab.v18i1.205. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/205>. Acesso em: 24 out. 2023.

DE MORAES, Dênis. Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural. **Revista Contracampo**, n. 01, 1997.

DE OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso. O que é isso que chamamos de antropologia brasileira?. **Anuário Antropológico**, v. 10, n. 1, p. 227-246, 1986.

DE SOUZA, Felipe Freitas. Como o fascismo funciona: a política do Nós contra Eles. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 18, n. 211, p. 118-120, 2018.

DOS SANTOS, Elber Norton de Souza; DE CARVALHO, Luciana Gonçalves. Memórias do comércio da juta no baixo-amazonas. V Reunião Equatorial de Antropologia e da XIV (décima quarta) Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. Maceió, 2015.

_____, Elber Norton de Souza; Em torno da jiticultura: apontamentos sobre o sistema de aviamento na cadeia de produção da juta. 2018. Monografia de graduação em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém, 81 p.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão social do trabalho**. São Paulo, Martins Fontes. 1999.

_____, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, Paulus Editora. 2001.

_____, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo, Martins Fontes. 2014.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FIGUEIREDO, E. **Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler**. Revista Criação & Crítica, [S. l.], n. 20, p. 40-55, 2018. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v0i20p40-55. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143> . Acesso em: 18 de setembro de 2023.

FERREIRA, Roberth Rodrigues. Uso dos recursos comuns: uma análise da gestão comunitária da pesca na comunidade Ilha de São Miguel, Santarém, Pará. **REVISTA CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**, v. 4, n. 7, p. 227-246, 2020.

_____, Roberth Rodrigues. **Gestão da pesca na Ilha de São Miguel, Santarém, Pará: mobilização política para acesso, uso e controle dos recursos pesqueiros locais**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Oeste do Pará.

FERREIRA, Roberth Rodrigues; DA SILVA, Rubens Elias. Acordo de Pesca como Gestão dos Recursos: o caso da ilha de São Miguel, Santarém, Pará. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 9, n. 1, p. 156-178, 2018.

FOUCAULT, Michel. **De espaços outros**. Estudos avançados, v. 27, p. 113-122, 2013.

_____, Michel. **Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade**. verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol., n. 5, 2004.

_____, Michel. **Tecnologias de si, 1982**. verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol., n. 6, 2004.

FRANCH, Mônica; NASCIMENTO, Silvana. A produção antropológica em gênero e sexualidades no Brasil na última década (2008-2018). **BIB - Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais**, (92), 1–29, 2020. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/506> . Acesso em 18 de Setembro de 2023.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado?. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 1, p. 45-60, 2003.

GADELHA, D. .; MAIA, Y. .; LIMA, R. L. A. de . **Drag, glamour, filth: gênero e monstruosidade em Rupaul's Drag Race e Dragula**. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 61, p. e216111, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8666963> . Acesso em: 18 de setembro de 2023.

GEERTZ, Clifford. **“Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”**. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

GODELIER, Maurice. **Godelier: Antropologia**. Ática, 1981

GODINHO, Priscila Duarte. **“ONDE POSSO EXISTIR?: Histórias de vidas, reconhecimento e sociabilidade de mulheres que amam mulheres em Santarém-PA”**, 2019, 42 f. Trabalho de Conclusão de curso (Bacharelado) Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Santarém, 2019.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 17 ed. Petrópolis, Vozes, 2009a.

_____, Erving. **Stigma: Notes on the management of spoiled identity**. Simon and schuster, 2009b.

GOIS, D. M. "**Pérola do Tapajós: Santarém e o cotidiano de uma cidade no interior da Amazônia no final da década de 20**". In: ARENZ, K. H.; LAURINDO JR, L. C.; GOIS, D. M. Baixo Amazonas: histórias entre rios, várzea e terra firme. São Paulo: Intermeios, 2022, p. 235-270.

GOLOBOVANTE, Maria Conceição. A AMAZÔNIA INDICIAL (OU) O SIGNO AMBIENTAL NAS OBRAS DE JALOO, CLÁUDIA LEÃO E BERNA REALE. **Revista Belas Artes**, v. 24, n. 2, 2017.

GREEN, James Naylor; TRINDADE, Ronaldo; DA SILVA, José Fábio Barbosa. **Homossexualismo em São Paulo: e outros escritos**. Unesp, 2005.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. **Etnografia**. Editora Vozes, 2022.

HARRIS, M. Presente Ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: ADAMS, C. MURRIETA, R.; NEVES, W. (ed.). **Sociedades Caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 81-108.

JANOTTI JR, Jeder Ailveira; DA SILVA ALCÂNTARA, João André. Como falar de si mesmo no videoclipe? A música popular massiva como parte constituinte de um sujeito inacabado//How to talk about yourself in the music video? Pop music as a constituent part of an unfinished subject. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, v. 14, n. 3, p. 354-367, 2016.

JÉRÔME, Laurent; DA SILVA, Rubens Elias. Être (s) d'eaux et de forêts: images du territoire et relations aux non-humains dans les cosmologies autochtones du Québec et du Brésil. **Recherches amérindiennes au Québec**, v. 50, n. 1, p. 139-150, 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. "Transfobia e crimes de ódio: assassinato de pessoas transgênero como genocídio". **História Agora**, 2013, v. 16. pp. 101-123.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, p. 103-117, 1998.

KULICK, Don. "**Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no brasil**". Rio de Janeiro, Editora Fiocruz. 2008, 280 p.

LANDES, Ruth. **A Cidade das Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 352 p. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. "**Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**". Petrópolis: Editora Vozes, ed. 7, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor et al. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**, v. 2, p. 12-53, 1996.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do pacífico ocidental**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

MARANHÃO F., Eduardo Meinberg de Albuquerque; COELHO, Fernanda Marina Feitosa; DIAS, Tainah Biela. Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional. **Correlatio**, v. 17, n. 2, p. 65-90, 2018.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; PETRY, Analidia Rodolpho. “Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para pesquisa”. **Textos & Contextos**, vol. 10, num. 1, Janeiro-Julho, 2011. pp. 193-198.

MIZRAHI, M.. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. **Cadernos Pagu**, n. 52, p. e185215, 2018.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado—notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**, v. 9, n. 2, 2009.

_____, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 725-748, 2017.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, v. 4, n. 1, p. 54-77, 2010.

OLIVEIRA, Luís R. Cardoso de. O ofício do antropólogo, ou como desvendar evidências simbólicas. **Anuário Antropológico**, v. 32, n. 1, p. 9-30, 2007.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, n. 42, p. 377-391, 2014.

_____, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 2, 2008.

PEREIRA, José Carlos Matos. O papel de Santarém como cidade média na Amazônia Oriental. In: CASTRO, Edna (org.). **Cidades na floresta**. São Paulo: Annablume, 2009, p. 329 – 352.

PETRY, Analidia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. “Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa”. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), vol. 10, núm. 1, Janeiro- Julho, 2011, pp. 193-198.

PINHEIRO, Diego Alano de Jesus Pereira. “**Quando o banheiro é o armário: estudo antropológico com abordagem etnográfica sobre as práticas de sociabilidade homoerótica em Santarém-PA**”. 2014, 67f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado). Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA),

Santarém, 2014.

PRETTO, Hermilo Eduardo. **Antropologia da festa**. ESPAÇOS-Revista de Teologia e Cultura, v. 7, n. 1, p. 23-33, 1999.

QUEIROZ, Flávio de Araújo. **Ney Matogrosso: sentimento contramão, transgressão e autonomia artística**. 2009.

RAGO, M. **Descobrimos historicamente o gênero**. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 11, p. 89–98, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465> .

Acesso em: 18 de setembro de 2023.

REA, Caterina Alessandra; AMÂNCIO, Izzie Madalena Santos “**Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul**” in Cadernos Pagu, 2018. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-83332018000200507&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 18 de setembro de 2023.

REIS, Gustavo Moraes Rego. A Cabanagem. **A Defesa Nacional**, v. 49, n. 579, 1962.

REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos et al. Entrevista: Bernard Lahire. **Sociologias. Porto Alegre, RS**, 2015.

RIBEIRO, Djamila. “**O que é lugar de fala?**” Coleção Feminismos Plurais. Grupo Editorial Letramento, Belo Horizonte, 2017.

SALIH, S. (2012). **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica.

SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. **Introdução à semiótica**. Paulus Editora, 2021.

SANTANA, Dora. “**Quão Trans é o Trans Atlântico Negro?**” Blogueiras Negras, 2016. Disponível em:

<http://blogueirasnegras.org/quao-trans-e-o-trans-atlantico-negro/> Acesso em: 18 de Setembro de 2018.

SANTOS, Creuza Andréa Trindade dos. CHAVES, Mayco Ferreira. “**Publicação de normas técnicas para apresentação de trabalhos científicos da UFOPA**”.

Santarém, 2014, 68 f. Disponível em:

<http://www.ufopa.edu.br/media/file/site/ufopa/documentos/2018/6399335457eef668b83153539a4ca201.pdf> Acesso em: 18 de Setembro de 2023.

SANTOS, Pauliana Vinhote dos. “**VEM CÁ QUE A SUCURI TÁ ME LEVANDO**” Mediação entre humanos e não-humanos e a construção de territórios das águas na Comunidade de Pixuna do Tapará (Santarém-Brasil). Dissertação - Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém, 2019, 188 p.

SCOTT, J. W. Gender: a useful category of historical analyses. In: SCOTT, J. W. Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press, 1989.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**, v. 39, p. 145-159, 2013.

SILVA, Rubens Elias; FERREIRA, Roberth Rodrigues. Construção de Acordos de Pesca e Políticas Públicas para gestão de recursos pesqueiros na Região de Santarém, Pará (1990-2004). **O Social em Questão**, v. 21, n. 41, p. 327-354, 2018

SILVA, Silas Veloso de Paula. Ideologia de Gênero e Seus Sentidos: Embates Hegemônicos acerca do Ensino e Discussão de Gênero na Educação. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 400–426, 2020. DOI: 10.14295/de.v8i1.10914. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/10914> . Acesso em: 18 de Setembro de 2023.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo, Editora Unesp, p. 309-336, 2005.

SINGER, André et al. Por que assistimos a uma volta do fascismo à brasileira. **Folha de São Paulo**, v. 9, 2020. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2020/junho/20.06-Por-que-assistimos-volta-do-fascismo.pdf> Acesso em: 18 de Setembro de 2023.

SOUZA, Tedson da Silva Souza. “Fazer **BANHEIRÃO**: As dinâmicas das interações Homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e Adjacências”. 2012, 118f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia (UFBa), Bahia, 2012.

SPENCER, Herbert. **Primeiros Princípios**. Cânone Editoração LTDA, 2014.

STENBORG, Per; SCHAAN, Denise Pahl; LIMA, Marcio Amaral. Precolumbian land use and settlement pattern in the Santarém region, lower Amazon. **Amazônica Revista de Antropologia**, Belém, v. 4, n. 1, p. 222-250, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v4i1.886>. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/3197>

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

WAWZYNIAK, . V. “Engerar”: uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo. Ilha - **Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 033–055, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15357>. Acesso em: 24 out. 2023.

ANEXOS

ANEXO 1 - TCLE Assinado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: *SUJEITO QUEER E BIOGRAFIA ERRANTE NO CENÁRIO MUSICAL SANTARENO NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI: gênero e indivíduo no interior da Amazônia*

Nome do Orientador da Pesquisa: Dr. Rubens Elias Duarte Nogueira

Nome do Pesquisador Responsável: Igor Oliveira da Silva

O Sr. (a) está sendo convidado(a) a participar de um projeto de pesquisa com o título acima citado. Este documento tem o objetivo de esclarecer informações necessárias sobre esse estudo e sanar dúvidas quanto à pesquisa que estamos realizando. Sua colaboração é de grande importância para nós, porém caso deseje desistir a qualquer momento vos deixo ciente que não haverá qualquer prejuízo.

O participante da pesquisa fica ciente que:

- I. O **objetivo principal do presente estudo** é: Compreender a construção da identidade *queer* amazônica, numa cidade no interior da Amazônia. Com enfoque na trajetória biográfica dos sujeitos.
- II. Os **Procedimentos Metodológicos**: para coleta de dados serão realizadas entrevistas e registros audiovisuais das performances artísticas no município de Santarém - PA.
- III. As entrevistas serão guiadas por questionário semi-estruturado, pensado previamente pela equipe. Sendo este questionário desenvolvido em acordo com o objetivo da pesquisa, que é refletir sobre a identidade *queer* amazônica, com abordagem direcionada a biografia do sujeito entrevistado, ou seja, sua história pessoal e trajetória de vida. Os dados coletados serão utilizados unicamente para produção acadêmica da pesquisa e materiais correlatos a esta, sem objetivo de retorno financeiro para ambas as partes.
- IV. A coleta dos dados será realizada pelo pesquisador responsável e os entrevistadores autorizados a partir da assinatura do Termo de consentimento Livre e Esclarecido.
- V. Todas as coletas serão realizadas por pessoas previamente autorizadas e apresentadas ao participante voluntário da pesquisa, sendo treinadas e capacitadas levando em consideração os cuidados e normas de biossegurança durante a pandemia de COVID-19.
- VI. O participante voluntário não receberá qualquer tipo de auxílio financeiro, recompensa ou remuneração por sua participação voluntária. Vale ressaltar que não haverá despesa pessoal para o participante em qualquer fase do estudo e que este trabalho será realizado com recursos próprios, uma vez que a equipe irá sempre ao encontro do participante.

Rubricas: Rafael Vitorino Soares Cunha (participante)
Igor Oliveira da Silva (pesquisador)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE



- VII. Em caso de eventual dano decorrente da pesquisa o participante tem seu direito de ressarcimento garantido e será devidamente indenizado, quando comprovado tal prejuízo em função da mesma.
- VIII. Como **benefícios**: Aos **participantes** não haverá benefícios financeiros, entretanto, é possível que a pesquisa resulte em visibilidade para o trabalho artístico através da publicação e materiais decorrentes do desenvolvimento da mesma. Além da possibilidade de contribuir para produção e divulgação de temáticas relativas a comunidade LGBTQIA+ no contexto interiorano em contraposição aos trabalhos publicados sobre estas questões em meio às grandes metrópoles. Ao **pesquisador responsável** não haverá benefícios financeiros, apenas a obtenção do título de Mestre em Ciências da Sociedade.
- IX. Os **riscos** que o participante da pesquisa corre são:
- Possíveis riscos psicológicos, como: Chateação ou aborrecimento por potencial alteração da rotina diária do entrevistado; as entrevistas podem entrar em assuntos sensíveis que gerem desconforto emocional; Exposição de temas sensíveis, como violência física e psicológica, relações conflituosas entre pessoas importantes para o sujeito, alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante;
 - Alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional, etc;
 - Riscos físicos, como: Cansaço ao responder questionários; Desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo;
- X. Em caso de informações sensíveis quanto a comportamentos ilegais ou assuntos que gerem prejuízos sociais, monetários, jurídicos ou emocionais ao participante, o pesquisador responsável se compromete, mediante solicitação do participante ou quando julgar necessário, omitir esta informação do conteúdo publicado relativo a pesquisa; os nomes de pessoas e locais serão alterados para manter a integridade, privacidade e sigilo das informações dos envolvidos direta ou indiretamente na pesquisa.
- XI. Todos os dados coletados com o único objetivo deste estudo serão armazenados pelo prazo de cinco anos, podendo ser solicitados pelo participante voluntário a qualquer momento caso desista de sua participação sem quaisquer prejuízos. Após este período, serão destruídos ficando apenas os resultados da pesquisa que tiverem sido divulgados nos meios acadêmicos e científicos.
- XII. Este documento (TCLE) será elaborado em **DUAS VIAS**, sendo rubricados em todas as suas páginas, exceto as assinaturas, e assinadas ao seu término

Rubricas: Rafael Vinícius Freires Cunha (participante)
Isabella Maria da Silva (pesquisador)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE



pelo(a) Sr(a), ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada parte.

- XIII. O participante poderá entrar em contato com os pesquisadores envolvidos - a qualquer tempo para informações referentes a este estudo - por meio dos seguintes endereços eletrônicos:
- A. Mestrando **Igor Oliveira da Silva**: iggor.3@gmail.com
 - B. Prof Dr. **Rubens Elias Duarte Nogueira**: rubens.silva@ufopa.edu.br
- XIV. Para demais esclarecimentos você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Oeste do Pará no endereço: Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, sala nº 03, bairro Salé, Santarém, Pará. CEP: 68040-255. Telefone: (93) 2101-4924, e-mail: cep@ufopa.edu.br .

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Tendo lido, compreendido e estado suficientemente esclarecido sobre os propósitos do estudo ao qual fui convidado(a) a participar, eu Rafael Vinicius Freire Cunha, CPF nº 090.226.786-67, abaixo assinado, autorizo que as informações prestadas sejam divulgadas no trabalho, bem como a gravação de áudio e/ou vídeo das entrevistas. Desse modo, concordo de livre e espontânea vontade em participar deste estudo de forma voluntária, de acordo com a proposta dos pesquisadores, tendo lido/ouvido com clareza todos os pontos acima descritos. Estou ciente de que minha participação não tem despesas, nem receberei nenhum tipo de remuneração / bonificação, podendo retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos.

Santarém, 26 de agosto de 2022.

Rafael Vinicius Freires Cunha
 Participante

Igor Oliveira da Silva
 Pesquisador(a) responsável.
 CPF: 016.053.972-29

Rubricas: Rafael Vinicius Freires Cunha (participante)
Igor Oliveira da Silva (pesquisador)

ANEXO 2 - Modelo de Conversas Semiestruturadas

1. Quem é Rafael?
2. Quem é Rawi?
3. Qual a sua trajetória? (Falar sobre sua história enquanto pessoa e artista)
4. Quais são as suas experiências?
5. Quais são suas inspirações?
6. Por que seu trabalho evidencia as questões LGBTQIAPN+ ?
7. Como você lida com a tensão de “assumir-se publicamente como sujeito homossexual e a expectativa de seus pais sobre você”?
8. A estética que você constrói para suas performances, faz sentido de que maneira?
9. Por que escolheu está dentro outras?

ANEXO 3 - E-mail de Denúncia a Ouvidoria

28/02/2023, 10:41

Webmail - UFOPA :: processo nº 23546.001975/2023-98

processo nº 23546.001975/2023-98



	De	Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural <cfi@ufopa.edu.br>
	Para	Ouvidoria-Geral <ouvidoria@ufopa.edu.br>
	Responder p...	<cfi@ufopa.edu.br>
	Data	14-02-2023 17:45

 Ata_24_01_2023.pdf (~53 KB)

À Ouvidoria,

Em atendimento à solicitação dessa Ouvidoria que pede informação sobre providências que estão sendo tomadas para tratar o assunto que consta no processo nº 23546.001975/2023-98, venho informar que realizamos reuniões com todos os servidores do IFII que foram citados na reclamação registrada pelo estudante Igor Oliveira da Silvas: Silvio Almeida Ferreira; Estelina da Silva Bento; Aliny Aylah Aguiar Viana; Pérsio Andrade Scavone. Reuni também com os estudantes representantes da turma do BICA: Tânia Barroso Sá e Raian Silva Sousa. Reuni ainda com o estudante Igor Oliveira da Silva; professor Rubens Elias da Silva; Alan Chaves (Diretor da DGDP); Jéssica de Oliveira Lopes (Diretora de Ensino e Pró-Reitora da Proen, em exercício). Os dois últimos foram convidados para atender solicitação do estudante Igor Oliveira da Silva.

Abaixo estão os depoimentos:

Silvio Almeida Ferreira afirmou que Raian, representante de turma, veio perguntar quem iria dar aula?; que Raian informou que seria o professor Igor. Silvio falou ainda que disse a Raian que iria falar com a Aliny, Coordenadora Acadêmica para pedir orientação; que a Aliny orientou o Silvio a dispensar a turma; que ele, Silvio, teria chamado a Tania e Raian, Representantes de Turma, na Gestão Acadêmica; que ele, Silvio teria transmitido o recado da Aliny, para os representantes da turma; Silvio disse que a Aliny tinha orientado a dispensar a turma. Eles, os representantes, voltaram para a turma. Silvio disse ainda que a Aliny teria falado que ia entrar em contato com o prof. Rubens. Ai o Silvio diz que não sabe o que aconteceu.

Estelina da Silva Bento afirmou que à tarde de segunda-feira, dia 09 de janeiro, mais ou menos 15h Igor perguntou se podia pegar o data show para ministrar aula, substituindo o professor Rubens; que ela, Estelina, perguntou para quando e ele, Igor, respondeu que seria para sexta-feira; que Ela disse que iria consultar a coordenadora para saber se podia entregar para ele enquanto discente; que ela teria perguntado onde seria a aula e que ele, Igor, respondeu que seria na sala embaixo. Ele deixou o contato telefônico e ficaria aguardando a resposta por telefone. Não cheguei a dar a resposta.

Silvio Almeida Ferreira: No mesmo dia por volta das 19h, Raian veio perguntar se o professor ia dar aula e ele falou que era o professor que ia substituir o prof. Rubens. Ele disse que era o prof. Igor. Silvio disse que ligou para a Aliny e queria uma informação e orientação. Silvio disse que perguntou para a Aliny se ela sabia do professor Rubens. Teria acontecido alguma coisa com ele? Se estaria afastado? Se ela sabia que teria um outro professor que assumiu as aulas dele. Silvio afirma que praticamente sabia que era o Igor. A Aliny me orientou que chamasse os representantes de turma para liberar a turma. Ela entraria em contato com o professor Rubens. Chamei os alunos representantes de turma e repassei as orientações da Aliny para os representantes Rayan e Tania.

Aliny Aylah Aguiar Viana informou o que segue: Então, eu mandei uma mensagem para o Raian às 17h, por outro motivo, para saber se ele ainda era o presidente da turma, ele disse que não. O que eu ia resolver, eu ia resolver com ele depois. Resolvi deixar o trabalho para outro dia. O Silvio me ligou e eu atendi. O Silvio perguntou se eu estava sabendo da situação do professor Rubens, que ele estava doente. Eu soube pelas redes sociais que ele estava doente. Mas, eu não havia recebido comunicação nenhuma que ele seria substituído por alguém. Estava esperando receber da direção essa informação. A resposta que eu dei para o Silvio foi que eu não estava sabendo, pedi para ele pedir para os alunos até o outro dia para eu dar uma resposta. Não pedi para dispensar os alunos. Até porque nem eu sabia o que fazer com o mestrando. Eu ia perguntar para o professor Valdomiro. Era uma coisa que fugiu do que eu saberia resolver. Uma porque eu nem estava sabendo o que estava acontecendo, outra porque eu não sabia como agir. Não sabia se ele podia continuar ou se ele não podia. No outro dia, Primeira coisa que eu fiz foi perguntar para o professor Valdomiro: professor, como é que a gente faz? Porque o Silvio disse que os alunos estavam reclamando porque não é o professor que está dando aula, é um aluno, é um mestrando. O professor já sabia de algumas coisas porque o Rubens ligou para ele, após o ocorrido. Eu não estava sabendo. Na mesma hora, essa aluna, a Tania, me mandou uma mensagem (whatsapp), por volta das 9h30 da manhã: "Bom dia, sou a presidente da turma agora. Queria saber sobre a situação da nossa turma em relação as aulas do professor Rubens (Igor) se vamos poder voltar?". Eu respondi: Como assim voltar? Eu perguntei isso porque eu ainda não havia resolvido a situação. Se em algum momento o Silvio ouviu que era para dispensar a turma, ele ouviu errado. Porque eu nem sabia o que era para fazer. Era para o mestrando dar a aula, e depois eu ia resolver com o Rubens. Se ele fez alguma coisa errada, a gente ia cobrar do Rubens. Isso eu não ia fazer. Porque eu nem sei se isso era um ato que eu poderia fazer ou não. Eu ia perguntar para o professor Valdomiro. E foi a primeira coisa que eu fiz. Quando eu perguntei: Como assim voltar? A Tania me mandou um áudio que falava o seguinte: "Porque assim... a gente estava tendo aula com o substituto do professor Rubens, creio eu que seja um aluno dele. E aí, ontem o Silvio chamou a gente lá na sala e pediu que a gente voltasse para casa que não podia ter aula porque parece que o professor Rubens não comunicou a coordenação de que teria um aluno professor-substituto para dar aula para a gente. Entendeu? Ai a gente veio embora para casa. Ai a gente está querendo saber em relação a isso, para a gente voltar para a sala, né? Voltar porque os alunos querem estudar. Estão até gostando do rapaz, todo mundo. Né? Ele é uma boa pessoa para dar aula. E, também, mesmo que a gente não tenha aula agora, a gente vai ter que ter essas aulas depois. Então, a gente estava querendo ter essas aulas agora em janeiro, entendeu? Só que aí o Silvio anunciou isso ontem, chamou lá na sala para dizer. Ai a gente liberou a turma e está esperando alguma resposta da coordenação para os alunos voltarem ou não, entendeu? Porque pelo que eu entendi, o professor Rubens não falou lá na secretaria que ia ser, ia colocar um estagiário para dar aula para a gente enquanto ele estava afastado, né? que ele está doente, quebrou o braço, uma coisa, assim..." Segundo Aliny, "a resposta que eu dei para ela na mesma hora: Vou falar com a direção a respeito e entro em contato com você. Porque até nessa hora eu ainda não sabia o que a gente ia fazer. Ai, falei com o professor Valdomiro (no outro dia), aí ele falou: "Não, Aliny a gente vai resolver". Ele já tinha até falado com o professor Pérsio. "Fique tranquila que o professor Pérsio vai acompanhar ele". Eu achei até que o assunto estava resolvido. Mas, eu não me envolvi. Eu não dei ordem nenhuma. Nem para dispensar a turma, nem para... porque eu não sabia o que fazer. Eu nem sabia que o professor Rubens não estava dando aula, era o aluno que estava dando. E também não sabia se eu podia tirar o aluno da sala ou não. Quando a aluna me falou aqui que o Silvio chamou eles para ele (Igor) não dar aula. Eu comuniquei o professor Valdomiro, no outro dia. E o professor respondeu: "Não, nós já resolvemos". Eu falei: tudo bem. Continuando as mensagens da aluna às 12h24: "Oi, alguma

28/02/2023, 10:41

Webmail - UFOPA :: processo nº 23546.001975/2023-98

novidade sobre o assunto?" Eu respondi: Sim, Tania. Porque o professor Valdomiro, um pouquinho antes do almoço, resolveu isso com o professor Rubens. Eu já ia repassar. O Igor vai dar aula hoje sob a supervisão do professor Pêrsio. Você pode repassar para a turma? Pedi isso a ela, porque ela se intitulava presidente aqui. Ai ela responde: "Ok, sim. O povo já recebeu e-mail confirmando". Ai eu disse: obrigada. Pronto. Para mim o assunto tinha morrido. Nunca pensei que fosse chegar um e-mail da Ouvidoria dizendo que eu dei a ordem para dispensar os alunos. Que eu orientei isso. Se eu, foi a primeira coisa que eu disse para o professor Valdomiro 8h da manhã que eu não sabia o que fazer. Eu falei: Silvio dá para você pedir para os alunos, foi exatamente essas palavras que eu usei, para eles me darem um tempo até amanhã porque eu vou falar com o professor Valdomiro. Foi o que eu disse ao Silvio.

Pêrsio Andrade Scavone informou que foi convidado. Ficou sabendo que precisava acompanhar o estudante. Presenciei que o Igor falou que ia dar aula remota. Disse que estava fazendo estágio de docência e disse que iria à Ouvidoria.

TANIA BARROSO SÁ

RAIAN SILVA SOUSA

Raian Silva Sousa informou que 19h03 o professor não havia chegado. O Raian foi até a secretaria do BICA, só estava o Silvio na sala. Raian perguntou: Silvio o professor Igor passou por aqui? O Silvio disse que não passou. O Silvio questionou se era o Igor e não o professor Rubens quem estava dando aula. O Silvio falou que não era permitido o orientando dar aula e que ele, Silvio, não havia sido comunicado dessa situação. E que iria falar com a Aliny, que é coordenadora, sobre esse assunto. Raian relatou ainda, que o Silvio sugeriu, por conta do atraso, que a turma fosse liberada, isso era antes das 19h10. Quando o Raian voltou para a sala o professor Igor já estava na sala. A aula foi iniciada. Às 19h11 o Silvio mandou mensagem via whatsapp pedindo para que o representante de turma fosse até a secretaria, sala 309. **Tania Barroso Sá** informou que convidou o Raian. Foram até a sala. O Silvio perguntou se o Igor estava dando aula, falaram que sim. O Silvio repetiu que o Igor não poderia dar aula por ele ser um estudante como vocês. E que ele tinha se informado com a Aliny e ela mandou liberar a turma. A Tania relata que ainda perguntou se não poderia deixar a aula acontecer pois a aula estava muito boa. O Silvio incisivamente disse que não, pois era ordem da coordenação. E disse ainda: pode liberar a turma que a partir de amanhã vamos tentar resolver essa situação junto com o professor Rubens. Voltaram à sala, e chamaram o professor Igor fora da sala, no privado, e fizeram o comunicado que era para liberar a turma e que os motivos eram os descritos pelo Silvio: "que ele era aluno e não poderia dar aula" e na coordenação não tinha informação que outro professor daria aula. Igor se mostrou chateado, pois havia planejado a aula durante o dia e já havia iniciado a aula. Voltaram à sala e comunicaram à turma. No outro dia, o professor Igor ministrou a aula normalmente com a presença do professor Pêrsio. Ao término da aula o Igor fez um comunicado: Disse que não daria mais aula, pois ficou chateado, desnorteado, abalado com a situação que aconteceu no dia anterior. Informou que iria à Ouvidoria e perguntou se alguém apoiaria se ele precisasse de testemunhas. A turma toda levantou a mão, inclusive a declarante: Tania Barroso Sá. Nessa última aula o Igor explicou como seria a continuidade dos acadêmicos na disciplina.

Os alunos informaram que não estão tendo aula nem remota, nem presencial. As atividades foram postadas no SIGAA. Tem textos, filme, a forma como o trabalho deve ser feito e os dias de entrega.

Além desses depoimentos, temos uma ata de reunião, em anexo, com a participação do estudante Igor Oliveira da Silva, professor Rubens Elias da Silva, Alan Chaves (Diretor da DGDGP); Jéssica de Oliveira Lopes (Diretora de Ensino e Pró-Reitora da Proen, em exercício), Zelina Patrícia de Siqueira Correa, da Secretaria Executiva do IFII e Raimundo Valdomiro de Sousa, Diretor do IFII.

Na Ata, em anexo, acima referida, o professor Rubens afirma que informou a quem de direito. Após a reunião, eu solicitei ao professor Rubens que enviasse a esta Direção texto do e-mail ou mensagem, onde conste a comunicação por ele realizada, para que eu pudesse informar a essa Ouvidoria, mas o professor Rubens respondeu ao e-mail informando que a comunicação foi verbal. E não disse a quem comunicou. Nos depoimentos, Silvio e Aliny (da gestão acadêmica) disseram que não foram avisados pelo professor Rubens sobre sua ausência em sala de aula; encaminhei e-mail ao professor Ricardo Scoles, então vice-diretor do CFL, perguntando se ele foi informado, verbalmente, pelo professor Rubens e ele, professor Ricardo Scoles, respondeu ao e-mail dizendo que não foi informado. Eu também não fui informado pelo professor professor Rubens sobre a ausência dele em sala de aula.

Solicitei do estudante Igor Oliveira da Silva o comprovante de matrícula no Estágio Docência, para informar a essa Ouvidoria, mas não recebi resposta por e-mail, até o momento. Encontrei o estudante Igor Oliveira da Silva, no dia 14 de fevereiro, quando passava pelo corredor, em frente à sala do IFII, ele me informou, verbalmente, que o sigaa não está atualizado, por isso ele ainda não respondeu ao e-mail, enviando o comprovante de matrícula no estágio docência. Eu pedi novamente que ele responda ao e-mail para que eu informe a essa Ouvidoria.

Podemos informar à Ouvidoria que tomando conhecimento do caso em tela decidimos pelas seguintes providências:

- 1 Recomendar à Gestão Acadêmica e Secretaria da Graduação para usar sempre de parcimônia no trato com a Comunidade Acadêmica e com o público em geral;
- 2 Recomendar à Gestão Acadêmica e Secretaria de Graduação que em caso de dúvidas sobre como proceder, consultem sempre a Coordenação do Bica e/ou a Direção da Unidade.
- 3 Ratificar que os servidores do Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural adotem o procedimento de comunicarem-se sempre por meios institucionais: e-mail, memorando ou outros meios, para as comunicações necessárias ao bom funcionamento da nossa Unidade Acadêmica;
- 4 Está previsto no Plano de Desenvolvimento de Pessoas - PDP do ano de 2023, capacitações aos servidores do IFII com o objetivo de melhorar as relações interpessoais;
- 5 Instar a PROPPIT e CONSEPE para que providenciem Resolução para regulamentação do Estágio Docência na Pós-Graduação na UFOPA.

(X) Prof. Raimundo Valdomiro de Sousa -Diretor

() Profª. Ana Cristina Alves Garcez -Vice-Diretora

https://mail.ufopa.edu.br/?_task=mail&_safe=0&_uid=22824&_mbox=INBOX&_action=print&_extwin=1

2/3

28/02/2023, 10:41

Webmail - UFOPA :: processo nº 23546.001975/2023-98

--

CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR

<http://www.ufopa.edu.br/cfi/contatos/>

Rua Vera Paz, s/n (Unidade Tapajós) Bairro Salé | CEP 68040-25